



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR

**UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DA VARIAÇÃO DOS VERBOS BOTAR
E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA-CE**

FORTALEZA – CEARÁ
2018

CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR.

UM RETRATO VARIACIONISTA DOS VERBOS *BOTAR* E *COLOCAR* NO FALAR DE
FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Lavor, Cassio Murilio Alves de.

Uma fotografia sociolinguística da variação dos verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE [recurso eletrônico] / Cassio Murilio Alves de Lavor. - 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 140 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Abaiara, 2018.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo.

1. Botar. 2. Colocar. 3. Teoria Variacionista. 4. NORPOFOR. 5. Fala Popular. I. Título.

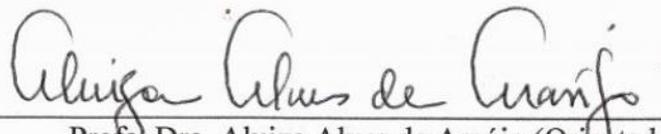
CASSIO MURILIO ALVE DE LAVOR

UM RETRATO VARIACIONISTA DOS VERBOS *BOTAR* E *COLOCAR* NO FALAR DE
FORTALEZA-CE

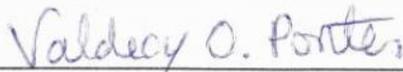
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.
Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 12 de novembro de 2018.

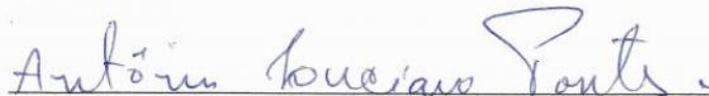
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha filha, Camila Lavor, a meu irmão (filho), Clebson Lavor, e a meus sobrinhos Ingrid Ritchelle e Davi Murilo. Que minha luta sirva de exemplo e minha conquista de inspiração na realização de seus projetos de vida.

AGRADECIMENTOS

A todos os 'Eus' que habitam em mim e por todas as vidas que dispus, não permitindo que o cansaço e as adversidades impeçam a realização de meus projetos.

À professora Dra. Claudiana, por ter enxergado em mim a alma de um pesquisador em uma época em que tudo que eu queria era continuar em minha zona de conforto.

À professora Dra. Aluiza Araújo, eterna Aluizazinha, por tornar possível a realização do que a professora Claudina profetizara e por ter sido muito mais que uma orientadora, uma inspiração para a vida.

Ao meu amigo, irmão, confidente e cúmplice Raphael Chaves, por todas as vezes que saiu do conforto de seu lar para vir a minha casa me socorrer contra o gênio maligno do meu PC e por todas as horas e discussões acerca da LA.

Ao meu amigo, professor, mentor e parceiro de tantos anos prof. Dr. Clemilton Pinheiro, por servir de inspiração e fonte eterna de conhecimentos.

À minha amiga Raquel Viana, lindona, por saber ouvir e compartilhar seus conhecimentos quando me vejo perdido e à beira da loucura.

Ao meu irmão e parceiro Clertonilton Lavor, por estar sempre disponível quando preciso de um help.

À minha mãe, mainha, pela sua força, coragem e por me fazer entender que não se deixa para amanhã o que se pode fazer hoje.

A meu pai, por ter me feito entender que humildade exagerada não é virtude, é burrice mesmo.

A toda família Lavor, por dispor em meu ser a força de um deus capaz de realizar o impossível e acreditar que a luta só termina com minha vitória, se não venci é porque a luta não acabou, deu só uma trégua.

Ao prof. Dr. Valdecy Pontes, pelas contribuições valiosas que só enriqueceram essa pesquisa, durante a qualificação, oferecendo novos rumos, levando-a além do planejado inicialmente.

Ao prof. Dr. Antônio Luciano Pontes por ter aceito fazer parte da banca examinadora e pelas conversas proveitosas, sempre que temos a oportunidade de nos encontramos.

À prof. Dr. Cibele, uma alma boa que está sempre disponível a contribuir com o aluno, por ter me ajudado desde a graduação quando permitia que eu me retirasse de suas aulas para participar de grupos de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Wilson, por ser o responsável, indiretamente, por eu ter encontrado na sociolinguística um caminho possível a realização de um projeto.

Ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes, por ceder parte do seu precioso tempo na leitura e avaliação desse trabalho e por fazer parte da banca de defesa.

À Prof. Dra. Cleudene Aragão, por apresentar-me os caminhos do letramento literário.

À Prof. Dra. Vera Santiago, por me fazer enxergar o mundo com outros olhos, a partir da AD;

À prof. Dra. Dina Maria Martins Ferreira por me mostrar as múltiplas faces do sujeito;

À Jamille e a todos que compõem a secretaria do posla, por sua presteza e esclarecimentos, sempre que solicitados;

À direção e coordenação da Escola estadual Paulino Rocha, por entender minhas ausências quando precisei me ausentar para escrever essa dissertação;

À direção e coordenação da Escola Estadual João Matos, por permitir que eu usasse horas de planejamento, dentro da escola, na pesquisa e escrita deste trabalho;

Um agradecimento especial à minha orientadora, prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo, aluizazinha, pela paciência com que me conduziu, pela competência, ao me apontar os melhores caminhos para a conclusão deste trabalho, pela cumplicidade nos eventos, pela humildade, em não nos intimidar com todos os seus conhecimentos e compartilhá-los de bom grado e como parceira e amiga.

"E o que você faz para viver?", Perguntou seu novo conhecido. Sentindo-se um tanto aflita com a incapacidade do homem de ver que ela não estava interessada em falar com ele, ela respondeu sucintamente: "Eu sou sociolinguista".

Ele não captou a mensagem. "Oh, sim?" (Um sorriso insinuante) "E o que um sociolinguista faz?"

Ela faz uma pausa, em seguida, nivela um olhar de aço para ele: "Significa que eu ouço a maneira como as pessoas falam e eu as julgo sobre isso."

(MIRIAM MEYERHOFF)

RESUMO

A variação linguística está presente em todas as línguas, sendo impossível falarmos em homogeneidade, ou seja, a língua é heterogênea e passível a mudanças. A dinamicidade de uma língua é motivada por fatores que sistematizam e possibilitam prever a heterogeneidade. Dentre as muitas variações encontradas na língua portuguesa direcionamos nossos estudos na realização dos verbos *botar* e *colocar* na língua do cearense por acreditarmos que essas formas verbais em variação, apesar de não estigmatizadas, apresenta, para o senso comum, a forma verbal colocar como a correta, gerando juízo de valor negativo à forma botar. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), esta pesquisa analisa a variação entre as formas verbais *botar* e *colocar* a partir de dados extraídos do NORPOFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza). Temos como objetivo principal a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influencia o uso dessas variantes na amostra analisada. Selecionamos 72 informantes para estudarmos a variação dos verbos em questão, usando os inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Nossa amostra foi estratificada em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Após audição e codificação de todas as ocorrências, nossos dados foram submetidos ao programa GoldVarb X, usando o verbo *botar* como valor de aplicação. Obtivemos, em uma primeira rodada, os seguintes resultados: 664 (78,5%) para os verbos *botar* e 182 (21,5%) para *colocar*. O programa selecionou as variáveis *tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *(in) determinação do sujeito* como favorecedoras do verbo. Para a variável *tópico discursivo*, o fator *lazer* foi selecionado como mais favorecedor para o verbo *botar*. A variável *faixa etária* demonstrou que esta variação trata-se de um caso de variação estável. Para o grupo de fatores *escolaridade*, o programa revelou que o falante de 9 a 11 de escolaridade é inibidor do verbo *botar*, sendo que a *escolaridade* de 5 a 8 anos favorece o verbo *botar*, seguido da *escolaridade* de 0 a 4 anos. Quanto a variável *(in) determinação do sujeito*, o programa selecionou apenas o sujeito *determinado pelo contexto* como favorecedor do verbo *botar*. Após as rodadas com todos os grupos de fatores, fizemos várias rodadas para cada um dos sentidos do verbo *botar* e apresentamos os resultados estatísticos apenas para os fatores considerados mais relevantes. Para essas rodadas foram selecionados os grupos de fatores *tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *papel do falante* como favorecedores do verbo *botar*. Observamos que o grupo de fatores *tópico discursivo* é o mais relevante para o verbo *botar* na variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, seguido da *faixa etária* e *escolaridade*. Esta

pesquisa preenche lacunas apresentadas pela pesquisa de Carmo e Araújo (2015), ampliando os estudos descritivos sobre o uso dos verbos *botar* e *colocar*.

Palavras-chave: Botar. Colocar. Teoria Variacionista. NORPOFOR. Fala Popular.

ABSTRACT

Linguistic variation is present in all languages, it is impossible to speak in homogeneity, that is, the language is heterogeneous and susceptible to change. The dynamicity of a language is motivated by factors that systematize and make it possible to predict heterogeneity. Among the many variations found in the Portuguese language we direct our studies in the realization of the verbs *botar* and *colocar* in the language of Ceará because we believe that these verbal forms in variation, although not stigmatized, presents, for common sense, the verbal form *colocar* as the correct one, generating judgment of negative value to the *botar* form. Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; LABOV, 2008), this research analyzes the variation between verbal forms *botar* and *colocar* from data extracted from NORPOFOR (Norma do Portuguese Oral de Fortaleza). We have as main objective the analysis of the linguistic and extralinguistic factors that influence the use of these variants in the analyzed sample. We selected 72 informants to study the variation of the verbs in question, using the DID (Informal and Documentary Dialogue) type surveys. Our sample was stratified according to sex, age group and schooling. After hearing and coding all occurrences, our data were submitted to the GoldVarb X program, using the verb *botar* as application value. We obtained, in a first round, the following results: 664 (78.5%) for the *botar* verbs and 182 (21.5%) to *colocar*. The program selected the variables discursive topic, age group, schooling and (in) determination of the subject as favoring the verb. For the variable discursive topic, the leisure factor was selected as more favorable for the verb *botar*. The variable age group showed that this variation is a case of stable variation. For the group of factors of schooling, the program revealed that the speaker of 9 to 11 of schooling is inhibitive of the verb *botar*, being that the schooling of 5 to 8 years favors the verb *botar*, followed by the schooling of 0 to 4 years. As for the variable (in) determination of the subject, the program selected only the subject determined by the context as favoring the verb *botar*. After the rounds with all factor groups, we made several rounds for each of the directions of the verb *botar* and presented the statistical results only for the factors considered most relevant. For these rounds we selected the groups of factors discursive topic, age group, schooling and role of the speaker as favorers of the verb *botar*. We observed that the discursive topical group of factors is the most relevant for the verb *botar* in the variable meaning materialized by the verb in the sentence, followed by the age group and schooling. This research fills in gaps presented by the research of Carmo and Araújo (2015), expanding the descriptive studies on the use of verbs *botar* and *colocar*.

Keywords: Botar. Colocar. Variation Theory. NORPOFOR. Popular speech.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1- Frequência de ocorrência em pesquisas que nos servem como base comparativa..... | 73 |
| Tabela 2- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada..... | 75 |
| Tabela 3- Atuação da variável faixa etária sobre o verbo botar na amostra analisada... | 78 |
| Tabela 4- Atuação da variável escolaridade sobre o verbo botar na amostra analisada. | 81 |
| Tabela 5- Atuação da variável (in) determinação do sujeito sobre o verbo <i>botar</i> na amostra analisada..... | 83 |
| Tabela 6- Atuação da variável sexo para o verbo botar na amostra analisada..... | 86 |
| Tabela 7- Atuação da variável traço semântico e animacidade do objeto para o verbo botar na amostra analisada..... | 88 |
| Tabela 8- Atuação da variável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada..... | 89 |
| Tabela 9- Atuação da variável sentido materializado pelo verbo para o verbo botar na amostra analisada..... | 91 |
| Tabela 10- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada..... | 95 |
| Tabela 11- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada..... | 97 |
| Tabela 12- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada.. | 98 |
| Tabela 13- Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada..... | 100 |
| Tabela 14- Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada..... | 102 |
| Tabela 15- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada | 103 |
| Tabela 16- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada..... | 104 |
| Tabela 17- Atuação da variável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada..... | 106 |
| Tabela 18- Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada..... | 108 |

| | |
|---|------------|
| Tabela 19- Atuação da varável <i>tópico discursivo</i> para o verbo botar na amostra analisada | 109 |
| Tabela 20- Atuação da varável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada | 112 |
| Tabela 21- Atuação da varável <i>tópico discursivo</i> para o verbo botar na amostra analisada | 112 |
| Tabela 22- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada | 114 |
| Tabela 23- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada | 116 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|------------|
| Gráfico 1- Frequência das variantes botar e colocar na amostra analisada..... | 72 |
| Gráfico 2- Frequência da variável tópico discursivo sobre o verbo botar na amostra analisada | 94 |
| Gráfico 3- Frequência para os verbos botar e colocar na amostra analisada..... | 96 |
| Gráfico 3- Frequência dos verbos botar e colocar para o fator fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar e plantar na amostra analisada..... | 99 |
| Gráfico 6- Frequência de uso das variantes botar e colocar na amostra analisada | 107 |
| Gráfico 7- Frequência para o verbo botar e colocar em rodada com o fator contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar na amostra analisada. | 111 |
| Gráfico 8- Frequência para o verbo botar e colocar em rodada para o fator tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar e olhar de soslaio na amostra analisada. | 116 |
| Gráfico 9- Frequência para os verbos botar e colocar em todas as rodadas da pesquisa em amostras analisadas..... | 119 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | A VARIAÇÃO DOS VERBOS BOTAR E COLOCAR NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS..... | 20 |
| 3 | REFERENCIAL TEÓRICO..... | 26 |
| 4 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 38 |
| 4.1 | ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA | 38 |
| 4.2 | TIPO DE PESQUISA | 39 |
| 4.3 | CORPUS DA PESQUISA..... | 40 |
| 4.4 | A AMOSTRA DA PESQUISA | 43 |
| 4.5 | VARIÁVEIS..... | 47 |
| 4.5.1 | Variável Dependente | 48 |
| 4.5.2 | Variáveis Independentes | 49 |
| 4.5.2.1 | Variáveis Linguísticas | 49 |
| 4.5.2.1.1 | <i>Traço semântico e animacidade do objeto</i> | <i>49</i> |
| 4.5.2.1.2 | <i>(In)Determinação do sujeito.....</i> | <i>53</i> |
| 4.5.2.1.3 | <i>Papel do falante.....</i> | <i>53</i> |
| 4.5.2.1.4 | <i>Sentido materializado pelo verbo na sentença.....</i> | <i>55</i> |
| 4.5.2.2 | Variáveis Extralinguísticas | 61 |
| 4.5.2.2.1 | <i>Sexo.....</i> | <i>61</i> |
| 4.5.2.2.2 | <i>Faixa etária</i> | <i>63</i> |
| 4.5.2.2.3 | <i>Variável escolaridade.....</i> | <i>64</i> |
| 4.5.2.2.4 | <i>Tópico discursivo.....</i> | <i>65</i> |
| 4.6 | LEVANTAMENTO DE DADOS | 68 |
| 4.7 | CODIFICAÇÃO E DIGITAÇÃO DOS FATORES | 68 |
| 4.8 | A FERRAMENTA ESTATÍSTICA | 69 |
| 5 | DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 72 |
| 5.1 | VARIÁVEIS SELECIONADAS COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES | 74 |
| 5.1.1 | Tópico Discursivo | 74 |
| 5.1.2 | Faixa Etária..... | 77 |
| 5.1.3 | Escolaridade..... | 81 |
| 5.1.4 | (In) Determinação Do Sujeito..... | 82 |
| 5.2 | VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES | 83 |
| 5.2.1 | Sexo | 84 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 5.2.2 | Traço semântico e animacidade do objeto | 87 |
| 5.2.3 | Papel do falante..... | 89 |
| 5.2.4 | Sentido materializado pelo verbo na sentença | 90 |
| 5.3 | ANÁLISES PARA A VARIÁVEL SENTIDO MATERIALIZADO PELO VERBO NA SENTENÇA | 93 |
| 5.3.1 | Rodada para o fator introduzir objeto ou pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir | 94 |
| 5.3.2 | Rodada para o fator expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir | 96 |
| 5.3.3 | Rodada para o fator fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar | 99 |
| 5.3.4 | Rodada para o fator acomodar, matricular, prender e denunciar | 101 |
| 5.3.5 | Rodada para o fator dispor, deitar, arrumar, juntar, montar e organizar | 107 |
| 5.3.6 | Rodada para o fator contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar..... | 110 |
| 5.3.7 | Rodada para o fator tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de solaio | 115 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 121 |
| | REFERÊNCIAS | 126 |
| | ANEXO | 137 |
| | ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA | 138 |

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da variação e mudança linguística é considerado um fato passível de se manifestar em qualquer nível do sistema linguístico (do plano morfofonológico ao discursivo), abrangendo, portanto, uma ampla gama de diferenças dialetais. Dentre as variações observáveis no português do Brasil (doravante PB), focamos nossa atenção na realização das formas verbais *botar e colocar*, por fazerem parte do léxico do povo cearense indistintamente e de forma harmônica.

Apesar de o senso comum atribuir ao verbo *colocar* um juízo de valor como o correto e o verbo *botar* como coloquial, não encontramos, na literatura pesquisada (BECHARA, 2015; FERREIRA, 2003; ROCHA LIMA, 1992), nenhuma referência que justifique que o verbo *colocar* seja considerado a forma prestigiada¹ em detrimento do verbo *botar*, ou seja, do ponto de vista da norma padrão,² os verbos *botar e colocar* têm o mesmo valor social de verdade. Mas o que faz com que um falante escolha, muitas vezes, inconscientemente, usar uma das formas variantes e, ainda, o que leva o falante a julgar que uma forma é correta e outra não?

É preciso registrar que o fenômeno em análise não apresenta em suas formas variantes a presença da estigmatização, no Brasil, portanto, não são estereótipos. Para Labov (2008), os estereótipos (*stereotypes*) são formas linguísticas socialmente marcadas com um estigma negativo e pertencentes a um grupo específico sobre os quais atuam atitudes e crenças. Batoréo e Casadinho (2009) asseveraram que, no Brasil, parece não existir uma consciência da diferença entre os verbos *botar e colocar*, no entanto, o verbo *botar* se apresenta com um caráter popular, podendo levar os falantes a assumirem reações de hipercorreção, ou seja, substituir a forma *botar* por *colocar*.

Para essa pesquisa, os verbos *botar e colocar* se apresentam socialmente como indicadores (*indicators*), uma vez que são utilizados por indivíduos mais ou menos da mesma maneira em todos os contextos e distribuídos regularmente nos grupos socioeconômicos, étnicos ou etários. Para Labov (2008), os indicadores se inserem numa matriz social, revelando uma diferença da idade e do grupo social sem sugerir uma variação estilística e se limitando apenas a marcar uma diversificação social sem interferência da avaliação subjetiva ou

¹ Uma variante, em geral, adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de status considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior (MONTEIRO, 2000, p. 64).

² Faraco (2008) distingue norma culta de norma padrão, de modo geral, a norma padrão é aquela prescrita pela gramática normativa, enquanto a norma culta é aquela utilizada “por uma parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita” (FARACO, 2008, p. 39).

alternância estilística.

Essa alternância entre os verbos *botar e colocar* pôde ser observada no falar fortalezense a partir da audição de inquéritos do NORPOFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza)³, como mostram os excertos 01, 02 e 03 retirados de nossa amostra.

(01) ... aí a minha mulher.... quer que eu pegue e jogue lá em frente também mas eu não vou fazer isso não... pego junto... e *coloco*⁴ num saco e... *boto*⁵ num lugar adequado... (DID 22, NORPOFOR).⁶

(02) ... eu era muito conhecido pela polícia... e eles me prometiam... que eu ao completar dezoito anos... eles iriam me *coloca::r*⁷ ... no presídio... (DID 22, NORPOFOR).

(03) ... a juíza... ela:: ... foi muito legal comigo ela disse:: ... você é muito bem parecido NOvo... mas eu não quero ver seu rosto aqui de novo não... se eu ver seu rosto aqui de novo... eu vou *botar*⁸ você no presídio... (DID 22, NORPOFOR).

Observamos, então, que os falantes de uma língua dispõem de mais de uma opção dentro do seu sistema linguístico, de acordo com suas intenções, para expressarem-se linguisticamente. E essa liberdade de escolha está em consonância com seus interesses sociocomunicativos. Labov (2008) esclarece que, ao situarmos os estudos da língua no contexto social, no qual ela está inserida, propomos “o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 184). Labov (2008) esclarece, ainda, que a fala em si não modifica a estrutura da sociedade, mas que as pessoas modificam a fala de acordo com o papel que desempenham na mesma.

Labov (1972) também introduz nos estudos da linguagem a ideia de variável linguística, definindo-a como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. Como podemos perceber, inicialmente, o termo, variável linguística, apresentava a implicação de ambas as formas carregarem o mesmo significado semântico. Então, em 1972, Labov reconsidera sua definição inicial sobre a variável linguística e passa a considerar o contexto em que as diferentes formas podem aparecer. Segundo Labov (1978), “a definição de variável requer uma série de passos preliminares direcionados à eliminação de todos os contextos em que duas formas que

³ Araújo (2007) utiliza o termo norma popular na acepção entendida por Bagno (2003): variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização (BAGNO, 2003, p.59)

⁴ Sentido materializado pelo verbo: introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, inserir, meter, engolir.

⁵ Sentido materializado pelo verbo: dispor, deitar, arrumar, juntar, montar

⁶ DID (Diálogo entre Informante e Documentador) é o tipo de registro; o número 06 é o número do inquérito; NORPOFOR é o Banco de Dados com o qual trabalhamos (ARAÚJO, 2010).

⁷ Sentido materializado pelo verbo: introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, engolir.

⁸ Sentido materializado pelo verbo: introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, engolir.

se alternam contrastam-se”⁹ (LABOV, 1978, p. 6, tradução nossa).

O autor ressalta, então, que dizer a mesma coisa não quer dizer ter exatamente o mesmo significado, afinal, não existem sinônimos perfeitos, no sentido absoluto. A partir do entendimento de que os falantes de uma mesma língua dispõem de mais de uma maneira de se expressarem linguisticamente para dizerem uma mesma coisa, não necessariamente com o mesmo significado, nos sentimos compelidos a controlar os fatores que condicionam a variação entre os verbos *botar* e *colocar* na língua do fortalezense.

Além disso, o fato desse falante moldar a língua conforme sua necessidade, mas entendendo que a variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico, nos motivou a controlar os fatores que condicionam a variação e a descrever, em consonância com os pressupostos teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), quais desses fatores, linguísticos e extralinguísticos, beneficiam ou inibem a escolha de uma das formas verbais, *botar* e *colocar*, na amostra analisada.

Outra razão que nos motivou e torna esse estudo necessário é a possibilidade de ampliar o trabalho de Carmo e Araújo (2015) que pesquisou a realização variável dos verbos *botar* e *colocar* no sentido de pôr na norma culta de Fortaleza – CE (PORCUFORT). Carmo e Araújo (2015, p. 296) concluem a sua pesquisa, afirmando que “Ainda há muito que pesquisar sobre a variação dos verbos *botar* e *colocar* e reconhecemos que se poderia ter ampliado os limites desta pesquisa, estabelecendo comparações com outros *corpora*, como o NORPOFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza)”. Assim, esta pesquisa preenche lacunas apontadas pelas autoras supracitadas, já que analisamos a variação dos verbos *botar* e *colocar* em dados do NORPOFOR e acrescentamos outros grupos de fatores não controlados nas pesquisas feitas anteriormente (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018; CARMO; ARAÚJO, 2015; BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012).

Em nossas buscas por pesquisas que contemplassem o fenômeno estudado, conseguimos encontrar alguns trabalhos (AGUILERA; YEDA, 2008; BATÓREO; CASADINHO, 2009; ARAÚJO, 2011; BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CHAVES, 2014, CARMO; ARAÚJO, 2015; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018). Destas pesquisas, apenas a de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Araújo e Viana

⁹ The definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast (LABOV, 1978, p. 6).

(2018) são estudos de natureza variacionista e foram estes três trabalhos que nos serviram como norte na construção de nossas hipóteses: *botar* é mais produtivo do que *colocar*; os homens favorecem *botar*, ao contrário das mulheres que beneficiam *colocar*; os mais velhos privilegiam *botar* em detrimento dos mais jovens que favorecem *colocar*; a *faixa etária II*, de 26 a 49 anos privilegia *colocar*; os menos escolarizados, *escolaridade A*, de 0 a 4 anos de estudo, favorecem mais *botar* do que os mais escolarizados, *escolaridade C*, 9 a 11 anos de estudo; o sujeito *determinado pelo contexto* favorece o verbo; sentença em que o sintagma nominal é *+animado* e *+humano* beneficia *botar*; quando o falante exerce o papel de *beneficiário* a realização do verbo *botar* é favorecida; dentre os *tópicos discursivos*, o fator *trabalho* favorece o verbo *botar*, ao contrário do fator *escola*, *que inibe o uso desse verbo*; dentre os *sentidos materializados pelo verbo*, o sentido que mais favorece o uso do verbo *botar* é *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*; a alternância do verbo *botar e colocar* representa um caso de variação estável.

Além de fornecer subsídios para a construção de nossas hipóteses, essas pesquisas também contribuíram com a definição de nossas variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto, determinação do sujeito, papel do falante, sentido materializado pelo verbo na sentença*), já nossas variáveis extralinguísticas (*sexo, faixa etária, escolaridade e tópico discursivo*) foram delimitadas pelo *corpus* com o qual trabalhamos.

Essa pesquisa estudou a variação dos verbos *botar e colocar* em tempo aparente¹⁰ no português falado de Fortaleza no início dos anos 2000, controlando todos os sentidos dos verbos em pauta que foram encontrados em nossa amostra, diferentemente das pesquisas que nos servem como parâmetro (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018; CARMO; ARAÚJO, 2015; BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012), que analisaram os verbos em questão apenas no sentido de *pôr*. Porém, é bom esclarecer, desde já, que realizamos análises estatísticas apenas para aqueles sentidos¹¹ que apresentaram um número superior a 30 ocorrências para os verbos *botar e colocar*.

É importante esclarecer que, para nossa pesquisa, usamos o verbo *botar* como valor de aplicação¹², partindo do pressuposto de que essa é a forma verbal reconhecida como não

¹⁰ Ver maiores informações a respeito de tempo aparente e tempo real na subseção 2.5.2.2.

¹¹ Introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, dispor, deitar, arrumar, juntar, montar, organizar, tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio, fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar, acomodar, matricular, prender, denunciar, contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar, expelir, vomitar, lançar fora, expulsar e parir.

¹² Em uma análise feita pelo pacote de programa Varbrul, o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como aplicação da regra e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).

padrão.

Após nossa busca por estudos que contemplem a variação dos verbos em estudo, que pouco foi estudada, constatamos que muito ainda precisa ser pesquisado sobre a alternância entre esses verbos no português brasileiro, principalmente, sob a perspectiva variacionista, tornando mais urgente a necessidade de concretização deste estudo.

Acrescentamos, também, que esta pesquisa está inserida em um projeto maior, intitulado “Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza - CE”, coordenado pela professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

Entendemos que à medida que descrevemos a realização da variação entre os verbos *botar e colocar*, na fala popular do fortalezense, estamos contribuindo com a descrição das diferenças linguísticas no Brasil e, conseqüentemente, sugerindo novos caminhos para a compreensão e o respeito à variedade linguística.

Essa investigação tem como objetivo geral analisar a alternância entre as formas verbais *botar e colocar*, no falar popular dos fortalezenses, à luz da Sociolinguística Variacionista. Os principais objetivos específicos são: identificar, dentre as variantes analisadas, a que se realiza com maior frequência na amostra analisada; analisar se os grupos de fatores extralinguísticos, tais como, *sexo, faixa etária, tempo de escolarização e tópico discursivo*, beneficiam o uso da variante *botar* na amostra em estudo; analisar se as variáveis linguísticas, a saber, *traço semântico e animacidade do objeto, (in)determinação do sujeito, papel do falante e o sentido materializado pelo verbo na sentença* favorecem o uso do verbo *botar* na amostra examinada; verificar se a alternância entre os verbos *botar e colocar* se trata de um processo de variação estável ou se há indícios de mudança em curso no sentido de *botar* substituir *colocar*.

Esta pesquisa está dividida em seis seções. Na introdução, apresentamos o objeto da pesquisa e sua delimitação, nossos objetivos, hipóteses e demonstramos a relevância da mesma para os estudos sobre a variação dos verbos *botar e colocar* em amostra do NORPOFOR. Na segunda seção, exibimos trabalhos anteriores ao nosso que pesquisaram a variação dos verbos *botar e colocar* na perspectiva variacionista. Na terceira seção, apresentamos o percurso metodológico para a realização da pesquisa, organizando-a em várias subseções (aspectos éticos; tipo de pesquisa; *corpus* da pesquisa; amostra da pesquisa; as variáveis linguísticas e sociais; levantamento de dados; codificação e digitação dos fatores e a ferramenta estatística). Na quarta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e, na quinta seção, descrevemos e analisamos os resultados. Por último,

na sexta seção, apresentamos as principais conclusões a que chegamos.

A próxima seção apresenta os trabalhos encontrados na busca por pesquisas que se dedicam ao estudo do fenômeno da variação /mudança, entre os verbos *botar* e *colocar*. Como relatado, anteriormente, nossa busca nos levou a sete trabalhos e, desses, selecionamos apenas as três pesquisas que fazem uso dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008).

2 A VARIAÇÃO DOS VERBOS BOTAR E COLOCAR NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Após algumas leituras investigativas, chegamos à conclusão de que parece haver um número reduzido de trabalhos sobre o uso dos verbos *botar e colocar* no português do Brasil e de Portugal, de cunho variacionista, já que encontramos apenas os seguintes estudos, a saber: Barreto, Oliveira e Lacerda (2012); Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Araújo e Viana (2018).

A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) analisou a variação dos verbos *botar, colocar e pôr* a partir de dados extraídos do ALiB¹³ (Atlas Linguístico do Brasil) à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV 2008). Esta pesquisa controlou a variável localidade, selecionando cidades e capitais de três estados da região Nordeste do Brasil: Alagoas (Arapiraca, Santana do Ipanema e Maceió), Ceará (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobra Tauá e Fortaleza) e Piauí (Canto do Buriti, Corrente, Picos, Piripiri e Teresina).

Além da variável localidade, os pesquisadores controlaram as variáveis *sexo* (masculino e feminino) e *faixa etária* (faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 45 a 60 anos). Controlaram, também, o grupo de fatores forma verbal (presente, pretérito e demais formas encontradas) e tipo de questionário (QFF - Questionário Fonético-Fonológico, QSL - Questionário Semântico-Lexical, QMS - Questionário Morfossintático, Questões de Prosódia, Discurso Semidirigidos e Perguntas Metalinguísticas). A variável *escolaridade* não foi controlada nessa pesquisa, em virtude de todos os informantes possuírem o ensino fundamental incompleto.

Para a coleta de dados, os pesquisadores se dispuseram a ouvir todos os inquéritos, na íntegra, ou seja, cerca de 210 horas de audição, já que cada gravação tinha em média 2,5 horas de gravação. Tal fato revela, neste estudo, um diferencial quanto ao número de ocorrências, pois os verbos em estudo são mais frequentes quando o informante relata sua experiência de vida, acontecimentos cotidianos ou quando relata o preparo de um prato da culinária local ou a forma como dissolve a cal para aplicar no reboco ou pintar a casa, ou seja,

¹³ O ALiB surgiu com o objetivo de mapear o falar brasileiro, a partir de dados colhidos, *in loco*, nos 250 pontos de inquérito, distribuídos pelas cinco regiões do país. Na realização desta empreitada, foram percorridos 257.851 quilômetros, de acordo com Cardoso e Mota (2012, p. 856), e foram entrevistados 1.100 informantes. Trata-se, portanto, do maior e mais atual *corpus* do português falado que temos notícia, por isso nos interessamos em analisar os verbos *botar, colocar e pôr* neste banco de dados (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018, p. 260).

existe uma maior probabilidade de ocorrência dos verbos em análise, por razão dos informantes se sentirem mais à vontade em suas respostas e, com isso, mais suscetíveis a uma maior explanação de fatos e acontecimentos do dia a dia.

Caso os pesquisadores tivessem optado por selecionar, previamente, apenas as questões 36, 70 (do QFF), as questões 3, 4 e 42 (do QMS), e os temas para discurso semidirigidos, muitas ocorrências deixariam de ser registradas e analisadas, fato que poderia não representar a realidade da comunidade estudada.

No artigo de Lavor, Araújo e Viana (2018), usando dados do ALiB, só não foi utilizado o “texto para leitura”, uma vez que se trata de um momento em que o informante faz uma leitura em voz alta, Parábola dos Sete Vimes, recomendada pelo entrevistador. Aproveitar a leitura desse texto, feita pelo informante, iria contra o objetivo dos autores de conhecer quais fatores linguísticos e extralinguísticos motivam a escolha por uma das três formas variantes, *botar*, *colocar* e *pôr*, já que entendemos que uma leitura textual não representa a fala do informante.

Os pesquisadores selecionaram uma amostra com 84 informantes (42 do sexo feminino e 42 do sexo masculino), distribuídos por cidades dos estados de Alagoas, Ceará e Piauí. Obtiveram 831 ocorrências para os verbos *botar*, *colocar* e *pôr*. Codificados os dados, foram realizadas as análises estatísticas com o auxílio do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Em uma primeira rodada ternária, *botar* x *colocar* x *pôr*, em que não foi possível para os autores obterem os pesos relativos e a seleção dos fatores relevantes, o programa GoldVarb X selecionou 351 (42,2%) ocorrências para *colocar*, 353 (42,5%) para *botar* e 127 (15,3%) para *pôr*. Os dados apresentados demonstram não haver diferença significativa entre ocorrências para as variantes *botar* e *colocar* nos estados de Alagoas, Ceará e Piauí, diferente da variante *pôr* que apresenta uma frequência bem inferior. Essa primeira rodada apresentou 4 nocautes (1 na variável *localidade* e 3 na variável *tipo de questionário*).

Ainda na primeira rodada, ternária, na variável *sexo*, a variante *botar* desponta como a mais frequente entre os indivíduos do sexo masculino, com 47,3%, nos três estados do Nordeste e a variante *colocar* como a mais frequente entre os indivíduos do sexo feminino, com 47,7%, já o verbo *pôr* não apareceu como relevante, comparando-o com os outros dois verbos, mas ele é mais usado pelo sexo masculino, se comparado ao sexo feminino.

A variável *faixa etária* se comportou como mais relevante entre os indivíduos da *faixa etária II* (45 a 60 anos) na rodada ternária, sendo que esses fazem mais uso da variante

botar (55,3%), já os indivíduos da *faixa etária I* (18 a 30 anos) usam mais a variante *colocar* (54,9%). Com relação à variante *pôr*, com menor expressividade no grupo de fatores, é mais usada pela *faixa etária I* (25,3%).

Quanto à variável *localidade*, o programa selecionou, entre as cidades do interior, o verbo *botar* como sendo o mais produtivo nas cidades de *Limoeiro do Norte-CE* (69,2%), *Quixeramobim-CE* (66,7%), *Camocim-CE* (64,3%) e *Santana do Ipanema-AL* (64,1%), já o verbo *colocar* se destaca nas cidades de *Iguatu-CE* (69%), *Canto do Buriti-PI* (4,1%), *Arapiraca-PI* (58,1%), *Corrente-PI* (58,2%) e *Picos-PI* (50%). No que se refere às capitais, o verbo *botar* foi mais produtivo na capital *Teresina-PI* (60,8%), seguido de *Fortaleza - CE* (59,1%), ao passo que o verbo *colocar* foi mais produtivo em *Maceió - AL* (36,7%), seguido de *Fortaleza - CE* (31,8%). A cidade que mais apresentou o uso do verbo *pôr* foi *Piripiri - PI* (33,3%), demonstrando um fato não observado nas outras localidades. É preciso registrar que, na cidade de *Piripiri - PI*, os verbos se comportaram de maneira semelhante, ou seja, houve um empate no uso das três formas verbais: *botar* (33,3%), *colocar* (33,3%) e *pôr* (33,3%).

Quanto à variável *forma verbal*, a maior ocorrência para os verbos *botar* (46,9%) e *colocar* (51,6%) ocorreu com o *tempo pretérito*, já o fator *demais forma verbais* (23,8%) apresenta maior frequência para o verbo *pôr*. A variável *tipo de questionário* favoreceu o uso do verbo *botar* no *Questionário Morfossintático-QMS* (46,4%) e, para o verbo *pôr*, o *Questionário Fonético-Fonológico-QFF* (39,8%) apresentou maior frequência. Após os resultados da rodada ternária, apresentamos, a seguir, os resultados para uma rodada binária.

Em uma segunda rodada, os pesquisadores retiraram a variante *pôr*, menos produtiva, da análise, e realizaram uma rodada binária com as variantes *botar* e *colocar* com as quais obtiveram 704 ocorrências, 353 (50,11%) para *botar* e 351 (49,9%) para *colocar*, tendo sido registrado um nocaute no fator *perguntas metalinguísticas*. Após desprezado o nocaute e preservadas as 704 ocorrências, o programa GoldVarb X selecionou a variável *sexo* como a mais relevante para a aplicação do verbo *botar* (0,624) entre os homens, já o verbo *colocar* (0,436) foi o mais favorecido entre as mulheres.

A segunda variável selecionada pelo programa foi a *faixa etária II* (de 45 a 60 anos), com peso relativo de 0,650, única aliada da variante *botar*. Quanto à *faixa etária I* (de 18 a 30 anos), os autores pressupõem que esses informantes aplicam mais o verbo *colocar* (35,10 %) do que *botar*.

A terceira variável selecionada pelo programa, a variável *localidade*, apresentou *Camocim-CE*, com peso relativo de 0,819, como a localidade que mais favorece o uso de *botar*,

já a cidade de *Arapiraca-AL* (0,233) surge como a que menos privilegia este verbo e, por inferência, é o município que mais favorece o uso de *colocar*. Entre as capitais, *Teresina-PI* (0,710) é a maior aliada da variante *botar*, já *Maceió-AL* (0,493) é a que mais inibe o seu uso e é a maior favorecedora do uso de *colocar*, com uma frequência de 46,80%.

Em conclusão, Lavor, Araújo e Viana (2018) registraram uma alta produtividade entre os verbos *botar* e *colocar*, diferente do verbo *pôr* que se comportou como o menos produtivo. O *Questionário Fonético-Fonológico* (QFF) favorece o verbo *botar* e o verbo *pôr* é o mais usado no sentido de expelir ovo. Os homens favorecem a variante *botar*, enquanto as mulheres privilegiam o verbo *colocar*. A *faixa etária II* é aliada da forma *botar* e a *faixa etária I* favorece o uso de *colocar*. O tempo *presente* mostrou-se como o mais relevante para o verbo *botar*.

Os pesquisadores inferiram, a partir da diferenciação entre a *faixa etária I* e a *faixa etária II*, quanto ao uso da forma inovadora, que a variação analisada se trata de um caso de variação estável.

O segundo trabalho que nos serve como norte é o trabalho de Carmo e Araújo (2015), que aborda a realização variável dos verbos *botar* e *colocar* na norma culta de Fortaleza – CE na perspectiva variacionista. Esta pesquisa utiliza uma amostra constituída por 35 informantes do *corpus* do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante, PORCUFORT), que foram entrevistados no período de 1993 a 1995.

As autoras controlaram nove variáveis, sendo que três são de natureza extralinguística (*sexo*, *faixa etária* e *tipo de registro*) e seis são de natureza linguística (*papel do falante*, *sentido do verbo*, *indeterminação do sujeito do verbo*, *locução verbal*, *tipo de sequência* e *tempo verbal*). Excluídos os nocautes, obtiveram, das 296 ocorrências, 167 (56,4%) para o verbo *botar* e 129 (43,6%) para *colocar*. Dos nove grupos de fatores controlados, constataram que apenas as variáveis *tempo verbal*, *sentido do verbo* e *sexo* favorecem o verbo *botar*. Os demais fatores foram considerados irrelevantes para o emprego de *botar*.

Das três variáveis selecionadas, a que mais favorece a ocorrência do verbo *botar* é o *tempo verbal*, cujos resultados revelaram que o *presente do subjuntivo* (0,706) é o tempo verbal que mais favorece a regra. O *pretérito imperfeito do indicativo* (0,644), o *pretérito perfeito do indicativo* (0,592) e o *presente do indicativo* (0,549) também são aliados da regra, embora este último atue de forma bem discreta. O *gerúndio* (0,512) age de forma praticamente neutra. O *particípio* (0,071) e o *infinitivo* (0,489) desfavoreceram o emprego de *botar*.

Outro trabalho que serve como referência na construção de nossa pesquisa é o de

Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) que, como o estudo anterior, também analisam o fenômeno em pauta sob a perspectiva variacionista. As autoras abordam a variação entre os verbos *botar* e *colocar* no sentido de pôr sob o aspecto quantitativo e qualitativo.

Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) obtiveram seus dados a partir de 314.587 palavras, extraídas de dois *corpora*: Projeto Mineirês: a construção de um dialeto (UFMG) (157.415 palavras) e NURC - Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro/RJ (157.172 palavras). As autoras controlaram as variáveis sociais: *sexo do falante* e *localização do falante*; e as variáveis linguísticas: *papel do falante*, *contexto de uso do verbo*, *sentido do verbo*, *(in) determinação do sujeito*, *locução verbal*, *termo seguinte ao verbo* e *posição do verbo*. Por se tratar de uma análise multivariada, as pesquisadoras calcularam efeitos e medidas de significância, utilizando o VARBRUL.

Das variáveis selecionadas como favorecedoras da variação entre os verbos *botar* e *colocar*, o *gênero do falante* foi considerado relevante, sendo que as *mulheres* usam mais frequentemente o verbo *colocar* com 54,68 %, e os homens o verbo *botar* com uma frequência de 54,63%. Esse fato demonstra um empate técnico¹⁴.

Como as pesquisadoras trabalharam com dois *corpora* provenientes de cidades distintas (Belo Horizonte e Rio de Janeiro), foi verificada a variação diatópica entre as variantes *botar* e *colocar*. Os resultados apontaram que, no Rio de Janeiro, o verbo *botar* é mais usado do que em Belo Horizonte. Para essa variável, as autoras não apresentaram os respectivos pesos relativos para as ocorrências.

Das 225 ocorrências dos verbos *botar* e *colocar*, 111 foram para *botar* e 114 foram para *colocar*. O que chamou a atenção das pesquisadoras foi o fato de ter havido apenas uma única ocorrência do verbo *botar* na cidade de Belo Horizonte, no projeto Mineirês, e as 110 no NURC na cidade do Rio de Janeiro. Como as pesquisadoras adotaram, como critério básico para composição da amostra, o mesmo número de palavras para cada *corpus*, a distribuição das ocorrências demonstra que ambas as variantes são usadas com frequência.

O programa selecionou os seguintes fatores como os mais relevantes na realização de *botar*: a *posição inicial ocupada pelo verbo na sentença* (0,943); a *localização do falante* (Rio de Janeiro, 0,819); a *determinação do sujeito do verbo* (0,620) e o *gênero feminino* (0,584). Na análise qualitativa, as autoras observaram a necessidade de se considerar *os contextos discursivos*, *a posição e o envolvimento do falante e a intenção comunicativa desse falante* na

¹⁴ Observação nossa, já que os pesquisadores não fizeram tal consideração.

escolha de uma ou outra variante.

As pesquisadoras concluíram na análise quantitativa que os fatores sociais, *região de origem e gênero do falante*, bem como os fatores estruturais *posição do verbo na sentença e (in) determinação do sujeito* parecem estimular o uso da variante *botar* ou da variante *colocar*. Em uma análise qualitativa, as pesquisadoras perceberam que a existência de alguns padrões situacionais, como o contexto que tratavam da movimentação de objetos do plano literal, condicionam o uso dos verbos *botar* e *colocar*, ou seja, o informante passa a usar mais os verbos em situações em que falam sobre mudança de moveis na casa, quando falam de culinária e, também, quando se referem à utilização de roupas e acessórios, situação, essa, não encontrada em nossa pesquisa, uma vez que o sentido mais usado pelos informantes do NORPOFOR para verbo *botar* foi o sentido de *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar e parir*.

A pesquisa de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), assim como essa pesquisa, foi feita usando a modalidade oral com alto grau de informalidade e isso demonstrou que a variante *botar* é muito mais produtiva do que *colocar*. Todavia, as pesquisadoras acreditam que, se a pesquisa tivesse sido realizada com base em dados de escrita formal, a presença de *botar* teria sido bem inferior à variante *colocar*.

Ao final dessa revisão da literatura, percebemos que existe muito a ser pesquisado no sentido de revelarmos os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação dos verbos *botar* e *colocar*. Essa revisão, também, nos auxiliou a definir as variáveis que foram controladas em nossa análise. Além disso, a partir dos resultados observados nas pesquisas relatadas, levantamos hipóteses sobre os resultados finais que nos ajudaram a concluir nosso estudo.

Na próxima seção, trataremos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, começando com uma breve história sequenciada com a pesquisa de Weinreich, Labov e Herzog (2006) e seguindo com os trabalhos realizados por Labov na ilha de Martha's Vineyard, seguida pela pesquisa de estratificação social do inglês em New York.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa parte do pressuposto de que existe uma relação estreita entre as formas da língua e os diferentes grupos sociais que as utilizam; de uma compreensão da língua como um sistema heterogêneo¹⁵, predisposto a sofrer variações linguísticas, influenciadas por fatores históricos, culturais, geográficos e sociais.

Essa Teoria da Variação e Mudança Linguística (linguística variacionista), iniciada com os textos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), introduz o postulado da heterogeneidade ordenada ou sistemática. A partir deste, a mudança é vista como passível de ser descrita e a comunidade como alvo de estudo. Este argumento está em consonância com Alkimim (2001), ao afirmar que

Língua e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. Este fenômeno ocorre em razão das diferentes realizações linguísticas que os falantes de uma mesma língua podem efetuar a depender da sua necessidade comunicativa, uma vez que a língua não é um sistema fechado e imutável (ALKIMIM, 2001, p. 21)

É preciso lembrar que as abordagens estruturalistas e gerativistas consideravam a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. Porém, ao propor a língua como um sistema homogêneo e encerrado em si mesmo, os estruturalistas se deparam com um paradoxo: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto sua estrutura muda?”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35). Foi reagindo a estas duas correntes teóricas, estruturalismo e gerativismo, que surgiu a Sociolinguística, ao postular uma concepção social da língua, na década de 60, tendo Labov como seu maior defensor, mas não o único, uma vez que seus trabalhos não são os únicos a enfatizar o caráter social da língua, haja vista que, no início do século XX, o linguista francês Meillet (1866-1936) e os linguistas russos, Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975), se colocavam contrários às ideias de Saussure (1916), ao conceber a língua em seu caráter social (COELHO *et al.*, 2015).

De acordo com as ideias de Meillet (1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16), “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. Como se

¹⁵ Na abordagem laboviana, vale lembrar que o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos (e não homogêneos, conforme postulam Saussure e Chomsky) (COELHO *et al.*, 2012, p. 23).

pode notar na citação de Meillet, mesmo antes dos estudos de Labov (1972), ele já concebia a língua a partir de sua motivação social. Esse breve comentário não diminui o caráter pioneiro do trabalho de Labov mas, sim, serve para registrar que suas “pesquisas estão ancoradas, historicamente, nas ideias de Meillet” (COELHO *et al.* 2012, p. 16). É preciso esclarecer que nossa pesquisa se funda, unicamente, na Sociolinguística Laboviana.

Para Labov (2008), o estudo da língua se baseia no entendimento de que ela é um conjunto estruturado de normas sociais e que “é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215). Entendemos, então, que a língua é concebida no seio da interação social vivenciada pelos indivíduos e que ela muda e se transforma em função do contexto sócio histórico. E são esses fatores sociais e históricos que ocasionam a heterogeneidade linguística, tanto dentro de um mesmo idioma quanto entre línguas diferentes.

Foi, de acordo com Calvet (2002, p. 28), na década de 1960, precisamente 1964, que William Bright organizou, em Los Angeles, uma conferência sobre Sociolinguística, para se discutir a relação entre língua e sociedade, contando com a participação de estudiosos, como Henry Hoenigswald, John Gumperz, Einar Haugen, Raven McDavid Jr., William Labov (em um futuro próximo marcará definitivamente os estudos sociolinguísticos), Dell Hymes, John Fisher, William Samarin, Paul Friedrich, Andrée Sjoberg, José Pedro Roma, entre outros pesquisadores, com diferentes abordagens discursivas, que tentavam definir a Sociolinguística, tarefa nada fácil, como concluiu William Bright. De acordo com Calvet (2002, p. 28-29), “ele nota já de princípio, que a Sociolinguística não é fácil de definir com precisão”.

Nos estudos de Bright (1966), o autor acrescenta que “uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, p. 11, *apud* CALVET, 2002, p. 29). Em nosso entendimento, o autor precisava relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e os diferentes fatores sociais que condicionam seu uso, existentes na comunidade pesquisada.

Só em 1963, Labov expõe essa relação, ao evidenciar que existe covariação (correlação entre a variação simultânea de variáveis ou grandezas estatísticas)¹⁶ entre as variações que observamos na linguagem e os fatores de ordem social, como idade, sexo, nível de escolaridade, ocupação, etnia e atividade dos falantes. Essas evidências foram constatadas

¹⁶ Covariação, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/covaria%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 29-06-2017].

nas pesquisas que Labov fez na ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts /Estados Unidos), com os ditongos /ay/ e /aw/, considerado o marco inicial para a Sociolinguística.

No ano subsequente, 1964, Labov (1972) dá continuidade às suas pesquisas, agora tratando da estratificação social do inglês não padrão, de porto-riquenhos, em Nova York, fixando com essa pesquisa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social, Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, creditando, desde então, a Labov a consolidação desse grupo de estudos, ou seja, uma nova ciência.

Como visto anteriormente, Martha's Vineyard foi o local escolhido por Labov (2008, p. 19-62) para dar início às suas pesquisas sobre o fenômeno da variação linguística. Acreditamos que a escolha desse local não tenha sido obra do acaso, mas, sim, motivada pelas suas peculiaridades, oportunas aos interesses do pesquisador, uma vez que a ilha fica isolada, separada do continente e visitada sazonalmente por veranistas, onde ficam acampados por uma temporada ou residindo em suas casas de veraneio e ele já conhecia a ilha desde a pesquisa para sua dissertação de mestrado¹⁷. Além disso, ele pode contar com os registros do *Linguistic Atlas of New England*, como o próprio autor afirma:

Martha's Vineyard tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por umas boas milhas (cerca de cinco quilômetros) do Oceano Atlântico. Ao mesmo tempo, Vineyard é social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico. Também temos a sorte de contar com os registros do Linguistic Atlas of New England (doravante abreviado LANE) como um pano de fundo para a investigação. Já faz mais de trinta anos que Guy Lowman visitou Martha's Vineyard; suas entrevistas com quatro membros das velhas famílias da ilha nos dão uma base firme da qual partir e um lapso temporal de uma geração inteira, o que faz aumentar consideravelmente a solidez das conclusões que podem ser tiradas (LABOV, 2008, p. 22).

Os vineyardenses possuem fama de conservar as tradições linguísticas, como conservar o /r/, quando as demais localidades o apagam. A ilha está dividida em ilha alta (up-island), onde vive a maioria da população, e ilha baixa (dow-island), onde vive uma população estritamente ruralista, composta de poucas fazendas e casas.

A população de Martha's Vineyard está dividida em colônia de pescadores, descendentes de índios nativos, descendentes das velhas famílias de origem inglesa e grupos de ascendência portuguesa, imigrantes dos açores. Em resumo, existe uma grande miscelânea étnica de moradores e esse fato, por si só, motiva a variação linguística.

¹⁷ Dissertação de mestrado na Columbia University, The Social History of a Sound Change on the of Martha's Vineyard, Massachusetts (1962), escrita sob a orientação do Professor Uriel Weinreich (LABOV,1972], p. 22).

É neste cenário socioeconômico e cultural que Labov empreendeu sua investigação com o objetivo de estudar as diferenças entre a variedade linguística dos nativos ilhéus e a variedade padrão do resto da região onde fica a ilha. Essas diferenças talvez tenham sido a principal motivação do pesquisador em tentar entender o motivo do conservadorismo na língua em meio a tantas motivações para a mudança.

Como já registrado por Labov (2008 [1972]), a pesquisa na ilha de Martha's Vineyard pôde contar com os registros do *Atlas of New England* (LANE) e com as entrevistas que Guy Lowman havia feito com membros das famílias da ilha e, a partir desses estudos, começou a pesquisar o conservadorismo dos vineyardenses, conhecido entre os linguistas do inglês americano, ou seja, “uma ilha de pronunciadores do *r* num mar de ausência do *r*” (LABOV, 2008 [1972], p. 24). De acordo com Labov (2008),

A ilha tem conservado diversos traços arcaicos que provavelmente eram típicos do sudeste da Nova Inglaterra antes de 1800. O traço mais saliente, ainda fortemente enraizado, é a retenção do /r/ final e preconsonantal. O /o/ breve na Nova Inglaterra ainda está bem representado entre os falantes mais velhos. Estudos preliminares em Martha's Vineyard em 1961 mostraram que a maior parte dos traços especiais do falar da ilha apresentados nos mapas do LANE ainda podem ser encontrados entre os falantes tradicionais de 50 a 95 anos de idade (LABOV, 2008, p. 25).

Apesar do traço marcante dos vineyardenses ser o /r/ final e preconsonantal, Labov percebeu, também, que existia outro traço mais marcante na comunidade, os ditongos [ay] e [aw]. A partir dessa observação, Labov mudou o foco de sua pesquisa e passou a analisar a realização dos referidos ditongos (como em *mouse* e *mice*), que são normalmente pronunciados [au] e [ai] no sudeste da região da Nova Inglaterra. Porém, em Martha's Vineyard, Labov percebeu que frequentemente os moradores pronunciavam esses ditongos com arredondamento ou centralização.

Labov queria entender as diferenças sistemáticas que já existiam e as mudanças que estariam em andamento na ilha. Nesse trabalho, ele observou a ocorrência da centralização das vogais dos ditongos, fato que manifesta herança fonética dos colonos Yankees, do século XVII. O uso centralizado dos referidos ditongos era a maneira de determinados moradores se reafirmarem como nativos, rejeitando a pressão social exercida pelas culturas dos visitantes e veranistas.

O uso da variante padrão revelaria, por parte de outros, sentimento de insatisfação, seja pela vontade de deixar a ilha ou pela vontade de que ela evoluísse e se equiparasse a outras cidades norte-americanas. Para Labov (2008), a variante estigmatizada dos falantes nativos seria um comportamento linguístico demarcador de sua identidade social.

Outro trabalho importante sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística é a pesquisa em que Labov (2008 [1972], p. 63-90) tratou dos estudos sociolinguísticos da cidade de New York. Essa pesquisa tinha a finalidade de investigar mais profundamente o problema das condições sob as quais a mudança linguística toma lugar. Para essa empreitada, o autor pesquisou a estratificação do /R/ entre os nova-iorquinos.

O trabalho realizado em New York, porém, difere do trabalho feito em Martha's Vineyard, tanto no objeto da pesquisa quanto no método de coleta de dados. Aqui foram investigadas as variáveis fonológicas, incluindo a sua presença ou ausência em posição pós-vocálica, como em *car, card, four, fourth* etc. Essa variável demonstrou ser muito sensível à estratificação social ou estilística. As hipóteses apontavam que o /r/ é um diferenciador social em todos os níveis da fala do nova-iorquino.

Labov passou, então, a investigar a variação do /r/ em três distintas lojas de departamento em New York. Sua escolha estava amparada no pressuposto de que lojas diferentes atendem a uma clientela diferente. Ele escolheu, então, três lojas diferenciadas pelos preços praticados no mercado. Uma foi a Sak's, uma loja de prestígio que atende consumidores da classe média alta; outra foi a Macy's, uma loja que atende a uma classe intermediária; a terceira foi a S. Klein, de menor prestígio e direcionada a um consumidor da classe baixa. As três lojas foram escolhidas, assim como Martha's Vineyard, por atenderem às expectativas do pesquisador, ou seja, por estarem localizadas na cidade de New York, já que, de acordo com o autor, "é difícil examinar a distribuição social da língua em New York sem se deparar com o padrão de estratificação social que permeia a vida da cidade" (LABOV, 1972, p. 64).

Para coleta de dados em New York, Labov (2008, p. 70) utilizou um método diferente do usado na ilha de Martha's Vineyard. Nessa pesquisa, o autor perguntava por um departamento no quarto andar (*fourth floor*) e o informante, um empregado da loja, deveria responder algo como "*Fourth Floor*". O entrevistador poderia repetir a pergunta, agindo como se não tivesse entendido a resposta: "*Excuse-me ?*", e, em geral, o empregado responderia com uma pronúncia mais cuidadosa "*Fourth floor*". Após ouvir a realização do /r/ do seu informante, o pesquisador saía na direção indicada, até sumir de sua vista e anotava o sexo do informante e sua idade.

Como previsto na hipótese, Labov percebeu que existia, sim, um componente social na realização do /r/ na cidade de Nova Iorque, uma vez que os empregados da Sack's mostraram o mais alto grau de realização do /r/, enquanto os empregados da S. Klein mostraram o mais

baixo, frequentemente o /r/ era substituído por [Ø]¹⁸ ou vocalizado.

Ao final desse trabalho sobre a estratificação social da realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova Iorque, Labov concluiu que uma pronúncia diferente não expressa somente atitude quanto à classe social, mas permite, também, que grupos sociais possam ser diferenciados.

Os trabalhadores da Sak's, apesar de não fazerem parte da classe média alta em termos de inserção, podem ser considerados mais parte da classe alta ou média alta do que os funcionários da S. Klein, que provavelmente se sentem mais confortáveis se considerados parte da classe baixa.

Foi a partir destes estudos de Labov, na década de 1960, que se consolidou a Sociolinguística Variacionista, tendo sob sua responsabilidade estudar padrões sistemáticos de variação na sociedade, adotando um método de análise quantitativo com o objetivo de descobrir como e por que os indivíduos falam diferente.

Essa nova ciência nos mostra que, para analisar a variação linguística, é preciso relacioná-la com fatores externos e internos. Aqueles são definidos como classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupos étnicos, lugar de origem, nível de escolarização e muitos outros; e estes são entendidos como inerentes ao sistema. Isso nos faz chegar à conclusão ou entendimento de que a variação, tal como a presenciamos, não se manifesta de forma caótica e assistemática, ou seja, ela corresponde a uma coexistência de diferentes normas linguísticas estabelecidas em diferentes contextos sociais. Mas, embora a maioria dos linguistas concorde com o fato de que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 87), muitos deles continuam a aceitar a concepção de uma língua homogênea.

O ponto crucial nos estudos variacionistas é a proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) sobre a inter-relação entre variação e mudança e essa deve fornecer respostas a problemas como: *fatores condicionantes* (mudanças e condicionamentos possíveis); *transição*, que são os estágios intervenientes entre dois estados da língua, que segue em um *continuum*; *encaixamento*, que é o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social; *avaliação* que são os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua; e *implementação* que são as razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época.

¹⁸ Não pronunciaram o /r/.

Na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006),

A mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. No terceiro postulado colocado no texto, os autores insistem que “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 139)¹⁹.

O fato é que Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 139) romperam as fronteiras entre os estudos sincrônicos e diacrônicos, ao “identificar a mudança como a face sincrônica da variação”. Para Monteiro,

“[...] é necessário admitir que os fenômenos de mudança, decorrentes da variação, podem ser objeto de estudo e observação [...] é preciso ter em mente que, assim como as variáveis linguísticas costumam ser condicionadas por fatores externos ao sistema, a interpretação de uma mudança não deve prescindir da análise das pressões sociais que a determinam” (MONTEIRO, 2000, p. 109).

Entendemos que a língua é viva e está sempre se modificando no decorrer do tempo e espaço, mas é preciso entender como uma mudança se processa e o que determina a mudança e seu direcionamento em um ou outro sentido. Para Hjelmslev (1976, apud MONTEIRO, 2000, p. 110), a pergunta é: “Por que a língua muda? E por que muda de determinadas formas, de acordo com determinadas linhas?” (MONTEIRO, 2000, p. 110). Para Labov (2008 [1972]), existe pelo menos cinco problemas, não só essa questão, e apresenta os termos:

Existe uma direção genérica na evolução de uma dada língua?; b) Quais são os determinantes universais da mudança linguística?; c) Quais são as causas do surgimento contínuo de novas mudanças?; d) Quais são os mecanismos dessas mudanças?; e) A evolução linguística tem alguma função adaptativa? (MONTEIRO, 2000, p. 110)

Em virtude da complexidade que abrange os estudos da mudança linguística, surgiram diversas hipóteses para explicá-lo. Para Monteiro (2000), algumas das hipóteses formuladas são fantasiosas e outras bastante sedutoras. “Em geral, pode-se dizer que a falta de bases empíricas constitui um obstáculo sério para aceitá-las” (MONTEIRO, 2000, p. 110).

A mudança linguística nos revela que o estudo da linguagem é complexo e que a língua precisa ser estruturada, assim como é preciso reconhecer o processo social que atua em seu uso. Para Labov (2008 [1972]), a frequência de uma mudança pode ser separada e registrada através da observação no espaço de duas gerações. O fato é que percebemos que uma mudança linguística não ocorre de um dia para o outro e que essa vem sempre precedida de um período de variação (MONTEIRO, 2000).

¹⁹ Grifo do próprio autor.

Em conclusão à questão da mudança linguística, é preciso abordarmos dois tipos de mudança linguística: a mudança em tempo real e a mudança em tempo aparente (LABOV 1999 [1994]). De acordo com Coelho *et al.* (2015),

Diferentemente da mudança em tempo aparente, que é observada pelo comportamento linguístico de gerações distintas num mesmo intervalo de tempo (abordagem sincrônica), a mudança em tempo real a captada pelo comportamento linguístico retratado ao longo de diferentes períodos (abordagem diacrônica) (COELHO *et al.* 2015, p. 88).

A partir dessa definição, podemos entender que, quando selecionamos indivíduos de três faixas etárias diferentes em um determinado momento no tempo, como foram selecionados os informantes para essa pesquisa, estamos trabalhando com o comportamento linguístico em tempo aparente. Por outro lado, o tempo real “refere-se a desenvolvimento na evolução linguística num período arbitrário de tempo. Relaciona-se, pois, ao aspecto diacrônico da língua” (MONTEIRO, 2000, p. 133).

Segundo Monteiro (2000),

Há dois métodos básicos de se investigar um fenômeno de mudança em tempo real. O mais simples e mais eficiente é procurar textos que no passado registrem as variantes em estudo e compará-las com os registros mais recentes. [...] O outro método é extremamente dificultoso: consiste, como dissemos, no retorno do pesquisador à comunidade, depois de uns vinte anos, para repetir os mesmos estudos, realizando novas gravações (MONTEIRO, 2000, p. 133).

Inferimos, então, que, para se observar um processo de mudança na língua, uma pesquisa em tempo real nos oferece maiores evidências do que uma pesquisa em tempo aparente. Esta pesquisa está enquadrada como uma pesquisa em tempo aparente, uma vez que os dados usados para as nossas análises foram selecionados de um banco de dados produzido no período de agosto de 2003 e julho de 2006, ou seja, a mais de 12 anos atrás.

Depois de reconhecer a heterogeneidade linguística como foco, Labov postula que nem a variação nem a mudança linguística ocorrem pela “mera distribuição de uma forma isolada por outra” (CAMACHO, 2013, p. 97), os mecanismos linguísticos estão dispostos para todos os falantes, a partir da necessidade de cada um desses mecanismos ainda permanecerem no sistema ou passarem por uma mudança, no caso, a linguística.

Da concepção da heterogeneidade da língua nasce a preocupação em descrever o modo como as línguas mudam no decorrer do tempo. A língua passa, então, a ser vista como um sistema organizado, comportando uma variação sistematizada e, portanto, passível de se explicar a interferência da variação na língua dos membros de uma comunidade, ou seja, há uma regularidade passível de definição que possibilita à língua manter sua sistematicidade

(WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Segundo Alkmim (2001), deve-se entender “a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2001, p. 33).

Embora haja diversas vertentes de estudos na Sociolinguística, o que interessa para este trabalho é a Teoria da Variação e Mudança Linguística que tem como objeto de estudo a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala²⁰. Conforme Labov (2008), “um novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p. 259).

Para os sociolinguístas, a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”²¹. Para Labov (1972), a heterogeneidade é o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que condicionam a variação de forma sistemática, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade, sendo o domínio dessas estruturas heterogêneas parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Labov (1972) estudou a variação apresentada em grandes populações, controlando as variáveis: gênero, idade, escolaridade, classe social e formalidade na fala. Os fenômenos estudados por ele compreendem, resumidamente: (i) o uso de uma alta centralização dos ditongos [ay] e [aw] como forma dos nativos da ilha de Martha’s Vineyard assegurarem seus valores e identidade, em resistência aos veranistas; (ii) a relação entre altas ou baixas posições no índice socioeconômico e a frequência de uso do *-ing* por adultos brancos de Nova Iorque; (iii) a variabilidade na pronúncia de (dh) na Filadélfia.

Conforme Meillet, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921, *apud* CALVET, 2002, p. 16).

Estudar a variação, então, pressupõe observar como as pessoas usam a língua em seu ambiente natural e também na categorização das diferentes formas de dizer a mesma coisa, dependendo de seu papel social.

²⁰ A comunidade de fala é tida, para a Sociolinguística quantitativa, como o *locus* da análise do fenômeno linguístico. Suas fronteiras são definidas por (i) atitudes e valores sociais compartilhados pelos falantes em relação à língua e (ii) regras gramaticais compartilhadas pelo grupo (LABOV, 2008).

²¹ A heterogeneidade ordenada dos sistemas linguísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que precedem as mudanças linguísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente as necessidades comunicativas do falante (SANTOS, p. 19, 2008).

Como destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006),

A base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 13).

Reforçando o que foi citado acima, é importante, também, destacar que a Sociolinguística defende a língua como um fato social dinâmico, cuja variação é explicada pelas mudanças sociais. Dessa forma, as irregularidades linguísticas devem ser estudadas levando-se em conta as oscilações da estrutura social, dada a relação direta que há entre língua e sociedade (LABOV, 1972). O pesquisador precisa entender como se deu o processo de variação na língua e identificar se as variantes se encontram em um fenômeno de competição ou em um processo de mudança. O pesquisador precisa demonstrar se o fenômeno em estudo trata-se de um caso de variação estável ou de mudança em progresso. Entretanto, Weinreich, Labov, Herzog (2006) pontuam que nem toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade sem exceção.

Quanto às formas linguísticas que se alternam, Labov (1978) define, como variantes de uma mesma variável (regra variável), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade. “A variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial” (LABOV, 2008, p. 78). Para Mollica e Braga (2003),

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 10-11).

Em síntese, nos estudos da variação linguística, encontramos ‘variáveis’ e ‘variantes’ distintamente. Para melhor compreender: variável é o local, gramaticalmente falando, em que conseguimos perceber a variação e variantes são as formas encontradas que “disputam” em uma variável (LABOV, 2008). Tomemos, como exemplo, o fenômeno que deu origem a esta pesquisa e poderemos chegar à conclusão de que a alternância entre os verbos de ação *botar* e *colocar* no português do Brasil constituem a variável e as formas individuais *botar* e *colocar* representam as variantes que estão em frequente disputa, condicionadas por fatores internos e externos à língua. Para um melhor entendimento, explanaremos sobre cada uma delas, separadamente, a seguir.

Labov (2008) ressalta que, para definirmos uma variável linguística, precisaremos

antes, definirmos o número exato de variantes existentes; estabelecermos toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece; elaborarmos um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Notamos que existe uma forte resistência por parte dos falantes em aceitar que duas expressões diferentes sejam semanticamente equivalentes. Para amenizar essa resistência, Labov (2008) nos fala que somente se atribuem valores sociais às regras linguísticas quando existe variação. Se um determinado grupo faz uso de uma variante particular, geralmente os significados sociais atribuídos a esse grupo se transferem a essa variável linguística. De acordo com Labov, “as variantes são idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística” (LABOV, 2008, p. 338).

Uma variável linguística, obrigatoriamente, comportará duas ou mais formas variantes entre si. A variável se apresentará como variável dependente ou variável independente. De acordo com Mollica e Braga (2003), “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural” (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 11).

As variáveis independentes são as variáveis (ou grupos de fatores) que influenciam a ocorrência da variável dependente (ou regra variável). As variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa à língua, exercendo pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. É preciso esclarecer que o termo empregado como “variável” pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores, que são os parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis.

Com o intuito de entender a variação linguística, é imprescindível que tenhamos fortemente definido o conceito de “comunidade de fala”, uma vez que, para a Sociolinguística, a comunidade de fala – e não o indivíduo – é a unidade de estudo.

Existem algumas divergências quanto à concepção de comunidade de fala entre alguns pesquisadores, porém, para nossa pesquisa, a concepção que adotamos é a de Labov (1972), segundo o qual entende que:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo acertado quanto ao uso de elementos de linguagem, mas, sobretudo pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e pela uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariantes em relação a níveis específicos de uso (LABOV, 1972, p. 120-121, tradução nossa)²².

²² “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior,

Mesmo havendo divergências quanto a uma definição de comunidade de fala entre alguns pesquisadores, todos eles concordam que, para existir comunidade de fala, os indivíduos devem compartilhar certas normas, entendimentos, valores e atitudes sobre as variedades da língua presentes nas trocas comunicativas.

A noção de comunidade de fala, como visto acima, tem feito com que diferentes pesquisadores em diferentes épocas procurem defini-la, às vezes complementando a concepção de Labov (1972) e outras contrapondo-a, é o caso de autores como Severo (2008), Hymes (1964), Gumperz ([1968] 1996), Wardhough (2002, p. 27), Guy (2001), Bloomfield (1926), Figueroa (1994), Romaine (1994), Himes (1972), Meyerhoff (2004), Mello (2001), Britain e Matsumo (2008). No entanto, como definido anteriormente, esta pesquisa trabalha unicamente com o conceito apresentado por Labov (1972) sobre comunidade de fala.

Percebendo as dificuldades ligadas a essa noção, Guy (2001) parte da concepção laboviana de comunidade de fala e a amplia. O autor considera que a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: i) Os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; ii) Devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; iii) Devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Percebemos, então, que o terceiro critério acima coincide com a proposta de Labov (1972).

Segundo Labov (1972), não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ideal, sendo a variação inerente às línguas e não comprometendo o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes. A partir dessa visão, Labov passa a dar um foco maior à variação na língua.

Concluindo esta seção, é importante reiterar que esse fenômeno será estudado, levando em consideração a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista como dotada de heterogeneidade sistemática, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

A próxima seção tratará do percurso metodológico, apresentando os aspectos éticos da pesquisa, o caráter desta, o corpus utilizado para a sua realização, sua amostra e as variáveis linguística e extralinguísticas controladas, com seus respectivos fatores.

and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.”

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo empírico para a realização desta pesquisa tomou como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 1986; MOLLICA; BRAGA, 2003; GUY; ZILLES, 2007; TAGLIAMONTE, 2006). Esta pesquisa está definida como descritiva e quantitativa. Os procedimentos para sua realização incluíram: (i) submissão da pesquisa ao conselho de ética; (ii) delimitação da amostra a ser estudada; (iii) coleta de dados e a identificação dos contextos variáveis; (iv) definição de grupos de fatores que poderiam influenciar a variação; (v) análise e codificação dos dados, segundo os grupos de fatores definidos; (vi) quantificação das informações resultantes da análise, com o auxílio do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005); e (vii) interpretação dos resultados da quantificação à luz das hipóteses e da base teórica.

4.1 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Primeiramente, é preciso registrar que esta pesquisa (CAAE: 86639118.0.0000.5534)²³ foi submetida ao comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da Universidade Estadual do Ceará e aprovada em 06 de junho de 2018, sob parecer 2.696.581, ou seja, está em consonância com a Resolução n. 196²⁴, de 10 de outubro de 1996, que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

O cuidado do linguista, em processo de coleta de dados, em relação ao Código Civil Brasileiro, deve focar principalmente no que concerne à produção de danos aos sujeitos participantes da pesquisa. Assim temos, conforme os artigos n. 186 e 187 da Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002: Art. 186 CC – Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito. Art. 187 CC – Também comete ato ilícito o titular de um direito que, ao excedê-lo, excede manifestamente os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé ou pelos bons costumes (FREITAG, 2014, p. 11).

Entendemos a pesquisa como uma atividade de suma importância e altamente representativa na sociedade contemporânea, fato que tem levado cada vez mais pesquisadores a dedicarem tempo e estudos na sua produção e aperfeiçoamento. Uma pesquisa, de modo geral, deve estar engajada no sentido de compartilhar o saber e melhorar a formação e a prática

²³ Conferir anexo A.

²⁴ Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/. Acesso em: 02 Fev. 2018.

daqueles que atuam no mundo prático-profissional.

Os trabalhos acadêmicos visam, antes de tudo, estimular o conhecimento e, ao mesmo tempo, preparar e integrar o profissional às novas exigências do mundo profissional. Em consequência, algumas leis e portarias do Ministério da Educação ressaltam a importância da pesquisa científica, quando realizada de forma idônea, para a formação do raciocínio.

Portanto, tendo em vista a importância da ética no processo de investigação e as dificuldades existentes na concretização das atividades envolvidas ao longo do processo de pesquisa, fizeram-se necessárias medidas que resguardassem a identidade e o bem estar dos sujeitos humanos envolvidos no processo. Fato esse que justificou a necessidade de apreciação, pelo conselho de ética, desta pesquisa.

4.2 TIPO DE PESQUISA

Aqui apresentamos a metodologia para nossa pesquisa e entendemos que a mesma é de caráter descritivo e quantitativo, já que utilizamos os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa (TARALLO, 2007) que trabalha com a análise e descrição de dados estatísticos, oferecidos pelo programa computacional utilizado, apresentando os percentuais de incidência e os pesos relativos ao descrever o fenômeno analisado. De acordo com Fonseca (2002),

A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. (FONSECA, 2002, p. 20).

As pesquisas em linguística vêm mudando com o passar dos anos e com essa mudança percebemos, cada vez mais, um caráter quantitativo de coleta de dados (DÖRNYEI, 2007). Ainda, para Dörnyei (2007), a pesquisa quantitativa envolve procedimentos de coleta de dados que resultam em dados numéricos e que são analisados através de métodos estatísticos.

Baseado em Triviños (1987) quanto ao caráter descritivo da pesquisa, esse se justifica pelo comprometimento em descrever os fatos e fenômenos encontrados sobre o objeto de estudo sem análises subjetivos, por parte do pesquisador, dos resultados, ou seja, atentando-se em apenas descrever os resultados encontrados e, ao fazer algumas inferências, essas são congruentes com o tipo de evidência apresentada pelos resultados oferecidos pelo programa computacional com seu nível de intensidade e efeitos apresentados.

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar. Este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Estudos mais recentes, como o de Gil (2002), complementam e ampliam as pesquisas de Triviños (1987), pois os trabalhos do primeiro autor apontam que as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Assim, justificamos a escolha pelo método descritivo e quantitativo por entendermos que esta é uma análise descritiva dos resultados numéricos, obtidos a partir do programa Goldvarb X, sobre a fala do fortalezense e ancorada na Teoria da Variação e Mudança Linguística, defendida por Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006).

4.3 CORPUS DA PESQUISA

Decidimos usar os dados do *corpus*²⁵ do Projeto NORPOFOR por ele atender às exigências da pesquisa realizadas na área da Sociolinguística Quantitativa quanto à coleta de uma grande quantidade de dados para análise da variável estudada, pois, segundo Labov (2008 [1972]) para se produzir os resultados almejados em uma análise da variação linguística não necessitamos de centenas de falantes e “ que os padrões básicos de estratificação por classes, por exemplo, emergem de amostras com apenas 25 falantes” (LABOV, 2008, p. 238).

Para o autor,

esquemas regulares de estratificação estilística aparecem mesmo quando nossas células individuais contêm somente cinco falantes e temos não mais do que cinco ou dez ocorrências de dada variável para cada falante. Com esses dados regulares e reproduzíveis, estamos aptos a especificar o que queremos dizer com significado estilístico ou social. (LABOV, 2008, p. 238 – 239)

Posto isso, esta pesquisa está dentro do perfil necessário para a análise da variação linguística, ao selecionarmos sua amostra a partir do tipo de registro DID, que contém um mínimo de cinco informantes por células, do banco de dados NORPOFOR.

Por outro lado, nosso trabalho apresenta um retrato da língua popular ou vernáculo de Fortaleza e nenhum outro banco de dados poderia nos subsidiar melhor material para análise

²⁵ Corpus é um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística (SINCLAIR, 1991, p. 171, *apud* SARDINHA, 2000, p. 336).

do que o NORPOFOR. Vernáculo para Labov (2006, p. 86 – tradução nossa) é “a língua primeira adquirida pelo falante, controlada perfeitamente, e usada primordialmente entre amigos íntimos e membros da família”²⁶.

Entendemos que o fato de o tipo de registro DID representar a fala menos formal, ou seja, um nível intermediário de formalidade entre o D2 e o EF, aquela que apresenta uma maneira um pouco mais espontânea, registrada quando o falante não está preocupado em monitorar seu uso linguístico, representada pelo tipo de fala usada no cotidiano e em conversas informais com amigos e familiares, caracteriza o vernáculo²⁷ da fala fortalezense no *corpus* NORPOFOR.

Já que o banco de dados NORPOFOR possui representatividade²⁸ e segue os preceitos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa, além de representar o vernáculo fortalezense, não deixa dúvidas da assertiva de nossa escolha. Além disso, economizamos tempo e recursos financeiros, já que não precisamos constituir um banco de dados para analisarmos o falar popular do fortalezense, porque isso já havia sido feito e encontra-se disponível sob a tutela da prof. Dra. Aluiza Alves Araújo, orientadora deste trabalho.

Qualificar uma coleta, que atenda aos preceitos da Sociolinguística Quantitativa, implica dizer que, na sua realização, o pesquisador/documentador precisou participar diretamente da interação com os membros da comunidade, procurando, sempre, não perturbar a naturalidade do evento, fato que prejudicaria os resultados das futuras análises.

Para atender a esses preceitos, os organizadores do banco de dados NORPOFOR elaboraram um roteiro de trabalho a partir das experiências empíricas de Labov. Quanto às perguntas feitas aos informantes na coleta de dados, Araújo (2011) esclarece que, no tipo de inquérito DID e D2, foi utilizado o método da narrativa de experiência pessoal, uma vez que o objetivo dos pesquisadores era coletar a fala espontânea dos informantes, o vernáculo. Essas perguntas não foram elaboradas previamente e, portanto, surgiam no decorrer da conversa com o informante, fato que fazia com que os entrevistados ficassem tão à vontade e envolvidos com a situação vivenciada, ao relatarem suas experiências pessoais, que não prestavam atenção ao modo como se expressavam, atitude que, segundo Tarallo (2001), minimiza o efeito negativo

²⁶ Texto original: “the language first acquired by the language learner, controlled perfectly, and used primarily among intimate friends and family members.”(LABOV, 2006, p. 86).

²⁷ O estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para análise da estrutura linguística (LABOV, 2008, p. 17).

²⁸ A característica mais facilmente associada à representatividade é justamente a extensão do corpus, o que significa em termos simples que para ter representatividade o corpus deve ser o maior possível (SINCLAIR, 1991 *apud* SARDINHA, 2000, p.341).

causado pela presença do pesquisador.

O banco de dados NORPOFOR também subsidia os nossos interesses em descrever o fenômeno da variação dos verbos *botar* e *colocar* no falar popular de Fortaleza -CE, igualmente por seu material ter sido produzido pensando a língua como um sistema que só existe enquanto uso, não sendo possível dissociá-lo do seu contexto de realização e essa visão variacionista nos permite confiar que tivemos acesso a amostras reais da fala do fortalezense, garantindo procedência aos nossos resultados.

Segundo Araújo (2011), esse banco de dados foi organizado de agosto de 2003 a julho de 2006, para suprir a inexistência de um *corpus* constituído sobre o falar popular dos fortalezenses e que representasse a variedade linguística, do ponto de vista quantitativo, controlando as variáveis extralinguísticas: *sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro*: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), D2 (Diálogo entre Dois Documentadores) e EF (Elocução Formal).

É preciso registrar a importância do fato desse banco de dados ter sido constituído já no século XXI, uma vez que as informações e até mesmo as mudanças de comportamento alteram-se velozmente na contemporaneidade, devido a velocidade com que as informações são disseminadas e até mesmo ao fato de vivermos em uma sociedade conectada. Portanto, o NORPOFOR representa um diferencial relevante em termos de pesquisa linguística e, certamente, se harmoniza com nossa intenção de trabalhar com dados representativos da fala do cearense.

De acordo com Araújo (2011), os informantes do Projeto NORPOFOR preenchem os seguintes requisitos: são todos fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos e mantêm residência fixa na capital cearense. Tais critérios se justificam pelo fato de os pesquisadores desejarem neutralizar a interferência dos falares de outras regiões.

Os sujeitos que constituem o *corpus* NORPOFOR estão distribuídos segundo o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos, e III: a partir dos 50 anos), a escolaridade (A: 0 a 4 anos, B: 5 a 8 anos, e C: 9 a 11 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre dois Documentadores: D2; e Elocução Formal: EF).

Nos registros do NORPOFOR, antes das gravações das entrevistas, os informantes preenchem uma ficha de caráter descritivo, contendo dados pessoais sobre a vida pregressa do

informante, tais como: profissão, estado civil, escolaridade dos pais, domínio de outros idiomas e sua situação socioeconômica e cultural. Essas informações serviram como critério avaliativo para o atendimento às exigências de aceitação do entrevistado e, também, como um elemento norteador para o pesquisador elaborar suas perguntas (ARAÚJO, 2011).

Assim, com base nesse banco de dados, intentaremos contribuir com os estudos que procuram mapear o falar do fortalezense. Entendemos que, sem a consulta a este banco de dados, ficaria inviável a produção desta pesquisa. Assim, o NORPOFOR viabilizou esse estudo acerca do falar popular em Fortaleza, assim como já possibilitou a realização dos estudos de Araújo (2007), Araújo (2010a), Araújo (2010b), Araújo (2010), Araújo (2011), Nascimento (2010), Araújo (2011), Maia (2011), Nogueira (2011), Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), Araújo e Almeida (2013), Brito (2013), Silva (2013), Carvalho (2014), Guimarães (2014), Lacerda (2015), Sousa (2014), Araújo (2016), Araújo (2016), Araújo, Guimarães e Carvalho (2016), Cisne (2016), Pereira (2016), Santos (2016); Lima e Rúbio (2017), Furtado (2017), entre outros.

4.4 A AMOSTRA DA PESQUISA

O *corpus* NORPOFOR apresenta três tipos de registros, DID, D2 e EF, porém optamos por trabalhar apenas com o tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador), por ele suprir as necessidades desta pesquisa, diferentemente dos inquéritos EF, elocução formal, por conter dados de fala em um contexto mais formal, o que nos leva a crer que os informantes controlem mais seus usos linguísticos do que nos outros dois tipos de registros. Quanto ao registro D2, esse também atenderia aos nossos propósitos, pelos mesmos motivos que o DID, porém não houve necessidade de usá-lo, uma vez que obtivemos uma quantidade de dados suficiente com os inquéritos deste tipo de registro, possibilitando nossas análises. No DID, o pesquisador, por sua vez, buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural, sempre atento para não se alongar em sua fala nem sobrepô-la à fala do entrevistado (ARAÚJO, 2011), fator que também motivou nossa escolha por este tipo de inquérito.

O banco de dados escolhido para essa pesquisa é composto de 86 informantes para o tipo de registro DID. Destes, selecionamos previamente os inquéritos que fariam parte de nossa amostra e, para isso, também selecionamos indivíduos com as mesmas características sociais para preencherem cada célula (SILVA, 2004).

Como escolhemos trabalhar com células compostas por 4 informantes, geramos

uma amostra total de 72 informantes, estratificados em: *sexo* feminino (41 informantes) e masculino (45 informantes); *faixa etária I* (24 informantes), *faixa etária II* (24 informantes), *faixa etária III* (24 informantes); *escolaridade A* (24 informantes), *escolaridade B* (24 informantes) e *escolaridade C* (24 informantes).

Labov (2008) orienta que o número ideal de indivíduos por célula deve ser um total de 5, para que se possa garantir a representatividade da amostra, ou seja, se tenha resultados satisfatórios. Isso nos levaria a um total de 90 indivíduos, quantidade superior à disponível no tipo de registro DID do banco de dados utilizado para esta pesquisa. Porém, o fato de não podermos compor células com 5 indivíduos não compromete nossos resultados pois, de acordo com Monteiro (2000, p.90), atingindo-se um número satisfatório de dados, os resultados se repetem, ou seja, uma amostra pequena e homogênea oferecerá resultados equivalentes a uma amostra maior.

Sobre a composição das células Wolfram e Fasold (1997) ressaltam que “a questão do tamanho ideal da amostra para o estudo dos dialetos sociais ainda continua sem uma boa definição”²⁹ (WOLFRAM; FASOLD, 1997, p. 92). Sobre esta questão, Monteiro (2000) assevera que:

os linguistas admitem que a fala de uns poucos informantes pode ser suficiente para uma investigação, mas ninguém sabe quantos realmente devem ser escolhidos para cada célula. É que isso vai depender muito do grau de homogeneidade que se espera do comportamento linguístico da população a ser analisada. E, também, conforme já vimos, do tipo de problema ou variável que o pesquisador pretende descrever (MONTEIRO, 2000, p. 90).

Assim, o tamanho de nossa amostra levou em consideração, além da variável descrita, o número de categorias ou células (MONTEIRO, 2000). Detalhando, temos 2 sexos escolhidos (masculino e feminino) X 3 níveis de escolarização X 3 faixas etárias X 1 tipo de registro, resultando em um total de 18 células sociais. “Entendemos por “célula social”³⁰ um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO et al. 2015, p. 101). Para essa pesquisa, as células foram preenchidas com 4 informantes cada uma, ou seja, 72 informantes distribuídos homogeneamente.

Apresentamos, no quadro 1, a estratificação dos informantes selecionados para nossa pesquisa, conforme o controle de variáveis sociais (*sexo, faixa etária e escolaridade*):

²⁹ The question of optimal simple size for the study of social dialects is still undetermined (WOLFRAM; FASOLD, 1997, p. 92).

³⁰ Grifo da própria autora.

Quadro1– Distribuição dos informantes na nossa amostra

| Escolaridade | Masculino | | | Feminino | | |
|-------------------------|-----------|----|----|----------|----|----|
| | A | B | C | A | B | C |
| Faixa etária I | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| Faixa etária II | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| Faixa etária III | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| Total | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 |
| Total Geral | 72 | | | | | |

Fonte: adaptado de Araújo (2011).

Como mostra o quadro 1, a amostra desta pesquisa, que se baseia na análise estratificada (SILVA, 2004), é composta da seguinte forma: Faixa Etária: I (15 a 25 anos, 24 informantes), II (26 a 49 anos, 24 informantes) e III (a partir dos 50 anos em diante, 24 informantes); Sexo: masculino (36 informantes) e feminino (36 informantes); e Escolaridade A (0 a 4 anos, 24 informantes), B (5 a 8 anos, 24 informantes) e C (9 a 11 anos, 24 informantes).

O fato de nossa amostra ser constituída por 4 (quatro) informantes por célula nos aproxima do modelo proposto por Labov (2008) com 5 (cinco) informantes por célula, situação que coloca nossa pesquisa entre poucas, uma vez que, devido à dificuldade de formação de células homogêneas, muitos pesquisadores trabalham com número reduzido de informantes, entre 2 (dois) e 3 (três). Esse número, 4 (quatro) informantes por célula, garantiu que a nossa amostra fosse suficientemente representativa para nossa pesquisa na busca por resultados válidos (GUY; ZILLES, 2007).

Quanto à forma de registro, é preciso ressaltar que há diferenças entre os inquiridos no tocante à coleta de dados. O tipo de registro DID, com o qual trabalhamos, apresenta um nível intermediário de formalidade, já que, em geral, não havia intimidade entre informante e documentador. Como o objetivo dos pesquisadores era a coleta do vernáculo, ou seja, a fala espontânea dos informantes, foi usado o método da narrativa de experiência pessoal, que, segundo Tarallo (2001), “reduz o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados” (TARALLO, 2001, p. 21). Labov (2008) nos ensina que

O modo de operação ideal é o linguista se engajar numa conversa normal com o informante e ser capaz de eliciar o uso natural de dada forma sem usá-la ele mesmo. Obviamente, existe aqui um feedback entre análise abstrata e métodos de campo: a habilidade de controlar a produção de uma dada forma confirma nossa análise e fornece dados contextuais sobre seu uso (LABOV, 2008, p. 239).

De acordo com Araújo (2011), as perguntas dirigidas aos entrevistados eram

relacionadas a assuntos de sua vivência, tais como infância, família, trabalho, lazer, entre outros. Fato esse que contribuiu para que os informantes se envolvessem, emocionalmente, com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como falavam. Por isso, nestas gravações, a escolha do (s) tema (s) ficava sempre a critério do (s) informante (s) e não eram previamente planejados.

Quanto ao local das entrevistas, esse poderia ser qualquer ambiente escolhido pelo informante, onde o entrevistador pudesse colher o maior número de dados em que a fala se projetasse de forma natural, sempre em consonância com as necessidades imediatas dos informantes. Esse local poderia ser o local de estudo do informante, o trabalho, a casa de amigos e/ou parente, assim como a sua própria residência (ARAÚJO, 2011).

A grande maioria das entrevistas que compõe o banco de dados NORPOFOR “foi realizada na casa do informante, com exceção das elocuições formais que foram gravadas em auditórios, salas de aula ou igreja” (ARAÚJO, 2011, p. 842).

Para Labov (2008),

As gravações de fala observada em uso real são quase sempre de qualidade muito deficiente. Os foneticistas acústicos coletam seus dados em salas à prova de som, sob as melhores condições possíveis. No trabalho de campo, verificamos que ruídos na sala, barulho na rua e outras interferências reduzem a qualidade fonética de nossos dados. Se o informante for levado para ser gravado sob condições ideais, sua fala terá as propriedades da fala formal, direcionada, que tentamos evitar (LABOV, 2008, p. 233).

Quanto às perguntas direcionadas aos informantes, os pesquisadores as elaboravam de forma a obterem respostas que se aproximassem da fala natural dos entrevistados. O objetivo era coletar o maior número de dados da fala vernacular, portanto, era necessário evitar perguntas cujas respostas pudessem ser formuladas com apenas um sim ou um não (ARAÚJO, 2011).

Apesar dos cuidados na coleta de dados com o intuito de se obter amostras da fala natural, por meio da entrevista individual, gravada, como sugere Labov (2008), não podemos deixar de considerar o fato de que os informantes têm consciência de que estão sendo gravados e que esse fato, por si só, já pode alterar o comportamento linguístico do falante, ou seja, não estaríamos trabalhando com dados da fala realmente natural, como se pretende em uma pesquisa sociolinguística. Essa situação leva o pesquisador sociolinguísta a um problema conhecido como paradoxo do observado, ou seja, como coletar dados da fala natural do informante se a presença do equipamento para a coleta, o gravador, por si só já inibi a fala natural do informante, levando esse a mudar seu comportamento habitual.

É preciso lembrar que na pesquisa sociolinguística a ética obriga o pesquisador a

informar ao entrevistado que este está sendo gravado. Sobre esse impasse, Meyerhoff (2006) comenta que

O paradoxo que todo sociolinguísta enfrenta ao tentar explicar com precisão a variação dentro de uma comunidade de fala é que eles querem saber o que as pessoas dizem e fazem em suas vidas cotidianas, mas assim que começam a registrá-las, mudam a dinâmica mesmo que ligeiramente. O que eles querem saber é, em certo sentido, impossível de conhecer. Isso ficou conhecido na sociolinguística como o **paradoxo do observador** (MEYERHOFF, 2006, p. 38- tradução nossa, destaque da própria autora).³¹

A esse impasse que o próprio Labov denominou de o paradoxo do observador, o autor sugeriu algumas soluções necessárias para resolvê-lo:

Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada (cap.3). Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolve-la em outros contextos. Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer? A narrativa produzida em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo (LABOV 2008, p. 244-245).³²

Com a sugestão de Labov (2008) sobre como amenizar o problema do paradoxo do observador, encerramos esta seção. A seguir, apresentaremos nossa variável dependente e as variáveis independentes que nos possibilitaram entender que pressões nossas variantes sofrem.

4.5 VARIÁVEIS

Ao concluir que temos duas ou mais formas linguísticas variantes entre si, precisamos ter certeza de que elas são intercambiáveis no mesmo contexto, assim como devem manter o mesmo significado referencial. Como postula Labov (2008), elas têm de conter o mesmo valor de verdade.

³¹ The paradox every sociolinguist faces in trying to account accurately for variation within a speech community is that they want to know what people say and do in their everyday lives, but as soon as they start to record them they change the dynamic even slightly. So what they want to know is, in one sense, unknowable. This has come to be known in sociolinguistics as the **observer’s paradox**. (MEYERHOFF, 2006, p. 38, negrito no original).

³² Um dos aspectos mais interessantes dessa pergunta é que ela implica uma resposta sim ou não, do tipo que em geral evitamos. O mecanismo parece ser o seguinte: o informante está disposto a reconhecer o fato de ter estado numa situação assim, embora possa não estar disposto a fazer um relato completo quando o entrevistador pergunta, depois de alguns instantes: “o que acontece? ”. Do contrário, ficaria parecendo que ele fez uma afirmação falsa. (LABOV (2008, p. 245).

O uso de uma ou outra variante é regido por condicionadores que podem ser de natureza linguística e/ou social. Portanto, é necessário definirmos os fatores que serão controlados nesta pesquisa, para podermos responder como as variantes *botar* e *colocar* se realizam no falar popular do fortalezense.

4.5.1 Variável Dependente

É necessário registrar que, em nossa pesquisa, nas rodadas realizadas, a variante *botar* é considerada como valor de aplicação, tendo em vista que, na literatura da área, ela é apontada como sendo a forma coloquial, a menos formal, ou seja, ela é a nossa variante inovadora.

Quanto ao valor de aplicação, é preciso esclarecer que um pesquisador, ao realizar a rodada dos dados coletados, no programa GoldVarb X, precisará informar qual das variantes pesquisadas será codificada como aplicação da regra, geralmente escolhemos aquela que concorre com a variante mais formal, ou pertencente à norma culta. Ao escolhermos a variante *botar* como valor de aplicação, também, poderemos deduzir, a partir dos percentuais e pesos relativos dessa, o PR e a frequência de uso da variante *colocar*, fator para a não-aplicação da regra.

Para Guy e Zilles (2007),

Enquanto os percentuais variam numa escala de 0 a 100, os pesos variam numa escala de 0,0 a 1,0. Assim, no caso de uma variável independente binária, é correto afirmar que, para cada fator (em cada grupo de fatores), a soma do peso calculado em relação à aplicação e do peso calculado em relação à não-aplicação dá sempre 1,0. Por exemplo, considerando a gente a aplicação da regra, obtivemos para os homens o peso de 0,41 e para as mulheres, o peso de 0,56. Deduz-se daí que, para o uso de *nós*, os homens têm peso de 0,59 e as mulheres, de 0,44 (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).

Essa pesquisa, ao analisar a realização dos verbos *botar* e *colocar*, entende que estas formas são variantes, que estão em constante concorrência na fala do informante. Labov (1978), sobre as formas variantes, afirma que são “duas sentenças que se referem ao mesmo estado de coisas e têm o mesmo valor de verdade” (LABOV, 1978, p. 7).

Nessa disputa por expressão de significado, um terceiro verbo está em concorrência, o verbo *pôr*. No entanto, após a revisão da literatura, entendemos que o verbo *pôr* tem um uso muito reduzido, quando comparado a *colocar* e *botar*, então, em virtude disso, optamos por estudarmos apenas a variação entre *botar* e *colocar*. Assim, nossa variável dependente é de natureza binária, ou seja, comporta duas variantes linguísticas (SCHERRE; NARO, 2004).

Como exemplo do uso variável dos verbos em estudo, podemos citar duas ocorrências retiradas de nossa amostra. Em 04, a seguir, para se dizer que algo foi deixado em um lugar (disposto ou montado) e, em 05, mais abaixo, para indicar que alguém foi expulso (retirado) de um lugar. Entendemos que, em ambos os excertos, o contexto de uso é o mesmo, ou seja, dispor alguém de um lugar para outro. Nossa compreensão é que podemos alternar o uso, nesses exemplos, dos verbos sem que haja prejuízo para o entendimento do enunciado.

(04) ... não tem... enquanto tiver computadores... eles *botam*³³... em rede é... pode ser cem computadores... se o jogos tiver... quantos tiver computadores joga... é bom né... por isso que - - é - - (DID 76, NORPOFOR)

(05) tem... só que aí você tem dentro...só dentro da CPU... dentro da caixa... da torre né... dentro... mas aí fora...o monitor... () dentro... se você se você *colocar*³⁴ o computador num local... abafado... o ar que ele vai circular já vai ser o ar quente... (DID 76, NORPOFOR)

4.5.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes são grupos de fatores que atuam sobre as variáveis dependentes. Neste trabalho, as variáveis independentes estão divididas em dois grupos: variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas.

Para esta pesquisa, controlamos 08 variáveis independentes, 04 variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito, papel do falante, sentido materializado pelo verbo*) e 4 variáveis extralinguísticas (*sexo*³⁵, *faixa etária, escolaridade e tópico discursivo*). Acreditamos que quanto mais detalharmos os grupos de fatores condicionantes para uma codificação, mais ricas e aprofundadas serão as nossas análises (SCHERRE; NARO, 2004, p. 158).

4.5.2.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas surgiram a partir de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), Carmo e Araújo (2015), Lavor, Viana e Araújo (2018) e de nosso contato prévio com o banco de dados. Abaixo, elencamos cada uma, ilustrando-as, com dados de nossa amostra.

4.5.2.1.1 Traço semântico e animacidade do objeto

Entendemos a variável animacidade como uma unidade mínima de significado, ou

³³ Sentido materializado pelo verbo: fixar, pendurar, pregar, amarrar, instalar, costurar, plantar.

³⁴ Sentido materializado pelo verbo: fixar, pendurar, pregar, amarrar, instalar, costurar, plantar.

³⁵ Usamos o termo sexo, e não gênero, nessa pesquisa, porque, na ficha do informante do Projeto NORPOFOR, perguntava-se apenas o sexo. Portanto, não teríamos como discutir aqui questões relativas ao gênero.

sema. Nesta variável, controlaremos o fato de os verbos *botar e colocar* indicar o objeto de uma ação que recai sobre um ser animado, + humano (pessoas, animais e outros) e em oposição a uma ação destinada a seres inanimados, - humano (plantas, objetos, abstrações e outros), + animado para agentivo (exprime o agente ou responsável pela ação quando este não tem a função de sujeito da oração) e – animado (não animado) para causativo e instrumental.

Para definirmos essa variável, buscamos amparo nos estudos iniciados em 1963 por Benard Pottier (POTTIER, 1968, 1970, 1972, *apud* LOPES, 1997). As pesquisas iniciadas com o intuito de definir o conteúdo da unidade léxica “cadeira” fez o semanticista perceber que toda unidade léxica está no cruzamento de dois movimentos semânticos:

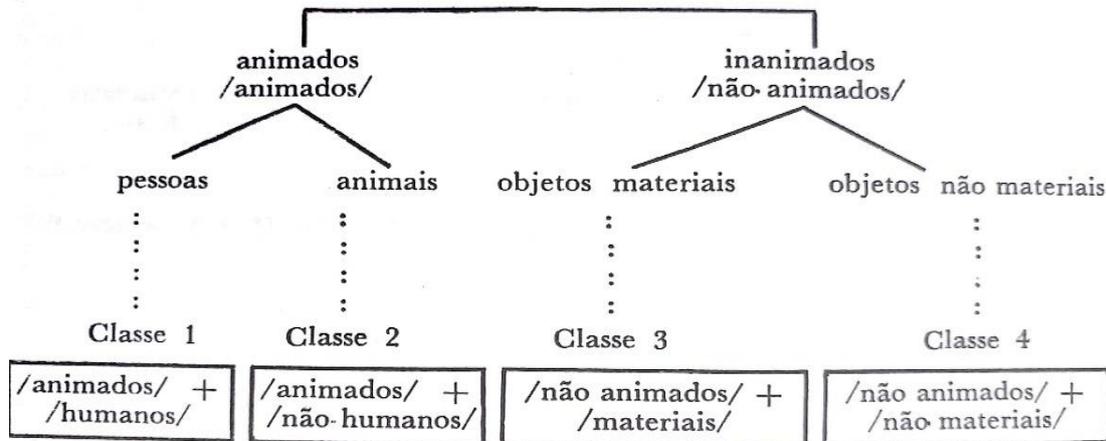
- (a) Um deles, relaciona as unidades mínimas do conteúdo no interior da própria lexia (semas específicos, cujo conteúdo constitui o semema);
- (b) o outro, põe esse semema em relação com classes semântico funcional de distribuição, pertencentes à langue mas selecionadas no interior de frases (classemas) (LOPES, 1997, p. 271).

Na sequência dos trabalhos, o semanticista procurou identificar os elementos que são capazes de saturar a classe dos objetos, a dos animais e a das pessoas. De acordo Lopes (1997), foram selecionados termos de acordo com um esquema de compatibilidade / incompatibilidade dentro de um contexto que classifica elementos pertencentes à classe dos objetos (compatíveis), opondo-se aos substantivos pertencentes à classe dos animais e/ou pessoas (incompatíveis).

Uma tabulação dos testes realizados permitiu estabelecer diferentes distribuições dos substantivos, registradas no uso não metafórico da língua francesa: à classe A (dos *objetos*) pertencem todos os substantivos dotados do classema /inanimados/; à classe B (de elementos que designam pessoas ou animais) pertencem todos os substantivos dotados do classema /animados/ (LOPES, 1997, p. 273).

A seguir, apresentamos um resumo dos resultados da pesquisa de Pottier (POTTIER, 1963, *apud* LOPES, 1997, p. 274), através da figura, em sequência, por entendermos que é a melhor forma de compreensão sobre a variável em estudo.

Figura 1- Resultados da pesquisa sobre animados e não animados de Pottier



Fonte: Lopes (1997, p. 274, Fig. 48)

A partir desse esquema, chegou-se, de uma forma mais didática, às seguintes conclusões apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 2- Conclusões didáticas acerca dos estudos de Pottier

| Substantivo que designam | Classemas correspondentes |
|---|---|
| Pessoas | Classemas 1: /animados/ + /humanos/ |
| Animais | Classemas 2: /animados/ + / não humanos/ |
| Objetos materiais | Classemas 3: /não animados/ + /materiais/ |
| Objetos não materiais | Classemas 4: /não animados/ + /não materiais/ |
| Pessoas e animais conjuntamente | Classemas 5: /animados/ |
| Objetos materiais e objetos não materiais conjuntamente | Classemas 6: /não animados/ |

Fonte: Lopes (1997, p. 275, fig. 48-A)

É preciso esclarecer que não encontramos nenhum trabalho que controle essa variável da forma como estamos propondo em nosso estudo, traço semântico e animacidade do objeto, pois o que encontramos foram pesquisas que controlam o traço semântico do sujeito. De acordo com Pereira (2016), “Essa variável, por vezes, recebe denominações distintas como animacidade, traço humano no sujeito e categorização semântica do sujeito” (PEREIRA, 2016, p. 48).

Alguns pesquisadores, como Graciosa (1991), Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009), Pereira (2004), Oliveira (2005), Sgarb (2006) e Rubio (2008), também trabalharam com essa variável a partir da CV, mas nenhum deles a controlou no objeto do verbo.

O fato de não termos parâmetros comparativos e esclarecedores nos fez buscar, em outros autores, subsídios que esclareçam com mais objetividade o traço semântico. Na busca por estudiosos que definam a variável em destaque, encontramos Borba (1996) que nos esclarece o seguinte:

Entende-se que o traço animado pode se realizar por um nome de animal (A onça esturra); de pessoa (O tenor canta); de instituição (O Brasil canta); de parte do corpo (Seus olhos sorriem); de atributo dos seres (A inveja não perdoa); de atividade dos seres (seus passos o conduziam a um lugar estranho) (BORBA, 1996, p. 33).

Embora as pesquisas de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Viana e Araújo (2018) não tenham controlado esta variável, consideramos relevante estudá-la na amostra selecionada. Para essa pesquisa, definimos nossos fatores, a partir dos estudos de Lopes (1997) da seguinte forma: + *animado* e + *humano*, + *animado* e – *humano*, – *animado* e + *concreto* e o – *animado* e – *concreto*, como nos mostram os excertos 06, 07, 08 e 09.

a) + animado e + humano

(06)... porque ER uma BRIGa mesmo.... porque eu não gostava da pessoa... entendeu...
 AÍ... começaram a brigar... com ele.. era de outro bairro... os cara... de outro bairro...
 AÍ o segurança me *botou* pra fora... aí... (DID 85, NORPOFOR)

b) + animado e – humano

(07)... o senhor num vai passar não disse por que minha filha? você tem um verme aqui se o médico ver você eu vou *botar* outro verme mas o senhor se trate tá certo?... (DID 95, NORPOFOR)

c) – animado e + concreto

(08) ... acho que ele ainda nera nem casado com sua avó ((latidos de cachorro)) tinha um irmão dele que morreu lá no Cantagalo ((latidos de cachorro)) *botou* muito cal aqui ((latidos de cachorro)) o teu tio comé o nome dele... ((latidos de cachorro)) me lembro agora não o cara matou ele de faca lá... (DID 95, NORPOFOR)

d) – animado e – concreto

(09) ... sempre digo lá em casa rapaz se se eu fosse assim uma uma coisa grande tinha muita coisa que eu ia *botar* o/ ou consertava ou então a negrada me matava logo... (DID 65, NORPOFOR)

A seguir, apresentamos a segunda variável linguística controlada por essa pesquisa.

4.5.2.1.2 (In)Determinação do sujeito

Essa variável foi definida a partir do entendimento de que o informante pode usar mais de uma forma para especificar o sujeito da ação verbal, ou seja, ele pode vir determinado ou resgatado pelo contexto, assim como de uma forma que não se pode identificar quem praticou a ação desse verbo, pois esse pode ser qualquer ser.

Para essa variável, os sujeitos foram separados em dois tipos: genéricos, ou seja, aqueles que não são determinados, como o pronome genérico *você*, trazendo a ideia não de direcionamento ao interlocutor, mas de qualquer pessoa, e sujeito determinado pelo contexto, ou seja, aquele que mesmo não aparecendo na fala, o contexto em que foi enunciado o determina.

Apesar dessa variável não ter sido considerada relevante no estudo de Carmo e Araújo (2015), decidimos controlá-la, por acreditarmos que, em nossa amostra, ela exerceria influência sobre o verbo *botar*.

Barreto, Oliveira e Lacerda (2012, p. 88) constatam que, na análise dos termos que acompanham as variantes, o sujeito dos verbos é fator relevante na variação entre *botar* e *colocar*. Neste estudo, o sujeito genérico favorece a ocorrência de *colocar* (57,89%) e o uso do verbo *botar* (56,75%) é privilegiado pela presença do sujeito determinado pelo contexto. Já Carmo e Araújo (2015) notam que a variável em análise é irrelevante para o uso de *botar*.

Por isso, testamos os fatores:

a) Determinado pelo contexto

(10) ... era muito difícil viu? você vê agora éh...o cabra naquele tempo ((tossiu)) eu cheguei a alcançar ainda que tem agora atualmente e parou depois *botaram* agora de novo não sei se naquele tempo já tinha a cavalaria naquele tempo.... (DID 65, NORPOFOR).

b) Genérico

(11) ... era bon/ andava de ôn/ de bonde né... pegava bochecha de ônibus () *botava* a gente pra cima e pra baixo e:: era assim o passeio ... (DID 138, NORPOFOR)

A seguir, continuamos com mais uma das variáveis controladas nesta pesquisa.

4.5.2.1.3 Papel do falante

Os fatores dessa variável são definidos por Cançado (2005) como: o agente é “o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle”; paciente é a entidade que sofre o

efeito de alguma ação, havendo mudança de estado; o experienciador como “ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico”; e o beneficiário como “a entidade que é beneficiada pela ação descrita” (CANÇADO, 2005, p. 133-114).

A partir dessa definição, entendemos que, ao fazer uso dos verbos *botar e colocar*, um falante pode exercer a função de agente da ação, experienciador da ação, beneficiário da ação verbal ou determinar o paciente sobre quem recai a ação.

A variável *papel do falante* foi considerada irrelevante no uso do verbo *botar* na pesquisa de Carmo e Araújo (2015). Também foi observado em Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) que essa variável não favorece o uso de *botar*. Diante disso, poderíamos tender a abandonar a ideia de controlarmos tal variável, mas, como se trata de bancos de dados diferentes, portanto comunidades de fala diferentes, optamos por seu controle na amostra retirada do NORPOFOR, por entendermos que esse grupo de fatores possa exercer influência sobre o verbo *botar*. Assim, controlaremos os fatores a seguir:

a) Agente

(12) ... J. O. me levou para jogar lá joga todo domingo joga lá Venturoso... aí depois botei aí foi cri/ fundei o Campinense... fundei um time... (DID 138, NORPOFOR)

b) Paciente

(13) ... eu não aprendi nada porque se você me *botar* para fazer uma conta... de... de coisa () ... eu não faço... (DID 79, NORPOFOR)³⁶

c) Experienciador

(14) .. aí eu fiquei com medo que eu via lá no hospital via os caba morre de hav/ de hemovitise lá porque... ele *botava* o motor e::... e a e o motor não puxava o sangue... (DID 138, NORPOFOR)

d) Beneficiário

(15) ... a intenção era essa quer dizer... *colocar* aquele pessoal fora entendeu? ... e ver se a gente... dava assim... uMA roupa nova ao... ao trabalho de associação... (DID 58, NORPOFOR)

A próxima seção traz uma das variáveis mais determinantes para essa pesquisa, pois a mesma foi desenvolvida a partir da audição, na íntegra, das entrevistas e traz o mapeamento

³⁶ Podemos concluir que, nesse excerto, a ação recai sobre o sujeito (filha adotiva da informante), ou seja, o paciente da ação do verbo *botar*.

de todos os sentidos apresentados pelo verbo ao longo na fala do informante.

4.5.2.1.4 Sentido materializado pelo verbo na sentença

Esta variável foi desenvolvida durante a audição das entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa, pois entendemos que os verbos *botar e colocar* apresentam uma grande maleabilidade semântica, podendo veicular diferenciados sentidos no enunciado. Concluímos que esses verbos comportam-se como “verbos coringas”³⁷, referindo-se a uma ação tanto no plano físico como no abstrato e metafórico, ou seja, trata-se de um verbo polissêmico. Para Cançado (2005), o fato de existir palavras polissêmicas comprova que uma mesma palavra pode ser utilizada em diferentes contextos de uso.

Inicialmente, esta variável estava ancorada nas pesquisas de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) e Carmo e Araújo (2015), porém ambos os estudos controlaram apenas o fato de os verbos *botar e colocar* se referirem a ações concretas e abstratas. Entendemos que esses dois fatores não dão conta da riqueza semântica que os verbos em análise podem apresentar e, a partir desse entendimento, passamos a controlar cada novo sentido que os verbos nos revelassem dentro do enunciado e, para isso, foi imprescindível atentarmos para o *tópico discursivo*, fato esse, que nos levou a considerações extremamente relevantes no entendimento do fenômeno em estudo.

Para Bechara (2015):

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; “entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta, por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-la a uma folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: uma folha de estanho, de ouro, de papel, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. (BECHARA, 2015, p. 413)

Durante o processo de construção dos fatores que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, deparamo-nos com expressões, usando os verbos em

³⁷ Entendemos o verbo coringa como aquele que possui uma extensão semântica em que o falante faz uso em vários contextos pois o mesmo dá conta do valor semântico esperado sem prejuízos de entendimento para o locutor.

estudo, que não os apresentava em seu sentido originário, enunciados em que só falantes familiarizados com os mesmos poderiam atingir a profundidade de seu entendimento, portanto, outro grupo de falantes que não os dominassem enfrentariam problemas na comunicação, se desconhecêssem os seus valores semânticos e metafóricos. Esse tipo de situação pode ocorrer com falantes estrangeiros e até mesmo com falantes nativos de diferentes comunidades de fala. Essas expressões se caracterizam, principalmente, por não pertencerem à norma geral e, segundo Carvalho (2016), “são conhecidas como expressões fixas ou fraseológicas” (CARVALHO, 2016). Ainda, segundo Carvalho (2016)

Um exemplo de expressões bastante utilizadas e que ainda sofrem preconceito e marginalização na língua são as expressões fixas ou fraseologismos. Pertencem a esse grupo as locuções, colocações, provérbio, frases feitas, ditos populares, fórmulas de rotina, dentre outras. Essas unidades linguísticas são constantemente utilizadas por falantes nativos de diversas línguas em seu cotidiano, até mesmo de forma inconsciente e, muitas vezes, passam despercebidas por eles uma vez que já as conhecem graças ao convívio diário com língua e a aquisição natural que fazem delas (CARVALHO, 2016, p. 15).

Entendemos que expressões, como as elencadas em 16, 17 e 18, encontradas no banco de dados analisado, não podem ser consideradas como variantes, e sim como expressões fixas ou fraseologismos. Portanto, mesmo tendo controlado o verbo *botar*³⁸ nas expressões fixas, não as contabilizamos enquanto ocorrência, ou seja, não fazem parte de nossa amostra.

(16) ... ele bebia mas ele *botava* muito boneco né... às vezes ele queria bater na minha mãe: e e a gente não deixa::va né (DID 23, NORPOFOR)

(17) ...carregaram até o microfene a negrada... tá *botando* é quente... diz que é duzentos... (DID 30, NORPOFOR)

(18) ... aqui acolá a gente pega um prat/ um patrão chato uma patroa... mas a gente sai vai pra o:: utra a gente *bota* a banca da gente... (DID 6, NORPOFOR)

Buscando traços em comum entre os vários sentidos que os verbos *botar* e *colocar* iam revelando ao longo da audição das entrevistas, montamos os fatores:

a) introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir;

(19) ... ele compro::u... um revólver calibre trinta e dois... ele *botou*... balas outro calibre no revólver dele... de... (DID 22, NORPOFOR)

(20) ... o rapaz prestou socorro a ele apesar dele ter batido no rapaz... olha como ele deixou a moto do rapaz aí toda acabada... ele fez foi prestar socorro ao seu marido...

³⁸ Foram localizadas 23 ocorrências de expressões fixas ou fraseológicas em nossa amostra, mas nenhuma delas com o verbo *colocar*, ou seja, 100% das ocorrências ocorreram com o verbo *botar*.

aí o policial mandou ela calar a boca... *botou* dentro da viatura também... foi para o hospital... aí pronto... (DID 85, NORPOFOR)

b) pôr sobre si, pôr sobre o outro, em cima de, jogar sobre, lançar sobre;

(21) ... pensavam que eu não ia sobreviver estava só esperando mesmo sabe... aí... graças a Deus... a minha mãe...conheceu (Deus *botou* no caminho) ela trabalhava né ela tinha condições e::... pronto eu acho que... comprou remédio de FO::ra... (DID 23, NORPOFOR)

(22)... ... eu tive que esperar pra outra segunda-feira ... pra poder *botar* o remédio na cabeça da criança... (DID 79, NORPOFOR)

c) transportar, movimentar, recolher;

(23) ... eu fazia frete com caminhão *botei* muito material de construção... (DID 149, NORPOFOR)

(24) ... meu pai é carroceiro ele trabalha com carroça ... assim *bota* areia pedra faz mudança... ele *bota* pedra areia faz mudança também pega capim pra/pros animais tudo... (DID 70, NORPOFOR)

d) dispor, deitar, arrumar, juntar, montar, organizar;

(25) ... é bom a gente vai pra igreja a gente passa gente vai pra igreja aí a gente se reúne as famílias todas lá que é um terreno muito grande lá a gente se reúne as famílias todas aí faz umas comidas *bota* tudo lá e a gente se reúne lá... (DID 18, NORPOFOR)

(26) ... o sangue veio junto com a criança... aí eu fui pra sala de parto... na... numa cama... com dois negócios... assim... que a gente *colocar* a perna... aí quando você faz força... a criança sai... (DID 79, NORPOFOR)

e) tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio;

(27) ... de noite piora né... quando é de noite... a dor bate de novo... aí eu tenho que fazer ... (compressa de água morna pra *botar*) se eu quiser dormir... (DID 79, NORPOFOR)

(28) aí:: quando foi hoje de manhã fui as/ no grande circular TANTA da gente mas TANta da GENte que você olha assim você diz assim Valha meu DE::us que multidão é essa?... aí eu fui subir o CAra foi bo::TOu as mãos no ônibus nem su/ nem ia pra FRENte nem pra TRÁS aí *botou* as mão no ônibus e pra emPURra o povo seguRAR assim como se fo/ *botá/* TOdo mundo pra trás... (DID 10, NORPOFOR)

f) iniciar, incentivar a algo, induzir, aprender;

(29) ... aí tinha hora que ela que ela fazia uma roda com todos né? aí tirava cada um pra se apresentar aí cada um se apresentava e voltava pro seu lugar aí tinha hora também que ela *botava* cada um pra ir pra cantar inventar uma música sabe? (DID 17, NORPOFOR)

(30) ... porque que eu trouxe esse sofá devia de ter deixado para a cachorra dormir... ((rindo)) eu deveria ter deixado para a cachorra dormir em cima... o outro é bom... ah sabe o que fo::i?... a dona M. a mulher que tem lá que *botou* fogo... foi queimar ((rindo)) ela foi queimar uma aranha... (DID 16, NORPOFOR)

g) montar empresa, estabelecer, empreender, fundar;

(31) ... são ferramentas de material pneumático muito de boa qualidade e que os engenheiros dessas fábricas alemãs já saíram dessas que eram do Brasil e *colocaram* pra eles assim no caso é no Rio Grande do Sul (DID 55, NORPOFOR)

(32) ... meu sonho é *botar* uma... uma () uma oficina técnica em computação (em) computadores... (DID 63, NORPOFOR)

h) fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar;

(33) ... as festas não eram negócio de clube... era a própria casa... *botava*... *botava* um papel na luz/ a luz negra... ((ambas riram juntas)) (DID 37, NORPOFOR)

(34) ... daquele jovem que morreu na Inglaterra né aquele pessoal fizeram uma:: na cidade dele fizeram uma:: proclamação de uma assim de um patriotismo grande tão grande *botaram* bandeira do Brasil cantaram o hino nacional fizeram aquele ali era um momento deles o quê? tá questionando porque que aquele jovem morreu morreu por quê? (DID 105, NORPOFOR)

(35) ... já o grafite surgiu pra demarcar territórios:: de gangues rivais... tipo assim ho/ tem as gangues de hoje e tal... e você sabe aonde é sua área e tal e antes lá eles não sabiam onde era a área do inimigo eles passavam e morriam... aí ele... *botava* o símbolo... (DID 20, NORPOFOR)

i) acomodar, matricular, prender, denunciar;

(36) ... aí eu digo não não vai dar certo o D. ficar aqui não o jeito que tem é tirar... aí tirei e *botei* ele acolá naquele outro colégio... (DID 6, NORPOFOR)

(37) ... mas devido haver o que houve lá eu... eu saí... eu saí não praticamente ele::... me dispensou mas aí... eu quase *botava* o caso pra frente (DID 6, NORPOFOR)

j) trazer à consideração, exemplificar, comentar sobre, elogiar, advertir, terminar;

(38) ... sempre digo lá em casa rapaz se se eu fosse assim uma uma coisa grande tinha muita coisa que eu ia *botar* o/ ou consertava ou então a negrada me matava logo... (DID 65, NORPOFOR)

(39) ... crime assalto homicídio com certeza isso aí contribui pra que a violência aumente por exemplo se eu sei... se:: vou *colocar* um exemplo aqui se eu sou uma pessoa que:: sou um marginal e:: o marginal ele ele todo/tudo que ele vai fazer é premeditado...(DID 150, NORPOFOR)

k) contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar;

(40) ... por exemplo um:: assalto a mão armada é o artigo trinta e sete... se você for pego a primeira vez se você fizer a primeira vez esse ou ou PRIMÁRIO... ou primário se você for pego fazendo um assalto a mão armada... você *coloca* advogado acho que você num passa uns vinte dias na cadeia... (DID 150, NORPOFOR)

(41) ... ele tava fazendo que que assim tava precisando de GENte pra trabalhar lá aí me chamou aí *botou* eu lá pra trabalhar (DID 47, NORPOFOR)

(42) ... porque eu acho que ele realmente é o:: político que tá assim ma... bem preparado pro... acho que *botasse* qualquer um menos o Juraci já era... um passo... (DID 87, NORPOFOR)

l) atribuir algo a alguém, imputar, atribuir valor, traír;

(43) ...V... ôh sofrimento da minha filha pra poder escapar... e quando foi um dia a mulher que ela tava lá minha comadre... minha filha:: me diga uma coisa::... você botou chifre nesse homem? *botei* não vó::... que ela chamava ela de vó... porque se você não *botou* nós vamos voltar pra FORTaleza... (DID 128, NORPOFOR)

(44) ... ele vai tentar explicar pra mãe do:: amigo dele que que tinha acontecido...ela também não acredita...ela diz que a culpa é dele *bota* a culpa nele e diz que vai vingar o filho (dele) que ele matou... (DID 32, NORPOFOR)

m) expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir;

(45) ... os alunos me perturbando... D. ()... não sei o que... aí a professora não tava na sala na hora dessa.. aí eu peguei meu caderno... aí eu (bumba) no birô da mesa... aí a menina ficou se tremendo todinha... quase que *bota*... ela *bota* o filho pela boca... ela ficou gelada... ficou passando mal... (DID 38, NORPOFOR)

(46) ... se você tiver mergulhando num local que tiver golfinhos perto de você pode ficar mais tranqüilo ainda qualquer tubarão que vir a aparecer eles *colocam* rapidinho pra correr... (DID 54, NORPOFOR)

n) prever, adivinhar;

(47) ... porque eu não acho que um cara que uma pessoa que escreve essas um negócio daquele vai saber do que vai acontecer na minha vida naquele dia só pra todo mundo que é daquele mesmo que nasceu na mesma ÉPOca nasceu que esse negócio de signo é com esse negócio de data de nascimento né? ... aí o cara *bota* lá que naquele dia você vai... você vai ficar rico seu quê uma coisa assim do tipo. (DID 47, NORPOFOR)

(48) ... tudo armado... o maior medo da gente foi eles atirarem... aí eu fui e *botei* olhei pro espelho aí eles pularam dentro numa pampazinha... (DID 65, NORPOFOR)

o) vestir, calçar, usar joias, adereços;

(49) ... tem mais tempo de que ele pegaram ele com *batom* pintaram ele todinho porque ele se vestia de mulher *botaram* roupa nele e tudo (DID 70, NORPOFOR)

(50) ... quando a tia tá dormindo a gente fica brincando a gente se maqueia veste roupa da gente chique *bota* salto alto e sai desfila... (DID 70, NORPOFOR)

p) reproduzir, repetir, ouvir, tocar;

(51) ... o pessoal tá falando... de novela tá falando de sexo ah é muito bom... o pessoal tá falando::... roubar... o pessoal sempre *bota* aqueles aqueles... aquela música o pessoal traficante... tem várias músicas... (DID 87, NORPOFOR)

(52) ... um cara numa casa lá com uma radiola aí o menino disse ah o cara fazendo serenata *bota* é um disco... (DID 95, NORPOFOR)

q) apresentar, mostrar, se inscrever, situar;

(53) ... na festa de quarenta anos da Globo... que aí eles foram tentar entrevistar o Jô Soares... (mas) foi muito engraçado... que ao o Jô não queria falar com eles né? porque tava atrasado... aí *botaram* o Jô () e tocando aquela musiquinha de... da (marcha do império*)... (DID 32, NORPOFOR)

(54) ... e falta de patrocínio não dá néh... a gente não conseguiu *colocar* mais peças... e:: o grupo assim meio que se separou (DID 82, NORPOFOR)

r) pôr na mente/ subconsciente, pensar, refletir, inferir;

(55) ... eu *coloquei* isso na minha cabeça eu comecei a obter resultados melhores na minha vida... (DID 59, NORPOFOR)

(56) ... aluguel () se você não *botar* na cabeça que tem que comprar uma casa...você passa um no... dois... três... dez... (DID 30, NORPOFOR)

(57) ... eu sou pobre mas tem gente mais pobre do que eu... né?... aí por isso que eu *boto* a mão na consciência... (DID 84, NORPOFOR)

s) pôr, depositar dinheiro, confiar, guardar, somar;

(58) ... o patrão dele era um deputado aí... sabe? aí *botou* o dinheiro no nome dele né?... (DID 30, NORPOFOR)

(59) ... só o nome... quanto é que ele lhe paga por mês? ... duzentos e quarenta limpo e seco... quer dizer... você tá só... você tá servindo pra ele só... pra ele... pra ele *botar* o dinheiro... usou seu nome só... (DID 30, NORPOFOR)

(60) ... os time daqui num têm patrocínio... o Sumov tá pra acabar já... tá devendo aí Deus e o mundo... a prefeitura num tá *botando* mais verba né? ... (DID 92, NORPOFOR)

t) situar em hierarquia (esportiva, social moral, tempo), escalar, listar, seguir;

(61) ... lá nós dividimos o grupo né? em dois e eu caí com o primeiro grupo com o G. né? que é outro instrutor e na nossa subida ao retorno à lancha quando nós terminamos de subir e *colocamos* a outra equipe que tava em cima da lancha pra baixo... (DID 54, NORPOFOR)

(62) ... rapaz... o Ceará ta mal óh... PORque::... o treinador ao *colocou* o time é:: os jogadores de futebol pra jogar... e já perdeu já... dezoito () o Fortaleza nosso rival o nosso... da outra vez perdemos de dois times aí... Ferroviário... ruim o Ceará ()... (DID 85, NORPOFOR)

u) registrar, nomear, batizar;

(63) ... aí... tivemos aquela tivemos a ideia de::... *botar* o nome dela... porque é o seguinte... o início do meu nome com o fim do nome dela... entendeu?... (DID 81, NORPOFOR)

(64) ... foi só a mais velha a L. Ma/M. de L. de M.... só o nome dela que tinha de o nosso num tinha porque num não *botaram*... (DID 95, NORPOFOR)

v) salpicar, pôr de leve, temperar, espalhar;

(65) ... uma doidinha ia *botar* talco na menina... enchia os olhos da menina de talco... (DID 39, NORPOFOR)

(66) ... pra gente dançar (mas menino) derrubava liso *botava* a cera né? aí nós tudo brincando lá eu S. L. M. é a tropa todinha da Leopoldina né?... (DID 95, NORPOFOR)

(67) ... eu era muito magrinha né? aí qualquer roupinha ficava... e a anágua?... *botava* no grude mulher (*botava* ali em pé) e vestia pra poder ficar bem:... (DID 48, NORPOFOR)

w) escrever, copiar, desenhar, resolver um problema matemático.

(68) ... se tiver uma questão assim na prova... né? assim:... às vezes o professor *bota*... () qualquer... qualquer cont/ contextualização assim... (DID 56, NORPOFOR)

(69) ... o:: Microsoft Word que:... a gente:... digita... é para:: fazer trabalho mesmo assim... mais trabalho... que a gente... para digitar... as palavras... pode fazer... pode *botar* figuras... pode:: lançar... lançar dados e tal... (DID 56, NORPOFOR)

Na próxima seção, trataremos das variáveis definidas como extralinguísticas e, entre essas, decidimos incluir a variável *tópico discursivo*, mesmo sabendo que alguns pesquisadores a definam como uma variável linguística. Entendemos que para esta pesquisa essa discussão não seria retomada, em virtude de não ser esse nosso foco principal. No entanto, a variável *tópico discursivo* necessita de uma pesquisa mais abrangente que contemple a sua importância para o fenômeno da variação e mudança linguística.

4.5.2.2 Variáveis Extralinguísticas

No tocante ao grupo dos fatores extralinguístico, controlaremos quatro variáveis, a saber:

4.5.2.2.1 Sexo

Em consonância com as pesquisas de Labov (2001), acreditamos que, conforme a classe social, as mulheres são mais sensíveis à correção e tendem a empregar formas de prestígio mais do que os homens. Labov (1990), por exemplo, argumenta que a tentativa, por parte das mulheres, de preservar o uso das formas mais prestigiadas em seus comportamentos linguísticos está relacionada com o fato de que elas procuram se contrapor às condições de inferioridade nas quais são historicamente colocadas.

A primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo se encontra em Fischer (1958), em um estudo realizado entre 1954 e 1955 numa pequena aldeia da Inglaterra, com crianças, estratificadas em idade I, de 3 a 6 anos, e II, 7 a 10 anos. O autor analisou a variação na pronúncia do sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio (*walking, talking*), e concluiu que a pronúncia velar era mais frequente entre mulheres. Note-se que essa preferência não é resultado de uma escolha aleatória entre duas pronúncias igualmente possíveis do sufixo correspondente a uma diferença da valorização social: forma prestigiada versus forma não prestigiada, respectivamente. O que o autor constata, portanto, é que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina. (FISCHER, 1958).

Para Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), os homens usam mais o verbo *botar* (54,63%) do que as mulheres (45,31%) que preferem o verbo *colocar*. Para as autoras, esse resultado pode ser justificado por questões de formalidade, uma vez que, em determinados contextos, os homens tendem a agir de forma mais informal do que as mulheres, que, por questões históricas e sociais, são mais cuidadosas e, por isso, fazem uso da forma *colocar*, tida como mais formal.

É válido registrar que a pesquisa de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) não demonstrou os pesos relativos para os fatores controlados. No estudo de Carmo e Araújo (2015), as análises apontaram a variável sexo como o último fator favorecedor da ocorrência do verbo *botar*. Os homens (0,558) beneficiaram a variante *botar*, ao contrário do que acontece com as mulheres (0,435), que privilegiam o uso de *colocar*.

Constatamos que, em ambas as pesquisas, os homens privilegiam o uso de *botar* e as mulheres o de *colocar*, o que comprova as palavras de Labov (2008), quando afirma que as mulheres são conservadoras por natureza e, por isso, são consideradas menos inovadoras do que os homens. Isso nos leva à crença de que as mulheres usam as formas prestigiadas como uma maneira de fugir ao estigma ou preconceito, na busca por melhor colocação no mercado de trabalho e melhor *status* social. Segundo Wolfram e Fasold (1974), “as mulheres, mais do que os homens, demonstram uma sensibilidade maior a traços linguísticos socialmente avaliados” (WOLFRAM; FASOLD, 1974, p. 72).

Sobre o aspecto *status*, segundo LABOV (2008), as mulheres tendem a empregar formas de prestígio, bem como enxergam a língua como instrumento de ascensão social.

Portanto, a partir da importância demonstrada quanto ao sexo do falante, justificamos a necessidade de controlar, em nosso estudo, o comportamento dos fatores:

- a) masculino;

b) feminino.

4.5.2.2.2 Faixa etária

Não é preciso conhecimentos sociolinguísticos para percebermos que existe diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças. Essas diferenças, de acordo com pesquisadores, como Labov (1994), Monteiro (2000), Freitag (2005), podem estar relacionadas com as faixas etárias dos falantes, na mesma região, e em falantes de uma mesma cultura.

A faixa etária é apontada pelos estudos variacionistas como uma variável social importante, uma vez que pode fornecer dados sobre o grau de estabilidade da variável linguística em estudo, se o fenômeno estudado apresenta variação estável ou sinaliza mudança em progresso.

Freitag (2005) acrescenta que

Estudos variacionistas costumam atribuir grande importância aos resultados obtidos pela correlação entre o fenômeno em análise e a faixa etária dos falantes, pois tais resultados podem referendar generalizações sobre o andamento do processo de variação e mudança. [...] a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois à ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização (FREITAG, 2005, p. 106).

Assim, entendemos a importância da variável faixa etária do falante, pois ela pode ser determinante em alguns fenômenos, ao oferecer contexto para casos de variação estável ou mudança em tempo aparente, fenômeno que compõe nossas hipóteses. Sobre essa mudança, Monteiro (2000) esclarece que:

O problema central é que a variação linguística detectada em função da idade do falante pode ou não denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança. [...] É possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias. [...] Uma análise em tempo real esclarecerá se realmente se trata de uma mudança linguística ou se o fenômeno consiste numa variação própria da gradação etária (age grading). Raciocinemos: se os falantes modificam um hábito linguístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo não modifica o padrão, é claro que não se trata de mudança linguística (MONTEIRO, 2000, p. 76 - 77).

Assim como o *sexo*, a *faixa etária* dos falantes é bastante estudada nos estudos variacionistas e também é base da estratificação dos falantes nos bancos de dados de fala (FREITAG, 2014, p. 35), como o NORPOFOR. Segundo Labov (2008), existe uma tendência de os indivíduos de maior idade preferirem formas mais conservadoras, enquanto os mais jovens preferem as formas mais inovadoras. Nesta pesquisa, analisaremos a fala de indivíduos

em diferentes faixas etárias, a fim de verificar a variação dos verbos *colocar e botar*.

Os trabalhos tomados como referência (BARRETO, OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CARMO; ARAÚJO, 2015) não controlaram esta variável, já a pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018), usando dados do ALiB, a controlaram, concluindo que os indivíduos da *faixa etária II*, 45 a 60 anos, são os que mais empregam a variante *botar* (55,3%). Portanto, resolvemos inclui-la em nossas variáveis controladas, por consideramos que a *faixa etária* assume um papel relevante para nossas análises. Como trata-se de *corpora* diferentes, ALiB e NORPOFOR, para essa pesquisa controlaremos os fatores que se seguem, mesma estratificação do banco de dados de nossa coleta.

- a) faixa etária I (15 a 25 anos);
- b) faixa etária II (26 a 49 anos);
- c) faixa etária III (a partir de 50 anos).

4.5.2.2.3 Variável escolaridade

A sociedade contemporânea é marcadamente sustentada pelos valores construídos a partir da escolaridade do sujeito, haja vista as lutas sociais por uma educação igualitária e uma maior democratização do ensino como ferramenta para diminuir as desigualdades sociais.

A esse respeito, Bortoni - Ricardo (2004) destaca que

Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe que esses fatores estão intimamente ligados ao *status* socioeconômico, na sociedade brasileira (BORTONI; RICARDO, 2004, p. 48).

Com respeito ao *status* social da escolarização do indivíduo, Bagno (2003) questiona:

Como possibilitar a esses brasileiros o acesso à cultura letrada e, como isso, a chance de lutar pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas? Como fazer para a escola – fonte primordial do letramento na nossa sociedade- deixe de ser uma agência reprodutora das agudas desigualdades sociais e dos perversos preconceitos que elas suscitam? (BAGNO, 2003, p. 8).

Logo, como podemos inferir, esse é um grupo de fatores de grande relevância para as pesquisas variacionistas, uma vez que estudos apontam que esta variável é um dos fatores influenciadores das escolhas linguísticas dos falantes.

A verdade é que os indivíduos que têm mais tempo de escolarização, normalmente, estão em contato mais fortemente com as formas de prestígio, enquanto os que não vão à escola, às vezes nem tiveram esse contato. De modo geral, está associada à questão da forma

estigmatizada, ou seja, os falantes com menos escolaridade tendem a utilizar a forma que possui menos prestígio.

As pesquisas com as quais temos trabalhado como parâmetro para as nossas análises (BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CARMO; ARAÚJO, 2015; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018) não controlaram esse grupo de fatores. A primeira pesquisa usou como critério básico para suas análises a quantidade de palavras (*botar e colocar*) encontradas nos dois *corpora* pesquisados (157.172 no NURC/RJ e 157.415 no Projeto Mineirês), independente do grau de escolaridade do falante; quanto à segunda pesquisa, não havia a necessidade de controlar a escolaridade, uma vez que os informantes do PORCUFORT (*corpus* utilizado) são todos de nível de escolaridade superior.

Para essa pesquisa, é necessário controlar essa variável, uma vez que o banco de dados utilizado por nós apresenta três níveis de escolaridade. Portanto, controlaremos os mesmos níveis de escolaridade apresentados no NORPOFOR, que são os seguintes:

- a) nível A (de 0 a 4 anos de estudo);
- b) nível B (de 5 a 8 anos de estudo);
- c) nível C (de 9 a 11 anos de estudo).

4.5.2.2.4 Tópico discursivo

Esta variável está diretamente ligada ao assunto, no momento da fala do informante, quando este faz referência a acontecimentos vivenciados, “[...] mediante enunciados formulados em torno de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis [...]” (PINHEIRO, 2015, p. 303). Segundo Marcuschi (1991), as conversações iniciam-se com o tópico que motivou o encontro, ou seja, o tópico é a base para o início de uma interação.

O tópico serve para descrever o conteúdo sobre o qual se fala/escreve. Favero (1999) destaca que “é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc.” (FAVERO, 1999, p. 39).

Pinheiro (2005) ressalta que o tópico discursivo é uma categoria de bases textual e interacional. Textual, porque se relaciona ao plano global de organização do texto, e interacional, por ser uma entidade que permite aos interlocutores atribuírem propriedades específicas a ele, conforme suas práticas interacionais.

Para Pinheiro (2012),

considerando que, em um único evento de fala, os interlocutores podem desenvolver vários temas, e, portanto, vários tópicos, é possível abstrair-se desse evento uma dada organicidade, expressa na distribuição dos assuntos em quadros tópicos. (PINHEIRO, 2012, p. 798).

A literatura linguística usa o termo tópico para definir fenômenos relacionados à organização de uma sentença ou do discurso, sendo que em ambos os casos o tópico é contextualizado linguística e situacionalmente. Dentro dos limites oracionais, o tópico é empregado por Li e Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987) numa proposta de tipologia de línguas. Segundo esses autores, as línguas seriam divididas em quatro tipos: a) com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é descrita em termos de sujeito e predicado; b) com proeminência de tópicos, em que a estrutura das sentenças é descrita em termos de tópico e comentário; c) com proeminência de tópico e sujeito, em que há os dois tipos de sentenças descritos em a e b; e d) sem proeminência de tópico e sujeito, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos de construção.

Assim, para essa pesquisa, consideramos o tópico como o assunto acerca do qual se está falando e como um processo colaborativo que envolve os participantes do ato comunicativo.

É preciso esclarecer que, na seleção das ocorrências para cada fator que compõe essa variável, fomos extremamente cuidadosos no que diz respeito ao momento da fala de cada informante e isso nos leva, muitas vezes, às perguntas investidas pelos entrevistadores. Portanto, muitas vezes, o informante fala sobre seu *trabalho, religião, relacionamentos, vestimentas* entre outros, mas, no momento da fala, o tópico da discussão é outro. Como exemplo, apresentamos os excertos 70 e 71, extraídos de nossa amostra, em que, no 70, a informante fala de *vestiário*, mas o *tópico discursivo é recordações*, pois, no momento da fala, a informante estava relatando um acontecimento do passado, quando fazia uma venda e a cliente pede para ela incluir mais um objeto na sacola de compras ou, no 71, que também fala de uma peça de vestimenta, mas, no momento da fala, o *tópico discursivo é o cotidiano da informante e sua relação com as tarefas domésticas*.

(70) "... aí de repende ela diz... "quanto é esse colar?"... "é tanto"... aí ela diz/ bota... "tem espelho aí?"... "tenho"...aí *bota* aí...sabe (DID 66, NORPOFOR)

(71) ... se ela lavar... que ATÉ as calcinhas:: vou dizer mesmo ela lava... *bota* lá no tanque se eu quiser enxáguo... (DID 128, NORPOFOR)

Para essa variável, controlaremos os seguintes fatores:

- a) trabalho;

(72) ...? se eu montasse assim um negócio meu assim pra mim tomar conta... que eu já cheguei a *botar* com sócio... mas ia tudo bem... mas negócio de sócio não quero mais nunquinha ... (DID 65, NORPOFOR)

b) recordações;

(73) ... eles *botaram* a gente em casa de família pra ser empregada doméstica... (DID 06, NORPOFOR)

c) relacionamentos;

(74) ... cheguei *botei* um ponto final aí pronto... não quero mais... ele determinava até as roupas que eu vestia... se eu *botar*... era uma coisa... ele chegou ao ponto de dizer pra mim que se eu não tivesse filho ele me trancaria dentro de casa levava a chave e eu... (DID 69, NORPOFOR)

d) religião;

(75) ... aí ei peguei comprei uma passagem e fui pra lá aí dexei e doeí po botei naquela casa dos milagres que tem lá né... (DID. 47, NORPOFOR)

(76) ... Jesus ele preencheu tudo que tava vazío na minha vida *botou* tudo por terra limpou meu lar o meu esposo bebia... (DID 126, NORPOFOR)

e) cotidiano;

(77) ... eu sempre andava com os telefones deles todinhos na minha carteira tudo pode acontecer né? você de manhãzinha *botar* o carro pra pegar o carro não pegar um pneu furar alguma coisa... mas não sendo? (DID 65, NORPOFOR)

f) vida escolar;

(78) ... eu parei que... eu sai reprovado na sétima ai meu pai ficou indeciso qual colégio ia me *botar*... aí acabo:::u passando já o tempo de matrícula ai eu ia fazer supletivo... (DID 87, NORPOFOR)

g) lazer;

(79)... na festa de quarenta anos da globo... que aí eles foram tentar entrevistar o Jô Soares... (mas) foi muito engraçado... que ao o Jô não queria falar com eles né? porque tava atrasado... aí botaram o Jô () e tocando aquela musiquinha de... da (marcha do império*)... (DID 32, NORPOFOR)

h) outros;

(80)... ele pegava dois discos um do lado outro do outro né? aí... *botava* aquela parte que não era cantada... aí o cara ia cantando quando tava perto de acabar aquilo segurava e soltava o outro... aí ficava nisso aí quando eles não tinham nem o DJ eles faziam o *beat box* que é aquela:: batida na boca... (DID 20, NORPOFOR)

A próxima seção tratará do percurso realizado para selecionar os dados para a realização da pesquisa.

4.6 LEVANTAMENTO DE DADOS

Para a coleta de dados, primeiramente, fizemos a leitura das transcrições dos inquéritos para podermos separar aqueles que apresentassem maior incidência dos verbos em estudo. Feito isso, passamos à audição das entrevistas com o objetivo de encontrarmos as variantes *botar e colocar*, tendo o cuidado de destacá-las nas transcrições, à medida que íamos encontrando-as na amostra. É válido destacar que ouvimos as audições simultaneamente à leitura das transcrições.

Apesar de os dados já terem sido transcritos anteriormente pelos colaboradores que fizeram a coleta do NORPOFOR, resolvemos, mesmo assim, ouvi-los na íntegra. Tal atitude, apesar de trabalhosa, nos fez evitarmos a perda de algum dado, caso o transcritor, por eventual descuido ou pela natureza desgastante deste trabalho, tenha omitido algum destes verbos na transcrição original do inquérito.

Depois, elaboramos nossa chave de codificação, tarefa imprescindível para a codificação e digitação dos dados encontrados.

4.7 CODIFICAÇÃO E DIGITAÇÃO DOS FATORES

Para codificar cada ocorrência, com base no nosso envelope de variação, nome dado, em um estudo sociolinguístico, à descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem ou não ocorrer, ou seja, de como exatamente um fenômeno em variação está se manifestando na língua (COELHO *et al.* 2015, p. 119), elaboramos uma chave de codificação que tem a função de atribuir um código a cada fator.

Após selecionadas todas as ocorrências, atribuímos códigos relacionados a cada um dos fatores controlados. Para ilustrar como fizemos a codificação de todos os dados, apresentamos uma ocorrência, extraída do INQ. 09, do NORPOFOR, que codificamos da seguinte forma: (b-jOHd@!s “... a gente não tinha dinheiro para comprar material... porque os materiais são todos caros... aí agora dá para a gente comprar né botando na escola...”.

Como vemos, a codificação começa com um parêntese aberto para ter início a sua leitura no programa GoldVarb X. Cada símbolo, após o parêntese, representa um dos fatores da variável (SCHERRE; NARO, 2004, p. 155). Assim, cada símbolo pôde ser lido pelo programa da seguinte forma: b equivale à variante dependente *botar*; - equivale a sexo (feminino); j

equivale à *faixa etária I* (de 15 a 25 anos); 0 equivale à *escolaridade A* (de 0 a 4 anos de estudos); H equivale ao *traço semântico* (+animado e +humano); d equivale à *(in) determinação do sujeito* (sujeito determinado pelo contexto); @ equivale a *papel do falante* (agente da ação); !equivale a *tópico discursivo* (recordações do informante); s equivale a *sentido materializado pelo verbo* (acomodar, matricular, prender e denunciar).

Feito isso, todos os dados foram digitados, gerando o arquivo de dados que, em seguida, foi submetido à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Após a coleta, a codificação e a digitação de todos os dados, seguimos com a análise estatística realizada pelo GoldVarb X do qual trataremos melhor na seção seguinte.

4.8 A FERRAMENTA ESTATÍSTICA

Codificados e digitados os dados em um arquivo apropriado, eles foram submetidos a tratamento estatístico para definirmos, em termos numéricos, quais fatores internos e externos ao sistema linguístico atuam sobre a variante *botar* (fator de aplicação eleito por nós). Para a realização dessa tarefa, utilizamos o programa GoldVarb X, desenvolvido para auxiliar nas análises dos dados coletados pelo pesquisador variacionista. Esse programa é uma versão atualizada do Varbrul para o ambiente *Windows* (SHERRE, 2012). Em síntese, é um conjunto de programas para análise estatística de dados linguísticos.

O Varbrul é a ferramenta mais utilizada na área da Sociolinguística Quantitativa, uma vez que esse programa é capaz de operar com uma grande quantidade de dados e, a partir desses, fazer um cruzamento entre os dados dispostos no programa e indicar os fatores que apresentam maior relevância para a ocorrência do fenômeno estudado (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). No entanto, para essa pesquisa, utilizamos o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que gera, como resultados, não só a frequência dos dados para cada uma das variantes, mas também os pesos relativos de cada fator controlado nas variáveis.

Quanto aos valores, no que diz respeito a uma análise binária, como é o caso da nossa, se o peso relativo (doravante, P.R) for abaixo de (.50), será considerado desfavorecedor, se o P.R for acima de (.50) será considerado favorecedor da regra e se o P.R estiver exatamente em (.50) será considerado um fator neutro, que não condiciona e nem inibe a aplicação da regra (COELHO et al. 2015).

Para uma pesquisa de caráter quantitativo como esta, calcular a probabilidade de uso da regra é de suma importância. Contudo, é preciso lembrar que:

[...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. [...] Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos (SCHERRE; NARO, 2012, p. 162).

Durante as rodadas com os dados coletados e codificados pode acontecer de uma das variantes, sob análise, apresentar 100% de ocorrência, ou não apresentar nenhuma ocorrência (0%), ou seja, “[...] em tal contexto, o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente; quaisquer que sejam os outros fatores presentes [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Esses casos são interpretados como nocautes.

Nocautes ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X, usada em todos os programas da série Varbrul, “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Entendemos, então, o nocaute como um problema analítico no processamento dos dados com o GoldVarb X, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação. Diante de um nocaute é preciso eliminar todos os fatores que não contribuem para a análise, já que o interesse do pesquisador consiste em uma análise eficiente.

Após a rodada dos dados, o programa revela qual o melhor nível de análise para a aplicação da regra variável sobre “o número total de ocorrências (mostrando qualquer realização da variável) observadas naquele contexto” (GUY; ZILLES 2007, p. 42). “Um conjunto total de dados caracteriza-se por uma probabilidade de *input*” (GUY; ZILLES, 2007, p. 51).

Para a pesquisa sociolinguística, o *input* significa a quantidade que determinada variável dependente foi usada. Para Guy e Zilles (2007), *input* é uma medida global do índice de aplicação da regra. “Uma função matemática é usada para combinar os valores dos fatores e a probabilidade de *input*, a fim de produzir os índices esperados de aplicação da regra em cada célula” (GUY; ZILLES, 2007, p. 51).

Outra questão a ser considerada em uma pesquisa sociolinguística é a confiabilidade dos resultados, aqui representados pela *significância*. Para as ciências humanas, por exemplo, o nível de significância máximo aceitável é de 0,050. Sherre (1993) nos lembra que o nível de significância é a margem de erro de uma pesquisa, que é de 5% (*threshold 05*), porcentagem trabalhada pelo pacote de programas Varbrul. Este valor de 5% indica o grau de confiabilidade

dos resultados, pois como a autora acrescenta, “se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos” (SHERRE, 1993, p. 27). Conclui-se, então, que, quanto menor o número apresentado pelo nível de significância, maior a confiabilidade dos resultados estatísticos apresentados pelo programa.

A partir do explanado acima e das leituras de Scherre e Narro (2004), concluímos que o programa em questão está disponível à formação de uma análise baseada na estruturação dos dados retirados da língua natural, que nos ajudará a compreender como funciona a variação dos verbos *botar e colocar*.

A próxima seção tratará da descrição dos dados e análise dos resultados apresentados por cada rodada efetuada com o programa GoldVarb X sobre o fenômeno da variação e mudança linguística dos verbos *botar e colocar*. Procuraremos ser o mais fiel possível aos resultados apresentados, interpretando os resultados de acordo com os pressupostos da sociolinguística variacionista.

5 DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Começamos nossa seção de análise dos resultados, obtidos a partir das rodadas com o programa Goldvarb X, lembrando que, para Labov (2008, p. 290), “é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua”. O autor também nos lembra que o valor social atribuído a um grupo de falantes de uma comunidade está relacionado à variante linguística que ela faz uso.

Os falantes não aceitam de imediato o ato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística (LABOV, 2008, p. 290).

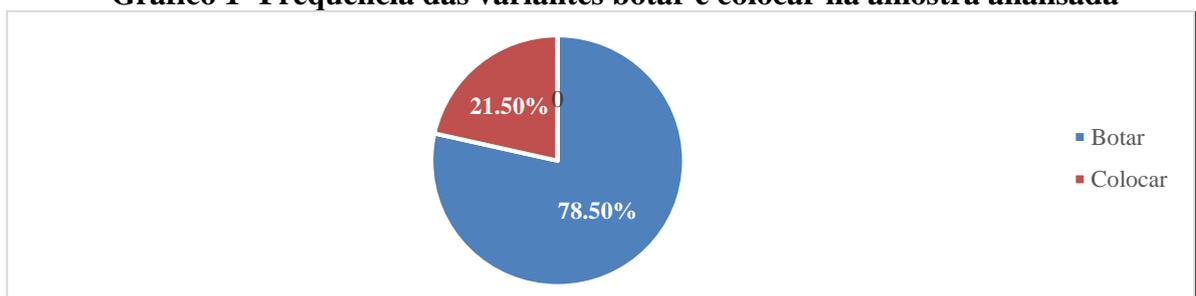
Para essa pesquisa, partimos dos princípios básicos da Sociolinguística Variacionista para encontrarmos respostas sobre como se realizam os verbos *botar* e *colocar* em amostras do NORPOFOR, ou seja, que fatores condicionam o uso das formas variantes *botar* e *colocar* a partir das variáveis linguísticas e sociais escolhidas. Esclarecemos, também, que usamos, como valor de aplicação, a variante *botar* por acreditarmos ser esta a forma inovadora em comparação à variante *colocar*.

Na primeira rodada binária, o programa apresentou dois nocautes, um no grupo de fatores *tópico discursivo* no fator *outros*, onde houve sete ocorrências, todas para o verbo *botar*, e mais um nocaute no grupo de fatores *sentido materializado pelo verbo na sentença*, com seis ocorrências, todas para o verbo *botar*, no fator *vestir, calçar, usar joias / adereços*.

Após a retirada desses nocautes, chegamos a um total de 846 ocorrências para os verbos *botar* e *colocar*, sendo que dessas, 664 (78,5%) foram para o verbo *botar* e 182 (21,5%) foram para o verbo *colocar*.

A seguir, dispomos o gráfico 1, mostrando os resultados estatísticos apresentados na primeira rodada para os verbos em análise.

Gráfico 1- Frequência das variantes botar e colocar na amostra analisada



Fonte: elaborado pelo autor.

Assim, nesta rodada, sem os nocautes e preservando os nossos 846 dados, o programa Goldvarb X revelou no melhor nível de análise, *input* 0,835, mostrando uma ocorrência altamente provável de realização do verbo *botar*, e *significance* = 0,047. Observamos, a partir dos resultados oferecidos, quatro grupos de fatores (*tópico discursivo, faixa etária, escolaridade, (in) determinação do sujeito*), nesta ordem de importância, como relevantes para a aplicação do verbo *botar*. As variáveis selecionadas como irrelevantes foram: *sexo, traço semântico e animacidade do objeto, papel do falante e sentido materializado pelo verbo na sentença*.

Essa primeira rodada nos surpreendeu pela frequência de ocorrências do verbo *botar* (78,5%) em comparação ao verbo *colocar* (21,5%), uma vez que os trabalhos que nos servem como base comparativa não apresentaram, em seus resultados estatísticos, uma diferença superior a 10% entre o uso dos verbos *botar* e *colocar*. Vejamos a tabela 1:

Tabela 1 – Frequência de ocorrência em pesquisas que nos servem como base comparativa

| PESQUISA | Botar | Colocar |
|------------------------------------|--------|---------|
| Lavor, Araújo e Viana (2018) | 50,1 % | 49,9% |
| Carmo e Araújo (2015) | 57,0% | 43,0% |
| Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) | 49,33% | 50,66% |

Fonte: elaborada pelo autor.

A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) apresentou, em seus resultados para os verbos em estudo nos estados de Alagoas, Ceará e Piauí em dados do ALiB, um empate técnico, ou seja, 50,1% para o verbo *botar* e 49,9% para o verbo *colocar*. A pesquisa de Carmo e Araújo (2015), com 67 informantes extraídos do PORCOFORT, revelou, em seus resultados, uma maior frequência para o verbo *botar* (57%), em comparação ao verbo *colocar* (43%). Quanto à pesquisa de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), com dados extraídos do projeto Mineirês e do Projeto NURC, não vimos, em seus resultados, uma maior ocorrência para o verbo *botar* (49,33%) em comparação com o verbo *colocar* (50,66%). Como podemos observar, mesmo o verbo *colocar* apresentando-se com uma maior frequência, na pesquisa de Carmo e Araújo (2015), podemos considerar que houve um empate técnico.

Comparando os resultados apresentados nas pesquisas que nos servem como base

com os resultados observados em nossa pesquisa, é possível concluir que o verbo *botar* é muito mais produtivo do que *colocar* em dados do NORPOFOR, ou seja, na primeira análise geral, o verbo *botar* apresenta-se mais frequente na nossa amostra.

Como registrado, essa primeira rodada, sem os nocautes, nos ofereceu como resultado os grupos de fatores *tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *(in) determinação do sujeito*, nessa ordem de colocação, como as variáveis mais relevantes para a ocorrência do verbo *botar*. Esses primeiros resultados demonstraram que o uso do verbo *botar* é muito superior ao uso do verbo *colocar*, sendo assim, tal resultado confirma nossa hipótese inicial de que o verbo *botar* é mais usado entre os informantes da comunidade pesquisada.

Os resultados também refutaram nossa tese de que os homens favorecem o verbo *botar* e as mulheres a variante *colocar*, uma vez que ficou provado que, para os informantes do NORPOFOR, o sexo do falante não influencia na variação/mudança linguística, já que essa variável não foi selecionada como relevante. Segundo Labov (1992), não é mais possível na contemporaneidade atribuir os processos de mudanças linguísticas às diferenças biológicas relacionadas ao sexo do falante.

Para melhor apresentação dos resultados, dividiremos essa seção em duas outras, onde apresentaremos os resultados para as variáveis selecionadas como relevantes e os resultados para aquelas que não foram consideradas relevantes, mas que desempenham importante papel na construção de nossas análises.

5.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Essa seção tratará das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo GoldVarb X como relevantes para o verbo *botar*: *tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *(in) determinação do sujeito*, nessa ordem de importância.

5.1.1 Tópico Discursivo

Essa variável, apesar de não ter sido controlada por nenhuma das pesquisas que nos servem como norte, mostrou-se muito relevante, tanto pelos resultados estatísticos como por nos fazer entender que o momento da fala é muito importante, quando buscamos entender o fenômeno da variação/mudança linguística. O tópico discursivo, portanto, passa a ser entendido como o elemento que compõe, organiza e fundamenta o texto falado, de forma que o analista seja capaz de identificar o que se fala e como isso é organizado no texto.

Para Galembeck (2005),

O tópico discursivo pode ser considerado um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de língua falada, por abranger dois aspectos, ou melhor, dois princípios fundamentais para o estudo da fala: o princípio fundamentador e o organizador (GALEMBECK, 2005, p.278).

Durante as audições das entrevistas, DID, observamos que, dependendo do assunto tratado pelo informante, existe uma maior possibilidade de ocorrência de uso dos verbos em estudo. Para essa variável, foram selecionados dez fatores (*trabalho, religião, relacionamento, lazer, vestuário/calçado, cotidiano, vida escolar, recordações, política local/nacional, problemas sociais urbanos, outros*), relacionados com temas pertinentes ao diálogo entre informante e documentador. Esses temas não são controlados pelo documentador, uma vez que não há questionários, ou seja, o documentador está livre para abordar qualquer assunto referente ao cotidiano do informante ou levantar questões sobre o passado e as experiências vivenciadas por eles.

É preciso registrar que, durante as audições, só consideramos a variante dentro do *tópico discursivo* no momento da enunciação, ou seja, mesmo o informante falando de *botar roupa*, quando estivesse falando do *trabalho, lazer* ou outro tema, o que poderia nos levar a confundir com o *tópico discursivo vestuário/calçado*, nós registramos essa variante no fator observado no momento da fala, como mostra o excerto 81, extraído de nossa amostra, em que o informante está falando de *lazer*:

(81) ... o pessoal lá de Santa Catarina... exigem que eles que eles comprem pelo menos a BLUsa... que eles já BOtam.. que é a blusa oficial do fã clube lá... (DID 87, NORPOFOR)

Vejamos como essa variável se comportou na tabela 2.

Tabela 2- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|---------------------------|------------------|-------|--------------|
| Lazer | 33/37 | 89,2% | 0,761 |
| Cotidiano | 152/168 | 90,5% | 0,693 |
| Política local/ nacional | 22/26 | 84,6% | 0,650 |
| Problemas sociais/urbanos | 12/16 | 75,0% | 0,609 |
| Recordações | 224/248 | 90,3% | 0,609 |
| Relacionamento | 56/69 | 81,2% | 0,505 |
| Vida escolar | 27/40 | 67,5% | 0,503 |
| Religião | 26/33 | 78,8% | 0,368 |
| Trabalho | 105/202 | 52,0% | 0,187 |

Input 0,835

Significance 0,047

Fonte: elaborada pelo autor.

A variável mais relevante para o verbo apresentou uma frequência geral de 78,5 % (664/846) para o verbo *botar* e apenas 21,5% (182/846) para o verbo *colocar*. Entre os fatores que mais favorecem o verbo *botar*, destaca-se o fator *lazer* (0,761). Porém, esse fator não está isolado, pois, como mostra a tabela 2, outros fatores, como *cotidiano* (0,693), *política local e nacional* (0,650), *problemas sociais e urbanos* (0,609) e *recordações* (0,609), favorecem o verbo *botar*. Já os fatores *relacionamento* (0,505) e *vida escolar* (0,503), por apresentarem PR muito próximo a 0,5, são considerados como neutros. O fator *outros*, não apresentado na tabela, sofreu nocaute com 100% das ocorrências para o verbo *botar*.

Os fatores *trabalho* (0,187) e *religião* (0,368) comportam-se como inibidores do verbo *botar*. Esses resultados, induzem a questionarmos o motivo que leva o informante a escolher, entre as formas variantes, aquela que é tida, pelo senso comum, como a mais formal, em tópicos discursivos historicamente marcados. O trabalho e a religião do indivíduo são sempre assuntos que os remetem a considerações de respeito e responsabilidades.

Os excertos 82 (*lazer*), 83 (*cotidiano*), 84 (*política local/nacional*), 85 (*recordações*) e 86 (*problemas sociais e urbanos*), extraídos de nossa amostra, apresentam a disposição desses fatores, beneficiadores do verbo *botar*, de acordo com sua importância, respectivamente, na fala de nossos informantes:

(82) ... rapaz... o Ceará tá mal óh... PORque:... o treinador ao *colocou* o time é:: os jogadores de futebol pra jogar... e já perdeu já... dezoito () o Fortaleza nosso rival o nosso... da outra vez perdemos de dois times aí... Ferroviário... ruim o Ceará ()... (DID 85, NORPOFOR)

(83) ...o negócio rapaz é porque tem que fazer é é é::... colégio balne/ ajeitar esses colégios é *botar* merenda pra essas crianças merendarem... é posto de saúde... (DID 84, NORPOFOR)

(84) ... (tu é doido) *botar* um bocado de dinheiro num paraíso quero saber se eles vão buscar... (DID 21, NORPOFOR)

(85) ... né as pessoas (acabavam) de comer o resto pra *botar* numa lata pra trazer pra gente por agente ó agente passamos necessidade fome:: sabe... (DID 103, NORPOFOR)

(86) ... tem que mudar logo o presidente da federação... que o cabra tá com muitos anos na frente da federação... *botar* um... cara nova... (DID 92, NORPOFOR)

Já os excertos 87 e 88, referentes aos fatores *relacionamento* e *vida escolar*, respectivamente, se mostraram neutros.

(87) ... aí eu olhei assim (vem) ela aproxi/... era ela e a amiga dela aí parei fiquei... *botei* assim bebida no copo dela ... (DID 84, NORPOFOR)

(88) ... eu quero que ela... continue em frente... eu vou fazer de tudo... apareceu uma vagazinha assim... de computação pra ela... eu *coloco*... pra ela... ganhar um futuro melhor na vida dela... (DID 104, NORPOFOR)

Os resultados são muito interessantes, uma vez que nos remetem a uma situação histórica, no caso dos fatores *trabalho* e *religião*, em que o ser humano fica extremamente desconfortável, que é quando está participando de uma entrevista, com um gestor, para inserção no mercado de trabalho. Este é um momento em que o falante escolhe minuciosamente as palavras que vai usar, mesmo não sabendo os critérios que o entrevistador usou nem as competências que estão sendo avaliadas, pois está sob análise e dessa depende seu futuro.

O fator *vestuário/calçado* e o fator *outros* não se apresentaram como relevantes para o verbo *botar*, ou seja, não foram selecionadas pelo GoldVarb X, uma vez que esses são os grupos de fatores que sofreram nocautes, fato que contraria uma de nossas hipóteses iniciais que investia no fator *vestuário/calçado* como favorecedor do verbo *botar*.

Os resultados apresentados também corroboram nossa hipótese de que o fator *vida escolar* desfavorece a regra de aplicação, mas refuta a hipótese de que o fator *trabalho* beneficia o verbo, pois, como vimos, esse fator inibe o uso do verbo *botar*.

Os resultados estatísticos nos possibilitaram concluir que os tópicos discursivos menos formais, como *lazer*, *cotidiano*, *política local* ou *nacional*, favorecem o uso do verbo *botar*, contrapondo-se aos tópicos mais formais, como *trabalho* e *religião*, que são inibidores do verbo *botar*.

Esses resultados nos levam ao posicionamento de Labov (2008), quando o autor defende a possibilidade de certos contextos, nesta pesquisa tratados como *tópico discursivo*, fomentarem o uso de uma dada variante, isso porque o autor passou a concordar com Lavandera (1978), que demonstrou que há contextos mais propensos para o uso de uma determinada variante em detrimento da outra, ou seja, o contexto em que são utilizadas pode determinar o uso de uma variante.

A próxima seção tratará da variável *faixa etária*, escolhida como a segunda mais relevante para esta pesquisa.

5.1.2 Faixa Etária

A variável *faixa etária* foi a segunda variável apontada como relevante para o nosso estudo. Nossa hipótese inicial para esta variável era que os mais velhos privilegiam o verbo *botar* em detrimento dos mais jovens, o que, de fato, foi confirmado, como veremos a seguir. A pesquisa de Carmo e Araújo (2015) considerou essa variável irrelevante para o uso do verbo *botar* em dados do PORCUFORT, já a pesquisa de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) não a

controlou.

A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) concluiu que a *faixa etária* II (45 a 60 anos) é a única variável relevante para o uso de *botar* (0,650). Para os autores, o fato de os informantes da *faixa etária* I (18 a 30 anos) preferirem o verbo *colocar*, a forma padrão, pode estar ligado à circunstância de os mais jovens estarem em uma fase de busca por ascensão social e profissional, ou seja, estão em um processo de autoafirmação e reconhecimento.

Contrariando as pesquisas que servem como norte para esta pesquisa, constatamos, com base nos resultados da tabela 3, a importância dessa variável para o uso do verbo *botar* no NORPOFORT. Vejamos a tabela 3:

Tabela 3- Atuação da variável faixa etária sobre o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./ Total | % | PR |
|------------------|---------------|-------|--------------|
| Faixa etária I | 153/218 | 70,2% | 0,299 |
| Faixa etária II | 215/284 | 75,7% | 0,525 |
| Faixa etária III | 296/348 | 86,0% | 0,612 |

Input 0,835

significance 0,047

Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos observar no gráfico, o verbo *botar* é mais favorecido pelos falantes de maior idade (0,612). Entretanto, os informantes da faixa etária intermediária (0,525) também beneficiam o verbo *botar*, mas fazem isso de forma bem discreta, considerando que o valor do peso relativo está pouco acima do ponto neutro. Os mais jovens (0,299) não são aliados da regra de aplicação. Podemos perceber que existe uma relação entre o favorecimento do uso do verbo *botar* e a *faixa etária*, pois à medida que aumenta a idade do falante, cresce o uso da variante não padrão.

É preciso registrar que, mesmo o verbo *botar* tendo sido usado como valor de aplicação, não encontramos, na literatura pesquisada, nenhuma menção ao fato deste ser estigmatizado ou de o verbo *colocar* ser apresentado como padrão ou culto, apenas inferimos que a forma *colocar* é a que mais se aproxima da norma culta por ser esta a forma mais usada pelos falantes com maior escolaridade.

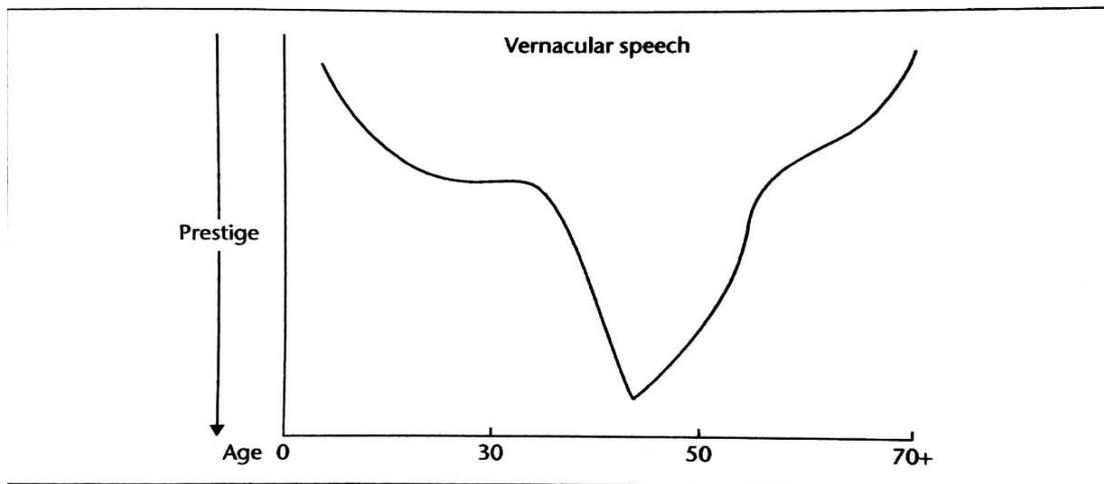
Observando os resultados para a *faixa etária III*, concordamos com Araújo (2007), ao inferir que os mais velhos tendem a se tornarem menos sensíveis às formas privilegiadas quando se aproximam da aposentadoria e, com Monteiro (2000), ao afirmar que há diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos e a dos adolescentes. O fato é que, em um mundo

capitalista e competitivo, como o que os informantes estão inseridos, existe uma cobrança muito forte, por parte do mercado, por uma linguagem que se distancie do vernáculo. Para Holmes (2013), os professores e pais incentivam a mudança do vernáculo em idade entre 10 e 15 anos e, subsequentemente, há uma tendência de que o extenso vocabulário de palavreado que os adolescentes usam continue a mudar em decorrência dos grupos sociais a que pertencem. Ainda para Holmes (2013),

O uso do vernáculo aumenta gradualmente na velhice, à medida que as pressões sociais diminuem, com as pessoas saindo da força de trabalho para uma fase mais relaxada de suas vidas. Em outras palavras, o modelo sugere que, à medida que as pessoas envelhecem, sua fala se torna gradualmente mais padronizada, e depois se torna menos padronizada e é mais uma vez caracterizada pelas formas vernaculares)³⁹ (HOLMES, 2013, p. 177, tradução nossa).

Holmes (2013) sugere que o uso do vernáculo é alto na infância e adolescência e, em seguida, reduzem constantemente à medida que as pessoas se aproximam da meia idade, quando as pressões são maiores e voltam a subir, gradualmente, com a chegada da velhice. Observemos a figura 2, que representa essa variação.

Figura 2- Relação entre o uso da forma vernacular e a idade.



Fonte: Reproduzido de Holmes (2013, p. 178).

A figura 2 apresentada, de uma pesquisa em *New Zealand*, demonstra que, com o aumento da idade, existe uma tendência de maior favorecimento das formas prestigiadas⁴⁰ que passam a diminuir a partir dos 45 anos.

³⁹ Vernacular usage gradually increases again in old age as social pressures reduce, with people moving out of the workforce and into a more relaxed phase of their lives. In other words, the model suggests that as people get older their speech becomes gradually more standard, and then later it becomes less standard and is once again characterised by vernacular forms (HOLMES, 2013, p. 177).

⁴⁰ É preciso lembrar que não entendemos que uma de nossas variantes seja prestigiada e a outra estigmatizada.

Esse gráfico não representa, na íntegra, os nossos resultados, mas serve como base explicativa para os dados fornecidos pelo programa Goldvarb X para a variável *faixa etária*. Como podemos notar na tabela 3, o verbo *botar* vai aumentando a probabilidade de ser usado à medida que avança a idade do informante, já o verbo *colocar* diminui conforme aumenta a idade.

A variável *faixa etária* é de grande importância para a Sociolinguística Variacionista, pois, a partir dela, podemos detectar o estado em que se encontra uma determinada variável em uma comunidade linguística. O comportamento de uma variável linguística, dentro de cada uma das *faixas etárias*, pode nos indicar se o fenômeno está estável ou em processo de mudança. Como já registrado, esta pesquisa estuda a língua em tempo aparente, em consonância com Labov (2008), quando nos revela que a comparação da linguagem de pessoas de diferentes idades pode revelar diferentes estágios de uma língua (estudo em tempo aparente).

Podemos concluir, a partir dos dados apresentados, que a alternância entre os verbos *botar* e *colocar* trata-se de um caso de variação estável, já que percebemos uma variação gradativa entre as três faixas etárias. O fato de os jovens não apresentarem uma maior frequência para a variante *botar*, indica que não se trata de uma mudança em progresso. Esses resultados corroboram nossa hipótese inicial de que a alternância entre o verbo *botar* e *colocar* representa um caso de variação estável.

Para Labov (1994), só podemos perceber o estado em que se encontra a língua a partir da distribuição das variáveis linguísticas em diversas gerações de falantes. Para o autor, apenas ao fazer uma análise é que podemos atestar se o fenômeno é realmente uma mudança linguística em progresso ou apenas a diferença de escolhas e hábitos linguísticos em cada geração, fato observado nesse estudo. Labov (2001, p. 191, tradução nossa) afirma que “a mudança linguística pode simplesmente refletir mudanças nas frequências de interlocução que são, por sua vez, resultado das mudanças nas preferências e atitudes sociais⁴¹”

A seguir, apresentamos nossa terceira variável selecionada como favorecedora do verbo *botar*, a *escolaridade*.

⁴¹ [...] language change may simply reflect changes in interlocutor frequencies which are in turn the result of changes in social preferences and attitudes (LABOV, 2001, p. 191).

5.1.3 Escolaridade

O fator escolaridade é apontado por Oliveira e Silva e Paiva (1996,), a partir de uma série de trabalhos realizados, como aquele em que existe uma maior probabilidade de falantes com número maior de anos de escolarização fazerem um uso maior das variantes padrão do que os falantes com menor número de escolarização. Em resumo, quanto maior a escolarização, maior a probabilidade de uso das variantes padrão. Acreditamos que, direta ou indiretamente, a participação da escola acaba sendo decisiva para o condicionamento do comportamento linguístico.

Para Votre (2003), “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2003, p. 51). O controle da variável *escolaridade* é muito recorrente na sociolinguística brasileira e, de acordo com Bortoni e Ricardo (2004), os anos que um falante frequenta uma escola, assim como sua qualidade, influencia seu repertório sociolinguístico.

Entendemos a escola como uma agência transformadora das realidades sociais, um espaço que prioriza a norma culta em detrimento do vernáculo e isso nos fez defender a hipótese de que os mais escolarizados privilegiam a forma verbal *colocar* e os menos escolarizados beneficiam mais a forma verbal *botar*. Cagliari (2000) afirma que “A escola, como espelho da sociedade, não admite o diferente e prefere adotar só as noções de certo e errado, numa falsa visão da realidade” (CAGLIARI, 2000, p. 82).

A variável *escolaridade* foi selecionada como a terceira variável que mais influencia a regra. Os resultados obtidos demonstraram que os informantes com *escolaridade* entre 5 e 8 anos de estudo são os que mais favorecem o uso do verbo *botar*. As pesquisas de Lavor, Araújo e Viana (2018), Carmo e Araújo (2015) e Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) não controlaram essa variável. Vejamos a tabela 4.

Tabela 4- Atuação da variável escolaridade sobre o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|-----------------|-------------------|-------|--------------|
| A (0 a 4 anos) | 231/277 | 83,4% | 0,514 |
| B (5 a 8 anos) | 289/335 | 86,3% | 0,590 |
| C (9 a 11 anos) | 144/234 | 61,5% | 0,358 |

Input 0,835

Fonte: elaborada pelo autor.

significance 0,047

A tabela 4 aponta que o fator C (0,358), os mais escolarizados, inibe o verbo *botar*, já a escolaridade intermediária, fator B (0,590), beneficia, preponderantemente, o uso da regra aplicada, seguida da menor escolaridade, fator A (0,514), que apresenta apenas um discreto favorecimento.

A partir do observado, podemos concluir que nossa hipótese inicial de que os menos escolarizados favoreceriam o uso do verbo *botar* se confirmaram, em parte, uma vez que esse fator foi o segundo, embora muito discretamente, a favorecer o uso de *botar*, tendo no grupo B o maior favorecedor do verbo. Porém, podemos perceber que os informantes com mais anos de escolarização são os que inibem o uso do verbo *botar*, favorecendo o verbo *colocar*, a forma prestigiada, com 38,5 % de frequência. De acordo com Votre (1994), “as formas prestigiadas linguisticamente estão codificadas nas gramáticas escolares, que relegam e desprestigiam as outras variedades, numa natural discriminação sócio-linguística” (VOTRE, 1994, p. 75).

A seguir, apresentaremos a última variável selecionada como favorecedora do verbo *botar*, (in) *determinação do sujeito*.

5.1.4 (In) Determinação Do Sujeito

Essa variável foi controlada a partir dos fatores que separam o *sujeito genérico*, ou seja, aqueles em que não conseguimos determinar, como o pronome você, trazendo a ideia não de direcionamento ao interlocutor, mas, sim, de qualquer pessoa, diferentemente do sujeito determinado pelo contexto, o qual podemos localizá-lo no contexto, como nos excertos 92, *sujeito determinado pelo contexto*, e 93, *sujeito genérico*, respectivamente.

(92) ... eu já disse até pro F... F. se eu tiver de *botar* um negócio pra mim um quartinho nem que seja um carro mas tem que ser meu se eu quiser fechar a garagem e ir embora pra casa eu fecho... (DID 65, NORPOFOR)

(93) ... eu sempre andava com os telefones deles todinhos na minha carteira tudo pode acontecer nè? Você de manhãzinha *botar* o carro pra pegar o carro não pegar um pneu furar alguma coisa... mas não sendo? O cabra não me pegava não... (DID 65, NORPOFOR)

Em 92, apresentamos um informante de *faixa etária III e escolaridade* entre 5 e 8 anos, usando o verbo *botar* no sentido de montar empresa, falando sobre trabalho. Já o excerto 93, com *sujeito genérico*, apresentamos o mesmo informante, usando o verbo *botar* no sentido de *iniciar*, ao falar de seu *cotidiano*. Como podemos perceber, no excerto 93, o pronome de tratamento você não determina uma pessoa em especial, mas, sim, qualquer pessoa que venha a *botar* o carro para pegar pela manhã.

Essa variável foi controlada pela pesquisa de Carmo e Araújo (2015), mas não foi selecionada como relevante para o verbo *botar*. Os pesquisadores Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) também analisaram essa variável e verificaram que o *sujeito genérico* propicia a ocorrência do verbo *colocar*, que apresentou uma frequência de uso de 57,89%. Por outro lado, o uso do verbo *botar* é favorecido pela presença de *sujeito determinado pelo contexto*, que possui uma frequência de uso de 56,75%. A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) não controlou esse grupo de fatores.

O programa GoldVarb X selecionou essa variável como favorecedora para o verbo *botar*, apresentando o fator *sujeito determinado pelo contexto* como a única favorecedora, conforme demonstra a tabela 5.

Tabela 5- Atuação da variável (in) determinação do sujeito sobre o verbo *botar* na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|-----------------------------------|-------------------|------|--------------|
| Sujeito determinado pelo contexto | 552/685 | 80,6 | 0,523 |
| Sujeito Genérico | 112/161 | 69,6 | 0,405 |

Input 0,835

significance 0,047

Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos perceber, o único fator que favorece, de forma discreta, o verbo *botar* é o *sujeito determinado pelo contexto* (0,523), ao passo que o sujeito quando *genérico* (0,405) inibe a aplicação da regra.

Os dados estatísticos nos permitem constatar que o informante quando generaliza, ou seja, defendendo que pode ocorrer com qualquer pessoa do discurso, como o pronome você, não investindo em um sujeito reconhecido no discurso, ele prefere fazer uso do verbo *botar*. Esses resultados corroboram nossa hipótese de que quando o sujeito é determinado pelo contexto o verbo *botar* é beneficiado.

A próxima seção apresentará as variáveis não selecionadas como relevantes pelo programa.

5.2 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Esta seção apresenta os resultados usando as frequências para as variáveis não selecionadas pelo programa GoldVarb X, *input* 0,835 e *significance* 0,090, como favorecedoras

para o uso do verbo *botar*, ou seja, seu PR foi inferior a 0,50, ponto neutro. Embora o programa não as tenha selecionado, a partir dos critérios de significância estatística, optamos por criar uma seção para apresentá-las em virtude deste trabalho ser pioneiro, dentro do gênero dissertação de mestrado, sobre o fenômeno da variação entre os verbos *botar* e *colocar*, conseqüentemente, acreditamos ser relevante expormos todos os resultados possíveis, para que possamos contribuir com futuras pesquisas sobre o fenômeno em estudo.

Acreditamos, também, que as tabelas e discussões apresentadas poderão enriquecer o tema e suscitar observações sob diferentes perspectivas. Essa seção está em consonância com as orientações de Tagliamonte (2006), quando a autora defende que “às vezes um aluno vem dizer que removeu um grupo de fatores por que ele não era significativo. Esta não é a questão. Sua não significância pode ser uma pequena evidência importante para sua argumentação⁴²” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 237, tradução nossa).

Como não estamos qualificando as variáveis, aqui apresentadas, resolvemos sequenciá-las, seguindo a ordem em que elas se apresentaram nas rodadas estatísticas: *sexo*, *traço semântico e animacidade do objeto*, *papel do falante e sentido materializado pelo verbo na sentença*. A seguir, apresentamos os resultados estatísticos para cada uma dessas variáveis.

5.2.1 Sexo

A *variável sexo* tem sido objeto de estudo em muitas pesquisas, começando pelo trabalho de Fischer (1958), realizado na comunidade rural da Nova Inglaterra, e se estendendo até as investigações que nos serviram como norte. A literatura possibilita uma crença de que existe uma preferência do sexo feminino pelo uso das formas padrão. Fato apresentado nas três pesquisas que nortearam nossos estudos e corroboraram a tese de Labov (1990) de que as mulheres privilegiam as formas mais prestigiadas.

Essa variável foi controlada pelas três pesquisas que nos serviram de referência. Lavor, Araújo e Viana (2018) verificaram, em uma rodada ternária, que a variante *botar* é a mais frequente entre os homens (47,3%) e a variante *colocar* é a mais usada entre as mulheres (47,7%). Em uma segunda rodada, binária, esses pesquisadores concluíram que a variável *sexo* é a mais relevante para a aplicação do verbo *botar* em dados do ALiB com informantes do

⁴² Sometimes a student will tell me that he or she has removed a factor group because it was not significant. This is not the point. Its non-significance may be a key bit of evidence for your argumentation (TAGLIAMONTE, 2006, p. 237).

estado de Alagoas, Ceará e Piauí. Para os pesquisadores o fator sexo masculino (0,624) é o que mais favorece o uso da variante *botar* em detrimento das mulheres que se comportaram como inibidoras deste verbo (0,436), privilegiando o verbo *colocar*.

As análises da pesquisa de Carmo e Araújo (2015) demonstraram que essa variável é a menos relevante, em um grupo de três variáveis selecionadas, para o uso de *botar* entre informantes do banco de dados PORCUFORT. Essa pesquisa revelou que os homens, de forma pouca expressiva, beneficiam o uso do verbo *botar* (0,558), enquanto as mulheres inibem o seu (0,435) uso, favorecendo o verbo *colocar*.

A pesquisa de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) não apresentou os pesos relativos para essa variável, mas concluíram que o sexo do falante favorece o uso do verbo *botar*, sendo que o *sexo masculino* é mais relevante, com uma frequência de 54,63%, do que o *sexo feminino*, com uma frequência de 45,31 %. Ambas as pesquisas, elencadas, corroboram a tese de Labov (1990) de que, ao favorecer as formas mais prestigiadas, em seu comportamento linguístico, as mulheres procuram se contrapor às condições de inferioridade nas quais são historicamente colocadas. Os resultados apresentados nessas pesquisas, também, estão em consonância com o pensamento de Londoño e Idarraga (2004), segundo o qual

As condições do mundo capitalista ocidental foram determinantes para que as mulheres, inicialmente confinada a seu trabalho como dona de casa, tenham deixado a casa para oferecer seu trabalho e ocupar espaços que antes pertenciam aos homens, e juntou-se ao mundo do trabalho e não enxergam mais esse como suas mães o viam, mulheres e homens estão competindo pelos mesmos empregos e estão ganhando dinheiro e tornando-se igualmente independentes. Elas estão nas grandes cidades estabelecendo-se como profissionais e não necessariamente com um olho em um 'bom partido' (LONDOÑO; IDARRAGA, 2004, p. 54, tradução nossa)⁴³

Contrapondo-se à nossa hipótese inicial de que os homens favoreceriam o verbo *botar*, ao contrário das mulheres, o programa não selecionou a variável *sexo* como relevante para o verbo *botar* entre informantes do NORPOFOR. Essa variável a muito tempo é investigada por se acredita que ela possui uma influência sobre o fenômeno da variação e o fato de as mulheres serem mais receptivas à linguagem padrão como nos lembra Chambers (1995) advém da era romana, feita por Cícero em 55 a.C. que, ao estudar um par de variante,

⁴³ Las condiciones del mundo capitalista occidental han determinado que la mujer, inicialmente confinada a su labor de ama de casa, haya salido del hogar a ofrecer su mano de obra a ocupar espacios que antes eran masculinos, se ha integrado al mundo laboral y no ve El mundo como lo veían sus madres, está compitiendo con los hombres por los mismos trabajos, las mujeres y los hombres en la misma medida están haciendo dinero y haciéndose igualmente independientes, están en las grandes ciudades estableciéndose como profesionales y no necesariamente con la vista puesta en un "buen partido" (LONDOÑO; IDARRAGA, 2004, p. 54)

apagamento do “i” e ditongo “e”, com ocorrências do latim clássico, conclui que os homens se mostraram mais vulneráveis a usar a forma não-padrão. Vejamos a tabela 6.

Tabela 6- Atuação da variável sexo para o verbo botar na amostra analisada

| | Masculino | | Feminino | | Total de Ocorrências | |
|----------------------|-----------|-------|----------|-------|----------------------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Botar | 309 | 76,1% | 355 | 80,7% | 664 | 78,55 |
| Colocar | 97 | 23,9% | 85 | 19,3% | 182 | 21,5% |
| Total de ocorrências | 406 | 48,0% | 440 | 52,0% | 846 | 100% |

Input 0,835

significance 0,090

Fonte: elaborada pelo autor.

A tabela⁴⁴ nos oferece indícios para, mais uma vez, contrariar nossos prognósticos e refutar a hipótese de que as mulheres, por assumirem uma postura mais zelosa, privilegiam a variante inovadora. Como podemos observar, não dispomos dos pesos relativos, uma vez que, como explicado, essa variável não foi selecionada como relevante pelo programa.

Embora essa pesquisa não demonstre a variável sexo do falante como favorecedora do verbo *botar*, observando as frequências de uso, apresentadas pelo GoldVarb X, concluímos que as mulheres (80,70%), usam mais o verbo *botar* do que os homens (76,10%).

Esses resultados, além de refutarem nossa hipótese de que os homens favoreciam o verbo *botar*, colocaram em questão a sua importância para as pesquisas sociolinguísticas na contemporaneidade. Além disso, os resultados estatísticos nos levaram a concluir que o sexo do falante não determina o uso do verbo *botar*, ou melhor, não existe correlação entre o sexo do falante e a Variação ou Mudança Linguística na comunidade pesquisada sobre este fenômeno. Tal resultado corrobora os estudos mais recentes de Labov (1992) que defendem não ser mais possível, na contemporaneidade, atribuir os processos de mudanças linguísticas a diferenças biológicas relacionadas ao sexo do informante.

Como podemos notar, com um total de 846 ocorrências para *botar* e *colocar*, o programa revelou que tanto o sexo masculino quanto o sexo feminino fazem uso constante do verbo *botar*. No entanto, são as mulheres que fazem mais uso do verbo *botar*. Quanto ao verbo *colocar*, são os homens, com uma frequência de uso de 23,9%, quem mais se aproximam da

⁴⁴ Optamos por escrevermos apenas o sintagma “Nº” no lugar de número de ocorrência total, nas tabelas para as variáveis não selecionadas pelo programa, por uma questão de estética de apresentação e ser esta a forma apresentada pelo programa GoldVarb X.

forma verbal padrão.

Atualmente, percebemos que ainda é muito forte o interesse de pesquisadores sociolinguístas investigarem a correlação da variável *sexo* com o fenômeno de variação estável ou de mudança, como fizemos. A questão que nos vem é se, na contemporaneidade, falantes de sexos diferentes apresentam disposição para empregar formas variantes diferentes. Para Labov (1990), em um processo de variação estável, como esta pesquisa tem demonstrado, os homens usam as formas não-padrão com maior frequência e na maioria dos fenômenos de mudança linguística, são as mulheres as impulsoras das formas não-padrão.

Entendemos que os pesquisadores, nas últimas décadas, têm quebrado muitos paradigmas e um deles diz respeito às questões relacionadas ao que determina o sexo do indivíduo. Já não é mais possível definir o sexo do falante apenas pelas suas escolhas lexicais, nem por sua diferença vocal, fônica. Talvez seja hora de novos estudos contemplarem essa questão e tantas outras que permeiam o fator *sexo* e seus conceitos ideológicos. Não pretendíamos com essa análise criar novos modelos de pesquisa, mas, sim, trazer à reflexão novos conceitos que perpassam a questão de gênero do falante, como é o caso dos transgêneros, que possuem uma identidade de gênero diferente do sexo que lhes são atribuídos.

A seguir, apresentamos os resultados para a variável *traço semântico e animacidade do objeto*.

5.2.2 Traço semântico e animacidade do objeto

Essa variável foi controlada tomando como parâmetro a característica semântica do objeto do verbo quanto ao fato de ser humano, + *animado* e + *humano*, ser outro animal que não humano, + *animado* e - *humano*. Além dessas características, controlamos o objeto do verbo quando se trata de substantivos concretos e inanimados, - *animado* e + *concreto*. Além desses, controlamos o fato de o objeto pertencer a um plano em que ele não se concretiza, - *concreto*, e não possuem vida própria, - *humano*.

Essa variável não foi controlada por nenhuma das três pesquisas que nos servem como norte (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018, CARMO; ARAÚJO, 2015, e BARRETO, OLIVEIRA; LACERDA, 2012).

Quanto aos resultados, para essa pesquisa, o programa GoldVarbX revelou, mais uma vez, que nossa hipótese inicial, segundo a qual o objeto do verbo possuindo *traços semânticos* + *animado* e + *humano* favoreceria o uso do verbo *botar*, não foi corroborada, já que essa variável não foi selecionada pelo programa como favorecedora do verbo *botar*.

No entanto, se observarmos os resultados na tabela 7, a partir da frequência de uso, poderemos considerar que o fator mais usado é o traço + *animado e + humano*, fator que se mostrou mais frequente, mesmo com uma diferença mínima. Vejamos a tabela 7.

Tabela 7- Atuação da variável traço semântico e animacidade do objeto para o verbo botar na amostra analisada

| | - animado e | | + animado e | | - animado e | | + animado e | | Total | |
|----------------------|--------------------|-------|--------------------|--------------|--------------------|-------|--------------------|------|--------------------|-------|
| | + concreto | | + humano | | - concreto | | - humano | | Ocorrências | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Botar | 295 | 78,7% | 220 | 80,9% | 142 | 75,1% | 7 | 70% | 664 | 78,5% |
| Colocar | 80 | 21,3% | 52 | 19,1% | 47 | 24,9% | 3 | 30% | 182 | 21,5% |
| Total de Ocorrências | 375 | 44,3% | 272 | 32,2% | 189 | 22,3% | 10 | 1,2% | 846 | 100% |

Input 0,835

significance 0,090

Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos visualizar, em um total de 846 ocorrências para os verbos *botar* e *colocar*, o fator com maior frequência (80,90%) de uso para o verbo *botar* é o traço semântico + *animado e + humano*, ou seja, quando o informante está falando sobre situações que cita outras pessoas, ou quando conta suas histórias, por exemplo, ele, frequentemente, usa o verbo *botar*. Esses resultados podem revelar que o informante, ao falar sobre situações que envolvam outros seres humanos, frequentemente, usa o verbo *botar*.

Com relação ao traço semântico – *animado e + concreto*, quando o informante cita objeto de uso cotidiano, por exemplo, ele também dá preferência ao verbo *botar*, com uma frequência de uso de 78,7%, o que poderíamos considerar um empate técnico. Conseqüentemente, esses resultados demonstram que nossa hipótese inicial não está tão fora da realidade dos fatos, ou seja, essa variável corrobora, em parte, nossa hipótese.

Quanto ao verbo *colocar*, percebemos que este é mais frequente quando os informantes falam de situações em que o objeto do verbo é + *animado e - humano* (30%), em situações em que o informante fala de seu animal de estimação, por exemplo.

A seguir, as frequências de uso para o grupo de fatores *papel do falante*.

5.2.3 Papel do falante

Essa variável foi controlada a partir dos fatores *agente*, quando a ação do verbo é praticada pelo próprio informante, *paciente*, quando a ação do verbo recai sobre o informante, *experienciador*, quando o informante não pratica nem sofre a ação do verbo mas cita uma ação em que estava *in loco*, e que pode contar com detalhes os fatos, por estar presente no momento da ocorrência e, por último, o *fator beneficiário*, em que a ação do verbo não recai diretamente sobre o sujeito, mas esse se beneficia dessa ação.

Lavor, Araújo e Viana (2018) entenderam, a partir de uma revisão da literatura, que não controlariam essa variável, uma vez que Carmo e Araújo (2015) controlaram esse grupo de fatores, mas a mesma não foi selecionada como relevante para o verbo *botar*; Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) também estudaram a variável *papel do falante* e, assim como Carmo e Araújo (2015), concluíram que ela não favorece o verbo *botar*. Mesmo a literatura especializada apontando para a irrelevância deste grupo de fatores, resolvemos verificar como essa variável se comportaria em nossa pesquisa.

Entendemos que a variável *papel do falante* não favorece o verbo *botar*, mas sua frequência de uso aponta para o fator *paciente* como o mais frequente, com 87,50%, para o verbo *botar*. Mais uma vez, uma de nossas hipóteses iniciais - quando o falante exerce o papel de beneficiário ou experienciador da ação, o verbo *botar* é favorecido - foi refutada. Vejamos a tabela 8.

Tabela 8- Atuação da variável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada

| | Agente | | Paciente | | Experienciador | | Beneficiário | | Total Ocorrências | |
|--------------------------|--------|-------|----------|--------------|----------------|-------|--------------|--------------|-------------------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Botar | 203 | 78,7% | 63 | 87,5% | 349 | 77,2% | 49 | 76,6% | 664 | 78,5% |
| Colocar | 55 | 21,3% | 9 | 12,5% | 103 | 22,8% | 15 | 23,4% | 182 | 21,5% |
| Total Ocorrências | 258 | 30,5% | 72 | 8,5% | 452 | 53,4% | 64 | 7,6% | 846 | 100% |

Input 0,835

significance 0,090

Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos observar, em um total de 846 ocorrência para os verbos *botar* e *colocar*, novamente, o verbo *botar* foi o mais frequente entre informantes do NORPOFOR.

Para essa variável, o programa demonstrou que, quando o informante é o *paciente* (87,5%) da ação, o verbo mais frequente é o *botar*. Já o verbo *colocar* (23,4%) é mais frequente quando o informante é o *beneficiário* da ação do verbo. Vejamos o excerto 92, quando o informante é *paciente* da ação verbal.

(92) ... você agora me *botou* numa situação difícil porque... eu... quando:: morava com a minha mãe achava... a comida dela a melhor possível... (DID 159, NORPOFOR)

O excerto 92 traz um informante da *faixa etária III*, a partir de 50 anos, com 9 a 11 de *escolarização*, usando o verbo com o sentido de atribuir algo a alguém, em que a ação do verbo recai sobre o falante que está falando sobre seu cotidiano.

A seguir, apresentaremos a variável *sentido materializado pelo verbo*, nossa última variável para essa rodada binária com todos os fatores controlados.

5.2.4 Sentido materializado pelo verbo na sentença

A última variável apresentada como não favorecedora para o verbo *botar*, *sentido materializado pelo verbo na sentença*, mereceu uma atenção especial, principalmente por esse grupo de fatores ter sido controlado em outras pesquisas, apenas com o sentido de *pôr*. Porém, em consonância com Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), entendemos “que todo o significado de uma construção não se limita ao significante. Definições de sentido pré-existent não são suficientes para dar conta da língua em uso” (BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012, p. 82).

É preciso registrar que o GoldVarb X apresentou um nocaute nesse grupo de fatores, no fator *vestir, calçar e usar joias, adereços*, com 100% das ocorrências (apenas 6) para o verbo *botar*. Isso justifica a ausência desse fator na tabela 9.

Essa variável foi definida a partir da audição de todas as 72 entrevistas, na íntegra, selecionando os grupos de fatores de acordo com o *sentido materializado pelo verbo na sentença*, no momento da fala do informante.

Cada um dos 22 fatores apresentados, foram definidos após a leitura das transcrições e audições, na íntegra, dos inquéritos, levando em consideração a aproximação semântica expressa pelo verbo no contexto da fala do informante.

Essa aproximação semântica nos levou a amalgamar os fatores, combinando sentidos parecidos ou equivalentes em uma única célula e, assim, formando todos os fatores para a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, como podemos notar em cada um

dos fatores apresentados na tabela 9.

Tabela 9 – Atuação da variável sentido materializado pelo verbo na sentença para o verbo botar na amostra analisada

| | Botar | | Colocar | | T. Ocorrências | |
|--|-------|-------|---------|-------|----------------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Introduzir objeto ou pessoa/ pôr dentro/ enfiar/ meter/ inserir/ tomar/ engolir | 110 | 84,0% | 21 | 16,0% | 131 | 15,6% |
| Pôr sobre si/pôr sobre o outro/ em cima de/ jogar sobre/ lançar sobre | 16 | 84,2% | 3 | 15,8% | 19 | 2,3% |
| Dispor/ deitar/ arrumar, juntar, montar, organizar | 69 | 85,2% | 12 | 14,8% | 81 | 9,6% |
| Tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio | 32 | 84,2% | 6 | 15,8% | 38 | 4,5% |
| Iniciar, incentivar a algo, induzir, aprender | 26 | 83,9% | 5 | 16,1% | 31 | 3,7% |
| Fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar | 55 | 64,0% | 31 | 36,0% | 86 | 10,2% |
| Acomodar, matricular, prender, denunciar | 72 | 70,6% | 30 | 29,4% | 102 | 12,1% |
| Trazer à consideração, exemplificar, comentar sobre, elogiar, advertir, terminar | 11 | 73,3% | 4 | 26,7% | 15 | 1,8% |
| Contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar | 58 | 74,4% | 20 | 25,6% | 78 | 9,3% |
| Atribuir algo a alguém, imputar, atribuir valor, trair | 22 | 84,6% | 4 | 15,4% | 26 | 3,1% |

| | | | | | | |
|---|------------|--------------|------------|--------------|------------|-------------|
| Expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir | 36 | 85,7% | 6 | 14,3% | 42 | 5,0% |
| Prever, adivinhar | 4 | 80,0% | 1 | 20,0% | 5 | 0,6% |
| Reproduzir/ repetir/ ouvir/ tocar | 20 | 90,9% | 2 | 9,1% | 22 | 2,6% |
| Apresentar/ mostrar/ se inscrever/ situar | 18 | 72,0% | 7 | 28,0% | 25 | 3,0% |
| Escrever/ copiar/ desenhar/ resolver um problema matemático | 7 | 87,5% | 1 | 12,5% | 8 | 1,0% |
| Pôr na mente/ subconsciente/ pensar/ refletir/ inferir | 20 | 87,0% | 3 | 13,0% | 23 | 2,7% |
| Montar empresa/ estabelecer/ empreender/ fundar | 24 | 75,0% | 8 | 25,0% | 32 | 3,8% |
| Pôr/ depositar dinheiro/ confiar/ guardar/ somar | 13 | 68,4% | 6 | 31,6% | 19 | 2,3% |
| Situar em hierarquia (esportiva, social moral, tempo)/ escalar/ listar/ seguir | 5 | 50,0% | 5 | 50,0% | 10 | 1,2% |
| Registrar/ nomear/ batizar | 26 | 89,7% | 3 | 10,3% | 29 | 3,5% |
| Salpicar/ pôr de leve/ temperar/ espalhar | 5 | 71,4% | 2 | 28,6% | 7 | 0,8% |
| Transportar/recolher/ em trânsito/ | 9 | 81,8% | 2 | 18,2% | 11 | 1,3% |
| | | | | | | |
| T. Ocorrência | 664 | 78,5% | 182 | 21,5% | 846 | 100% |

Input 0,835 e

significance 0,090

Fonte: elaborada pelo autor.

Conclusão.

Essa variável não foi controlada por nenhuma das pesquisas que nos orienta, principalmente, porque essas analisaram o verbo *botar* no sentido de *pôr*.

Como podemos perceber, a partir dos resultados estatísticos apresentados na tabela

11, em um total de 846 ocorrências, o verbo *botar* apresentou uma frequência de uso de 78,5%, bem expressiva em comparação ao verbo *colocar* (21,5%).

Quanto ao fator mais frequente, o programa selecionou o fator *reproduzir, repetir, ouvir e tocar* como o mais usado pelos informantes de nossa amostra, com uma frequência de uso de 90,9%. Esse resultado demonstra uma certa superioridade de uso do verbo *botar* em comparação com o verbo *colocar* que apresentou uma frequência de uso de apenas 9,1%.

Esses resultados estatísticos nos levam a concluir, com fortes indícios, que, no momento em que o informante usa o verbo para indicar uma ação relacionada com conhecimento musical, ele raramente escolhe o verbo *colocar*. Vejamos os excertos 93, fator *reproduzir, repetir, ouvir, tocar*, e o excerto 94, fator *registrar, nomear, batizar*.

(93) ... rapaz tem hora que eu fumo... depende assim o local que eu esteja depende de quando eu tô viajando... inclusive quando eu vou sozinho na estrada aí eu gosto boto uma musicazinha aí () e relaxa... (DID 65, NORPOFOR)

(94) ... né tudo era a L. depois que ela foi olha você já tem sua residência tire tudo e bote no seu endereço... (DID 148, NORPOFOR)

Em 92, apresentamos um informante da *faixa etária III* e *nível de escolarização* de 5 a 8 anos, usando o verbo *botar* com sentido de ouvir uma música, falando do *cotidiano*. O excerto 93 apresenta um informante com mais de 50 anos, com 9 a 11 anos de *escolarização*, usando o verbo *botar* no sentido de registrar a carta no endereço, falando do *cotidiano*.

Nossa próxima seção tratará da variável *sentido materializado pelo verbo na sentença* de maneira mais detalhada, a partir de rodadas individuais para cada um dos fatores deste grupo.

5.3 ANÁLISES PARA A VARIÁVEL SENTIDO MATERIALIZADO PELO VERBO NA SENTENÇA

Como já foi esclarecido, essa variável não foi selecionada como relevante para o verbo *botar* na rodada com todas as variáveis, apresentadas anteriormente. No entanto, essa variável é uma possibilidade de entendermos a extensão semântica dos verbos em estudo. Como já dito antes, durante o processo de construção de nossos fatores, para essa variável, percebemos que o verbo *botar* age como um coringa, ou seja, o falante faz uso de sua força semântica para usá-lo em diferentes situações e contextos. Chegamos a somar mais de 110 sentidos para o verbo *botar* e isso não poderia ser desconsiderado. Resolvemos, então, investigarmos mais atentamente a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, fazendo rodadas para

cada um dos fatores e apresentando aqueles que se comportaram como relevantes para o uso do verbo *botar*.

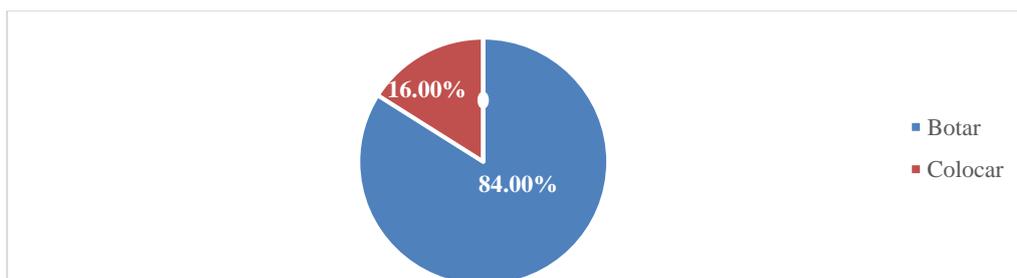
As próximas seções tratarão da variável *sentido materializado pelo verbo na sentença* de maneira mais detalhada, a partir de rodadas individuais com cada um dos fatores deste grupo: *introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir; expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir; fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar; acomodar, matricular, prender, denunciar; dispor, deitar, arrumar, juntar, montar, organizar; contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar; tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar e olhar de soslaio*.

A seguir, apresentamos a rodada para o fator *introduzir objeto ou pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*.

5.3.1 Rodada para o fator *introduzir objeto ou pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*

Para uma primeira rodada só com esse fator, isolando todos os outros fatores para a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, o programa GoldVarb X revelou a existência de 5 nocautes, um no grupo de fatores *tópico discursivo*, no fator + *animado e – humano*, com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar*, 1 no grupo traço semântico e animacidade do objeto, com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar* e 3 nocautes no grupo *tópico discursivo*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*, no fator *lazer, vida escolar, e problemas sociais/ urbanos*. Após a retirada dos nocautes, o programa apresentou um total de 131 ocorrências, 110 para *botar* e 21 para *colocar*. Vejamos o gráfico 2.

Gráfico 2- Frequência da variável *tópico discursivo* sobre o verbo *botar* na amostra analisada



Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico mostra que, com uma frequência de 84%, o verbo botar é o mais usado quando o sentido materializado pelo verbo é *introduzir objeto* ou *pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*.

Sem os nocautes, o programa revelou, com *input* 0,866 e *significance* 0,007, que, na amostra analisada, a realização de verbo *botar* é superior a do verbo *colocar*. Para essa rodada, o programa selecionou a variável *tópico discursivo* como a única relevante para o uso do verbo *botar*. Vejamos, na tabela 10, os resultados obtidos para esta variável.

Tabela 10- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|-------------|--------------|-------|--------------|
| Cotidiano | 36/38 | 94,7% | 0,736 |
| Recordações | 35/42 | 83,3% | 0,437 |
| Religião | 4/6 | 66,7% | 0,237 |
| Trabalho | 12/21 | 57,1% | 0,172 |

Input 0,866

Fonte: elaborada pelo autor.

significance = 0,007

Os resultados demonstram que o fator *cotidiano* (0,736) é o único favorecedor do verbo *botar*, enquanto os fatores *recordações*, *religião* e *trabalho* são inibidores desse verbo. O fator *trabalho* (0,172), além de se apresentar como inibidor do verbo *botar*, pode nos levar a cogitar que, quando o falante está falando de situações que denotem ações profissionais ou de emprego, ele usa o verbo *colocar* em detrimento do verbo *botar*.

A partir do resgate dos resultados apresentados na tabela 11, para o fator *introduzir objeto* ou *pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar e engolir*, vemos que esse fator é o mais frequente entre todos os que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, com uma frequência geral de 15,6 %. Além disso, a tabela mostra que, para esse fator, o verbo *botar* é mais frequente, com 84,0% (110 ocorrências de um total de 131) do que o verbo *colocar*.

Para a variável *tópico discursivo*, podemos arriscar, a partir dos dados apresentados, que, quando o informante fala sobre o *cotidiano*, assuntos corriqueiros de sua vida e de seus amigos e familiares, esse informante faz uso do verbo *botar* com o sentido de *introduzir objeto* ou *pessoa, pôr dentro de algo, enfiar um objeto em outro objeto, meter alguma coisa dentro, inserir dentro de algo, tomar algo ou engolir algo*.

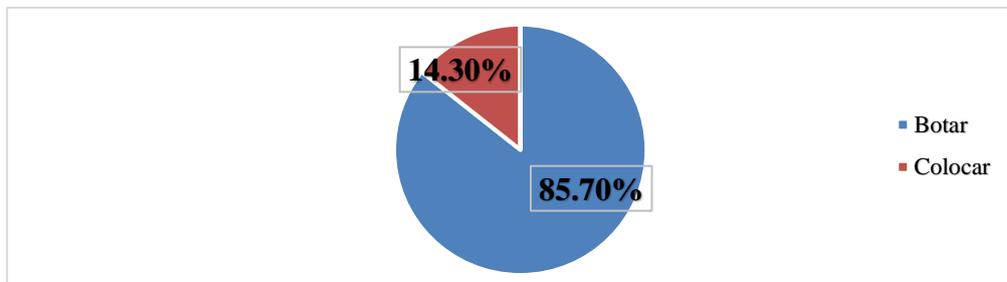
A seguir, apresentaremos os resultados para o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*.

5.3.2 Rodada para o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*

Para uma rodada só com o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar e parir*, o programa apresentou oito nocautes, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*. Um no grupo de fatores *escolaridade*, no fator 0 a 4 anos de escolarização, dois nocautes no grupo *traço semântico e animacidade do objeto*, no fator – *animado e + concreto* e no fator - *animado e - concreto*. Cinco nocautes no grupo de fatores *tópico discursivo*, nos fatores *relacionamento, cotidiano, política local / nacional, vida escolar e religião*, com todas as ocorrências para o verbo *botar*.

Isolando todos os demais fatores que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença* e fazendo uma rodada só para o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar e parir*, o programa revelou que das 42 ocorrências o verbo *botar* apresenta uma frequência muito superior, comparando com o verbo *colocar*. Analisemos o gráfico 3.

Gráfico 3- Frequência para os verbos botar e colocar na amostra analisada



Fonte: elaborada pelos autores.

Como podemos observar, a partir dos resultados oferecidos pelo gráfico 3, o verbo *botar*, mais uma vez, se destaca como o mais usado com uma frequência de 85,70% contra uma frequência de apenas 14,30% para o verbo *colocar*.

Retirados os nocautes, o programa revelou em sua melhor análise, *input* 0,946 e *significance* de 0,004, selecionando apenas as variáveis *tópico discursivo* e *faixa etária*, nessa ordem de importância, como favorecedoras para o verbo *botar*. A variável *tópico discursivo*, após isolados os cinco nocautes, apresentou apenas dois, dos seis fatores restantes, como relevantes para o verbo *botar*. Vejamos a tabela 11.

Tabela 11- Atuação da variável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|-------------|--------------|-------|--------------|
| Recordações | 18/20 | 90,0% | 0,826 |
| Trabalho | 2/6 | 33,3 | 0,006 |

Input 0,946

significance de 0,004

Fonte: elaborada pelo autor.

A tabela 11, com apenas dois fatores, de um total de onze, selecionados pelo programa, revela que o fator *recordações* é o único favorecedor para o verbo *botar* (0,826), enquanto o fator *trabalho* é inibidor do verbo (0,006). A tabela 11 nos revela, mais uma vez, que, quando o assunto em foco está ligado à ação profissional, o informante procura uma aproximação com as formas padronizadas na língua portuguesa, como uma maneira de aparentar ou pertencer a um grupo de melhor nível de escolarização.

Observemos o excerto 95, *recordações*, e o 96, *trabalho*, retirado de nossa amostra, para melhor entendermos as análises.

(95) ... os alunos me perturbando... D. ()... não sei o que... aí a professora não tava na sala na hora dessa... aí eu peguei meu caderno... aí eu (bumba) no birô da mesa... aí a menina ficou se tremendo todinha... quase que *bota*... ela *bota* o filho pela boca... ela ficou gelada... ficou passando mal... (DID 38, NORPOFOR)

(96) ...você tem essa facilidade vamos por exemplo se aparece um tubarão ali na hora a gente podia se despreocupar porque ele não encostava perto da gente eles *colocariam* ele pra correr rapidinho... (DID 54, NORPOFOR)

(97) ... o menino está/ o R. está com alergia eu digo é esses gatos *bota* no mato... *bota* o gato no mato ela diz não mulher os gatinhos... a gatinha está pertinho de/ de ter filhotes... (DID 16, NORPOFOR)

No excerto 95, falando do cotidiano dentro da sala de aula, o informante utiliza o verbo *botar* para dizer que a colega de sala quase pariu pela boca no momento do susto, já, no excerto 96, o instrutor de mergulhos dá dicas de como mergulhar em águas infestadas de tubarões e, para isso, faz uso do verbo *colocar* no sentido de expulsar o tubarão. No excerto 97, apresentamos um informante usando o verbo *botar* no sentido de lançar fora, ao falar de uma situação ocorrida no trabalho.

Diante dessas ocorrências, bem como dos resultados estatísticos apresentados, e da combinação para a variável *tópico discursivo*, podemos entender que os resultados revelam que o informante prefere usar o verbo *botar* quando fala de assuntos cotidianos, “uma fala mais informal, não planejada, natural, não monitorada (MARCUSCHI, 2001, p.27) e o verbo *colocar*

para tratar de assuntos do trabalho, “uma língua mais formal, baseada nas normas gramaticais” (PADLEY, 2001, p. 57). Para Castilho e Elias (2012),

Diferentes graus de intimidade caracterizam o espaço social interindividual. A língua produzida segundo esse eixo é denominada *registro*, em que se reconhece o português brasileiro informal (ou coloquial) e o português brasileiro formal (ou refletido). Falamos inteiramente “à vontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar, quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações. (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 460 – 461).

A próxima tabela apresenta os resultados para a segunda variável selecionada pelo programa, *faixa etária*, e demonstra que apenas um fator, faixa II, 26 a 49 anos, favorece o uso do verbo *botar*.

Tabela 12- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|---------------------------|--------------|-------|--------------|
| I (15 a 25 anos) | 7/9 | 77,8% | 0,037 |
| II (26 a 49 anos) | 13/15 | 86,7% | 0,899 |
| III (a partir de 50 anos) | 16/18 | 88,9% | 0,452 |

Input 0,946

significance de 0,004

Fonte: elaborada pelo autor.

Para essa variável, foi selecionado apenas o *fator II*, idade mediana, como favorecedor do verbo *botar* (0,899). Como mostra a tabela 12, os informantes mais velhos (0,452) inibem o verbo *botar*, assim como a *faixa etária I* (0,037), a dos mais jovens. Um possível prognóstico para esse resultado pode ser o fato de os jovens estarem em idade de escolarização e, conseqüentemente, influenciados pelo ensino da língua formal pelas escolas.

Os resultados apresentados para a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença* corroboram a tese de Araújo (2007), segundo a qual os mais velhos tendem a se tornarem menos sensíveis às formas privilegiadas.

Os resultados apresentados na tabela 12 indicam que o falante da *faixa etária* entre 26 e 49 anos usa mais o verbo *botar* quando fala de ações com o sentido *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*, o que nos leva a acreditar que estamos diante de uma variação estável entre as variantes, já que os jovens são apresentados como aqueles que menos fazem uso da forma inovadora.

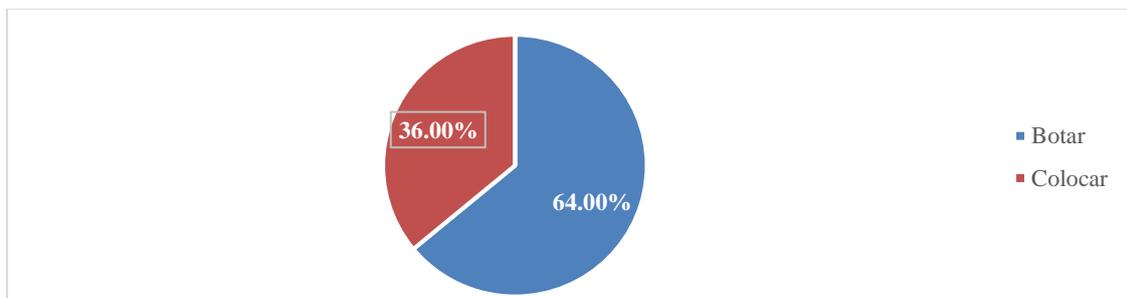
A seguir, apresentamos os resultados para uma rodada com o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar*.

5.3.3 Rodada para o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar*

Para a rodada com o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar e plantar*, isolando os demais fatores que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, o programa apresentou 5 nocautes, um no grupo de fatores *papel do falante*, no fator *beneficiário*, com apenas uma ocorrência total para o verbo *botar*. Quatro no grupo *tópico discursivo*, no fator *lazer, relacionamento, outros e religião*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*, com exceção do fator *religião* em que as duas únicas ocorrências foi para o verbo *colocar*. Optamos por isolar os nocautes e prosseguirmos com outra rodada.

A nova rodada apresentou um total de 86 ocorrências (55 para o verbo *botar* e 31 para o verbo *colocar*), o que já nos permite fazer algumas considerações. Vejamos o gráfico 3.

Gráfico 3 – Frequência dos verbos *botar* e *colocar* para o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar e plantar* na amostra analisada



Input 0,660

Fonte: elaborada pelo autor.

significance 0,009

O gráfico 3 apresenta a distribuição dos verbos *botar* e *colocar* na variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, usando o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar costurar e plantar*. Como vemos, a variante *botar* é a mais frequente (64%), já o verbo *colocar* apresenta uma frequência de 36%. Mais uma vez, os dados apresentados corroboram nossa hipótese de que o verbo *botar* é mais produtivo que o verbo *colocar* entre os falantes que compõem nossa amostra.

Observados os nocautes na primeira rodada, optamos por desprezá-los e

continuamos com mais uma rodada. Agora, sem os nocautes apresentados na primeira rodada para esse fator, o programa, na sua melhor análise, com *input* de 0,660 e *significance* igual a 0,009, selecionou apenas a variável *escolaridade* como favorecedora para o verbo *botar*.

A variável *escolarização* do informante é objeto de estudo de diversos pesquisadores que estudam os fenômenos variáveis, Oliveira e Silva e Paiva (1996), por exemplo, realizaram um levantamento a respeito de trabalhos acerca dessa variável e chegaram à conclusão de que há um padrão geral que associa um maior uso de formas padronizadas a falantes com mais anos de escolarização e que esses falantes tendem a privilegiar mudanças que implementam formas socialmente aceitas, desfavorecendo as formas que se opõem à forma padrão. Vejamos a tabela 13.

Tabela 13 – Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|---------------------------|-------------------|--------|--------------|
| A (0 a 4 anos de estudo) | 11/21 | 52,45% | 0,362 |
| B (5 a 8 anos de estudo) | 29/35 | 82,9% | 0,713 |
| C (9 a 11 anos de estudo) | 55/86 | 64,0% | 0,340 |

Input 0,660

significance = 0,009

Fonte: elaborada pelo autor.

A variável *escolaridade* tem sido apontada como de grande influência na escolha de uma variante em detrimento de outra. De acordo com Oliveira e Silva e Paiva (1996), “[...] seja direta ou indiretamente, a participação da escola acaba sendo decisiva na configuração linguística da comunidade” (OLIVEIRA E SILVA; PAIVA, 1996, p. 350). Em concordância com tal pensamento, podemos citar Labov (1966), quando observou que os falantes menos escolarizados, frequentemente, usavam mais as formas não padrão, enquanto os mais escolarizados preferiam as formas padrão.

Os trabalhos que nos servem como base não controlaram essa variável. A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018), com informantes do *corpus* ALiB, não controlou a variável *escolaridade* em virtude de todos os informantes selecionados possuírem o mesmo nível de escolaridade, ensino fundamental incompleto. Carmo e Araújo (2015), usaram o PORCOFORT como banco de dados, *corpus* constituído somente de informantes com ensino superior completo. Quanto ao trabalho de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), esse utiliza dois *corpora*, NURC e Projeto Mineirês, ambos representantes da modalidade oral culta da língua.

Observando o comportamento da variável *escolaridade*, no gráfico 13, vemos que o fator B (0,713), com informantes com 5 a 8 anos de escolarização, é o único que beneficia o verbo *botar*. O fator A (0,362), os menos escolarizados, com informantes com 0 a 4 anos de escolarização, se comporta como inibidor do verbo *botar*, já o fator C (0,340), o grupo dos mais escolarizados, com informantes com 9 a 11 anos de estudo, também inibem essa variante.

Os resultados apresentados refutam, em parte, nossa tese de que os menos escolarizados beneficiam mais o verbo *botar* do que os mais escolarizados, uma vez que os resultados demonstraram que, para essa rodada, são os informantes com *escolarização* entre 5 a 8 anos os maiores favorecedores do verbo *botar*, porém corrobora nossa hipótese de que os mais *escolarizados*, 9 a 11 anos de estudo, são os que menos privilegiam o uso de *botar*.

A partir dos resultados estatísticos, podemos perceber que os mais escolarizados foram os que menos favoreceram a regra e isso implica dizer que a tese, de que os menos escolarizados usam mais as variantes menos formais, apresentada na pesquisa de Oliveira e Silva e Paiva (1996) não se confirmaram, pois, para nossa pesquisa, o fator que mais favoreceu a regra não foram os menos *escolarizados*, 0 a 4 anos, e, sim, o segundo grupo mais *escolarizado*, 5 a 8 anos de estudo.

A seguir, apresentaremos os resultados para mais uma rodada com um dos fatores da variável *sentido materializado pelo verbo*, o fator *acomodar, matricular, prender e denunciar*.

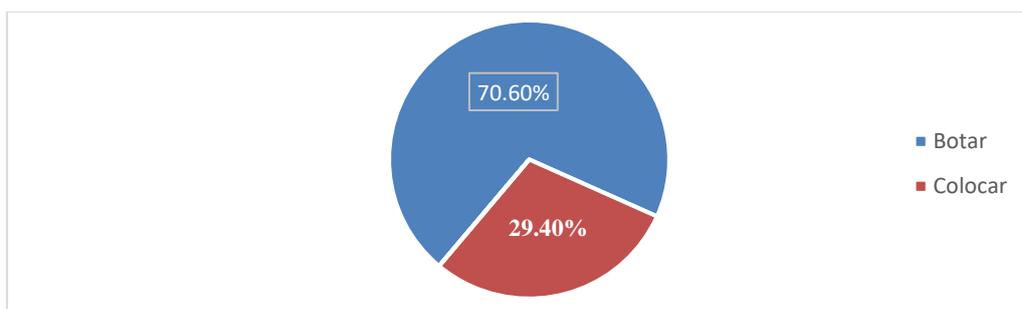
5.3.4 Rodada para o fator *acomodar, matricular, prender e denunciar*

Para essa rodada, o programa GoldVarb X registrou 102 ocorrências, 72 para *botar* e 30 para *colocar*. No entanto, essa rodada apresentou 4 nocautes, dois no grupo de fatores *papel do falante*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*, em *beneficiário* e em *paciente*. Dois no grupo de fatores *tópico discursivo*, no fator *cotidiano* com todas as ocorrências para o verbo *botar* e no fator *problemas sociais e urbanos*, com 100% das ocorrências para *colocar*. Retiramos os nocautes, preservando os dados iniciais.

É importante lembrar como esse fator se comportou na primeira rodada dessa pesquisa, com todos os 9 grupos de fatores. Na rodada inicial, como podemos confirmar na tabela 11, esse fator apresentou uma frequência de 12,1 %, do total geral de ocorrências, ou seja, em um número de 846 ocorrências para os verbos *botar* e *colocar*, esse fator apresentou 102 ocorrências, 72 para o verbo *botar* e 30 para o verbo *colocar*.

Agora, vejamos como esse fator se comporta em uma rodada exclusiva para ele, isolando-o dos outros fatores da variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, conforme o gráfico 5.

Gráfico 5 – Frequência do fator acomodar, matricular, prender e denunciar para o verbo botar na amostra analisada



Fonte: elaborado pelo autor.

Para um total de 102 ocorrências, 72 (70,60%) foi para *botar* e 30 (29,40%) para *colocar*, podemos concluir, portanto, que o verbo *botar* é o mais usado pelos informantes do NORPOFOR, no *sentido materializado pelo verbo botar* for *acomodar, matricular, prender e denunciar*.

O programa selecionou, em sua melhor análise, com *input* 0,796 e *significance* 0,020, os grupos de fatores *escolaridade, faixa etária, tópico discursivo e papel do falante*, nessa ordem de relevância, como favorecedores para o verbo *botar*.

As variáveis (*in*) *determinação do sujeito, traço semântico, animacidade do objeto e sexo do falante* foram consideradas irrelevantes para o uso do verbo *botar*. A seguir, apresentamos os resultados estatísticos para cada uma das variáveis escolhidas como relevantes para essa rodada.

Tabela 14 – Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|---------------------------|--------------|-------|--------------|
| A (0 a 4 anos de estudo) | 28/34 | 82,4% | 0,514 |
| B (5 a 8 anos de estudo) | 33/34 | 97,1% | 0,861 |
| C (9 a 11 anos de estudo) | 11/34 | 32,4% | 0,132 |

Input 0,796

Fonte: elaborada pelo autor.

significance = 0,020

Os resultados estatísticos, apresentados na tabela, revelam que, para essa variável, o *fator B*, no melhor nível de análise, favorece o uso do verbo *botar* (0,861), seguido do *fator A* (0,514), que apresenta apenas um discreto favorecimento para esta variante. Já o *fator C* (0,132) comporta-se como inibidor da regra de aplicação. Isso, quando aplicado no sentido de *acomodar*, *matricular*, *prender* e *denunciar*, como nos excertos 103 e 104, *escolarização A* e *escolarização B*, respectivamente, extraídos de nossa amostra.

(103) ...tinha o meu/ meu menino mais velho... *botava* no braço... o meu menino mais velho foi... foi criado... (DID 19, NORPOFOR)

(104) ... aí eu já tava com vinte e tanto, aí rapaz, tá bom. () *botaro* vocês em colégio, etc., aqueles que quiserem, que num quiserem... (DID 91, NORPOFOR)

No excerto 103, temos um informante com idade acima de 50 anos e *escolarização* entre 0 a 5 anos de estudo, usando o verbo *botar* no sentido de *acomodar*, já, no excerto 104, temos um informante com idade acima de 50 anos e *escolarização* entre 5 e 8 anos de estudo, usando verbo *botar* no sentido de *matricular*.

Os resultados apresentados, mais uma vez, não confirmam o que grande parte da literatura, sobre essa, variável apresenta, uma vez que os menos escolarizados não foram os que apresentaram uma maior probabilidade de uso da forma verbal menos formal, *botar*.

A seguir, apresentamos os resultados para o segundo grupo de fatores favorecedor do verbo *botar*, a variável *faixa etária*.

Tabela 15 – Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|---------------------------|-------------------|-------|--------------|
| I (15 a 25 anos) | 18/25 | 72,0% | 0,402 |
| II (26 a 49 anos) | 21/41 | 40,2% | 0,193 |
| III (a partir de 50 anos) | 33/36 | 91,7% | 0,870 |

Input 0,796

significance de 0,020

Fonte: elaborada pelo autor.

A tabela 15 demonstra que o único fator selecionado pelo programa GoldVarb X, como favorecedor para o verbo *botar*, é o *fator III*, acima de 50 anos (0,870), seguido dos mais jovens (0,402), *fator I* que não se comporta como favorecedor do verbo. O *fator II*, idade

mediana, surge como inibidor da regra (0,193). Como percebemos, cabe ao grupo dos mais velhos o índice mais alto de aplicação da regra.

Os resultados apresentados mostram que as *faixas etárias* extremas da tabela, os mais jovens, mesmo não favorecendo o verbo *botar*, e os mais velhos, aliados da regra, são os que mais se aproximam do que Naro (1994) “caracteriza como linguagem de jovens e velhos e se repetem em qualquer geração” (NARO, 1994, p.84). Isso nos leva à compreensão de que existe um comportamento semelhante entre essas duas faixas etárias, se distanciando dos falantes de meia idade.

A próxima tabela apresenta os resultados para o terceiro grupo de fatores selecionado como favorecedor do verbo *botar*, o *tópico discursivo*, variável que tem se mostrado, ao longo dessa pesquisa, de extrema relevância, pois, como podemos comprovar, ela esteve presente em todas as rodadas e selecionada como favorecedora do verbo *botar*, com exceção da rodada para o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar* e para o grupo de fatores *tocar de leve, encostar, empurrar de soslaio*.

Tabela 16 – Atuação da varável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|---------------------------|-------------------|-------|--------------|
| Vida escolar | 9/11 | 81,8% | 0,673 |
| Trabalho | 7/26 | 26,9% | 0,573 |
| Recordações | 34/37 | 91,9% | 0,519 |
| Política Nacional / Local | 1/2 | 50,0% | 0,465 |
| Relacionamento | 2/6 | 33.3% | 0,047 |

Input 0,796

Fonte: elaborada pelo autor.

significance de 0,020

A tabela 18, sem os fatores *outro* e *religião*, eliminados em virtude dos nocautes, demonstra que, para a variável *tópico discursivo*, os fatores *vida escolar, trabalho* e *recordações* são os favorecedores do verbo *botar*, nessa ordem de importância. Essa variável tem se mostrado muito importante no decorrer de toda a pesquisa, ou seja, ela tem sido selecionada em várias rodadas como favorecedora do verbo *botar*. Se buscarmos o início de nossas análises (página 70, tabela 4), podemos resgatar que essa variável foi escolhida pelo

programa como a mais favorável ao uso do verbo *botar*, tendo o fator *lazer* (0,761) como o maior beneficiador da regra.

Para essa rodada, só com a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, novamente, o *tópico discursivo* se apresenta como favorecedor e, como podemos perceber, com base na tabela 18, apenas os fatores *relacionamento* (0,047) e *política local / nacional* (0,465) não favorecem o uso do verbo *botar*.

O programa revelou que o fator que mais favorece o uso do verbo *botar* é o fator *vida escolar* (0,673), preponderantemente, acompanhado do fator *trabalho* (0,573) e do fator *recordações* (0,519), este último apresenta apenas um discreto favorecimento. Já os fatores *política local / nacional* (0,465) e *relacionamento* (0,047) inibem o uso do verbo sob análise.

Vejam os excertos 107, 108 e 109, extraídos de nossa amostra, onde apresentamos os fatores *vida escolar*, *trabalho* e *recordações*, respectivamente.

(107) ... aquelas barreiras que eu enfrentei que faltou um pouquinho de de estudo, se EU tivesse estudado, eu tinha me ligado, que ia aumentando a tecnologia, né? Aumentando que quando tem emprego, a tecnologia era deste tamanho, ela foi crescendo, foi crescendo, foi atrás de por mais estudo, põe mais estudo, põe mais estudo... aí eu já tava com vinte e tanto, aí rapaz, tá bom... () *botaro* vocês em colégio, etc., aqueles que quiserem, que num quiserem... (DID 91, NORPOFOR)

(108) ... se eu montasse assim um negócio meu assim pra mim tomar conta... que eu já cheguei a *botar* com sócio...mas ia tudo bem... mas negócio de sócio não quero mais nunquinha... (DID 65, NORPOFOR)

(109) ... daquele jovem que morreu na Inglaterra né aquele pessoal fizeram uma:: na cidade dele fizeram uma:: proclamação de uma assim de um patriotismo grande tão grande *botaram* bandeira do Brasil cantaram o hino nacionAL fizeram aquele ali era um momento deles o que? tá questionando porque que aquele jovem morreu morreu porque? ... (DID 105, NORPOFOR)

O excerto 107 revela a fala de um informante com *faixa etária III*, acima de 50 anos, *escolarização* de 5 a 8 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *matricular* alguém na escola, falando de sua *vida escolar*. O 108 apresenta a fala de um informante da *faixa etária III* e *escolarização* de 5 a 8 anos, usando o verbo com o sentido de *montar empresa*, falando do *trabalho*, já o excerto 109 mostra a fala de um informante da *faixa etária II*, 26 a 49 anos, e *escolarização* de 9 a 11 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *pendurar* a bandeira, falando de suas *recordações*.

Esses resultados estatísticos nos fazem arriscar que o informante com *faixa etária* acima de 50 anos e *escolarização* entre 5 e 8 anos, quando está falando sobre sua vida escolar ou a de alguma outra pessoa, prefere o uso do verbo *botar* (0,673) em detrimento de *colocar*,

assim como, ao falar sobre assuntos do *trabalho* (0,573) e *recordações* (0,519) também preferem usar esta variante.

É preciso registrar que mesmo o fator *trabalho* tendo se comportado como favorecedor do verbo *botar* (0,573) podemos perceber que, quando o informante está falando de assuntos relacionado a *trabalho*, ele prefere usar o verbo *colocar* (73,1%), ou seja, em um total de 26 ocorrências, o informante faz uso do verbo *colocar* 19 vezes e apenas 7 vezes o verbo *botar*.

A seguir, apresentaremos os resultados estatísticos para o grupo de fatores *papel do falante*, o último escolhido como relevante para essa rodada.

Tabela 17 – Atuação da variável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|----------------|-------------------|-------|--------------|
| Agente | 26/34 | 76,5% | 0,611 |
| Experienciador | 34/56 | 60,7% | 0,432 |

Input 0,796

significance de 0,020

Fonte: elaborada pelo autor.

Essa variável não foi selecionada como favorecedora do verbo *botar* na primeira rodada desta pesquisa, tabela 08. Para a rodada com o *sentido materializado pelo verbo na sentença*, usando apenas o fator *acomodar, matricular, prender e denunciar*, a variável *papel do falante* foi selecionada pelo programa GoldVarb X como favorecedora do verbo *botar*.

Como notamos, apenas os fatores *agente* e *experienciador* foram selecionados pelo programa, os demais fatores, *paciente* e *beneficiário*, não foram selecionados. Entre os dois fatores selecionados, apenas o fator *agente* (0,611) foi selecionado como favorecedor do verbo *botar*, enquanto o fator *experienciador* (0,432) inibe essa variante.

Os excertos 110 e 111 nos apresentam informantes de nossa amostra com *faixa etária III, escolarização B*, no tópico *vida escolar*, usando o verbo no sentido de *acomodar, matricular* e *prender* e como *agente da ação do verbo* (110) e como *experienciador da ação do verbo* (111).

(110) ... ela ficou muito abalada peguei lá um dinheirinho (lá do Bom Sucesso)... e botei esses meus meninos pra ficarem dormindo na minha mãe porque () na min/na minha irmã porque era tudo pertinho né?... (DID 130, NORPOFOR)

(111) ... tá repetindo a quinta... ela tava na quinta tá repetindo a quinta... só que ela estava na sexta... só que *botaram* ela pra quint/ pra quinta série né? aí pronto... aí ela tá... tá estudando... (DID 90, NORPOFOR)

Na próxima seção, apresentaremos os resultados estatísticos para mais uma rodada com fator da variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*.

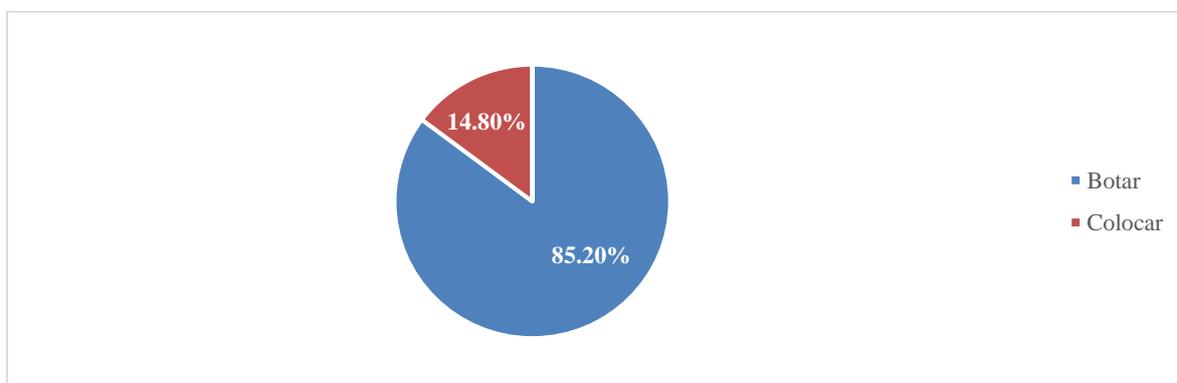
5.3.5 Rodada para o fator dispor, deitar, arrumar, juntar, montar e organizar

Na rodada com todas as variáveis controladas por esta pesquisa, esse fator apresentou uma frequência de 85,22%, 69 de 81 ocorrências para o verbo *botar*, e apenas 14% para o verbo *colocar*, 12 de 81 ocorrências. Em sua frequência geral, esse fator apresentou 9,6% de todas as ocorrências para a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, ver tabela 09. A relevância dessa informação está no fato de podermos resgatar, aqui, resultados que se contrapõem ou confirmam os resultados estatísticos para essa rodada, já que não temos parâmetros comparativos nos trabalhos que serviram até aqui como norteadores.

Para essa rodada, o programa revelou seis nocautes, um no grupo de *fatores papel do falante*, no fator *beneficiário*, 100% das ocorrências para *botar*. Cinco nocautes no grupo de *fatores tópico discursivo*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar* no fator *cotidiano*, *lazer*, *relacionamento* e *outros* e uma única ocorrência para o verbo *colocar* no fator *vida escolar*.

Retiramos os nocautes, preservando todas as ocorrências, e fizemos mais uma rodada no GoldVarb X que nos ofereceu os resultados estatísticos que passamos a apresentar. Veja o gráfico 6.

Gráfico 6 – Frequência de uso das variantes botar e colocar na amostra analisada



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico 6 mostra a distribuição dos verbos *botar* e *colocar* a partir da variável

sentido materializado pelo verbo na sentença, controlando o fator *dispor, deitar, arrumar, juntar, montar e organizar*.

Como podemos perceber, há uma diferença significativa de uso, favorecendo o verbo *botar* com uma frequência de 85,2% para um total de 81 ocorrências em detrimento de *colocar* que apresenta uma frequência de apenas 14,8%. Os dados demonstram que há um favorecimento da forma inovadora, *botar*, em detrimento da forma tida como mais formal, *colocar*.

Para essa rodada, o GoldVarb X selecionou, na melhor análise, *input* 0,818 e *significance* igual a 0,016, apenas dois fatores como favorecedores do verbo *botar*, *escolaridade* e *tópico discursivo*, nessa ordem de importância, e como irrelevantes os grupos de fatores *sexo, faixa etária, traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito e papel do falante*.

Entre os trabalhos que norteia essa pesquisa, apenas Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), controlou a variável *papel do falante* e chegaram à conclusão de que quando o falante é o *agente da ação verbal* ele faz mais uso do verbo *colocar* (50,23%), assim como quando *experenciador* ou *beneficiário* (58,33%). Vejamos as tabelas dos grupos favorecedores.

Tabela 18 – Atuação da variável escolaridade para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|---------------------------|--------------|-------|-------|
| A (0 a 4 anos de estudo) | 28/32 | 87,5% | 0,509 |
| B (5 a 8 anos de estudo) | 37/40 | 92,5% | 0,627 |
| C (9 a 11 anos de estudo) | 4/9 | 44,4% | 0,081 |

Input 0,818

significance de 0,016

Fonte: elaborada pelo autor.

Os dados estatísticos apresentados na tabela 18 demonstram que apenas a *faixa etária* dos mais *escolarizados*, 9 a 11 anos, inibe o uso do verbo *botar* (0,081), o que corrobora nossa hipótese de que os mais *escolarizados*, ou seja, um contato maior com a norma padrão e culta, preferem as variantes tidas como mais formais. Isto porque, segundo Votre (1994), as formas de prestígio “ocorrem em contextos mais formais, mais ‘nobres’, entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social” (VOTRE, 1994, p.75).

Os resultados apresentam que o *fator B*, 5 a 8 anos de *escolarização*, é o maior aliado no uso do verbo *botar* (0,627), seguido do *fator A* (0,509), que apresenta um discreto

favorecimento para esta variante. Os resultados apresentados para os *fatores A e B* refutam, em parte, nossas hipóteses, uma vez que registramos que, quanto menor for a *escolarização*, maior a probabilidade de o informante usar o verbo *botar*, tido como menos formal.

A seguir, apresentamos os excertos 95, 96 e 97 com indivíduos apresentando a ocorrência para o *sentido materializado pelo verbo na sentença* no fator *dispor, deitar, arrumar, juntar, montar e organizar* em cada um dos fatores escolhidos, respectivamente, de acordo com o peso relativo.

(95) ...aí ei peguei comprei uma passagem e fui pra lá aí dexei e doei po *botei* naquela casa dos milagres que tem lá né ... (DID 47, NORPOFOR)

(96) ...escovão aí vai lava coisa... aí vai *botar* no sol... ali tá... tá limpando o tecido... mas e a esponja?... (DID 84, NORPOFOR)

(97) foi justamente naquela época que *colocou* os como é chama o primeiro e segundo grau em um [ano... (DID 59, NORPOFOR)

O excerto 95 apresenta um informante com 5 a 8 anos de escolarização falando de *religião, tópico discursivo*, já o 96 apresenta um indivíduo com nenhuma *escolarização* ou apenas 4 anos de *escolarização* falando de um acontecimento no *trabalho*. Quanto ao excerto 97, trata-se de informante com *escolarização* entre 8 e 11 anos falando de sua experiência na *escola, tópico discursivo*.

A seguir, apresentamos o segundo grupo de fatores selecionado como relevante para o verbo *botar, tópico discursivo*, com apenas 3 de um total de 11 fatores. Vejamos a tabela 19.

Tabela 19 – Atuação da varável *tópico discursivo* para o verbo *botar* na amostra analisada

| Fatores | Aplic. / Total | % | PR |
|-------------|----------------|-------|--------------|
| Trabalho | 34/37 | 91,9% | 0,606 |
| Recordações | 9/11 | 81,8% | 0,485 |
| Religião | 2/6 | 33,3% | 0,218 |

Input 0,818

Fonte: elaborada pelo autor.

significance de 0,016

Como podemos visualizar na tabela 19, o programa revelou que apenas o fator *trabalho* (0,606) é favorecedor do verbo *botar*, enquanto os fatores *religião* (0,218) e *recordações* (0,485) se comportam como inibidores da variante.

Essa variável tem se mostrado muito produtiva em todas as rodadas, principalmente quando o falante dialoga sobre seu *trabalho*, como no excerto 112, em que um informante fala de uma de suas atribuições. Esse resultado refuta parte de nossa hipótese, segundo a qual, quando o indivíduo fala de *trabalho* e *escola*, ele prioriza a forma *colocar*. Como dito anteriormente, essa variável não foi controlada por nenhuma das pesquisas que nos servem como parâmetro.

(112) ... era só para olhar eles mesmo para *botar* para dormir para dar:: de comer para dar banho... (DID 9, NORPOFOR)

O inquérito 112 representa um falante jovem, 15 a 25 anos, nível de *escolarização* de 0 a 4 anos de estudo, usando o verbo *botar* com sentido de *deitar*, falando de *trabalho*.

A seguir, apresentaremos mais uma rodada para a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, realizada, exclusivamente, com o fator *contratar, empregar, eleger, demitir e aposentar*.

5.3.6 Rodada para o fator contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar

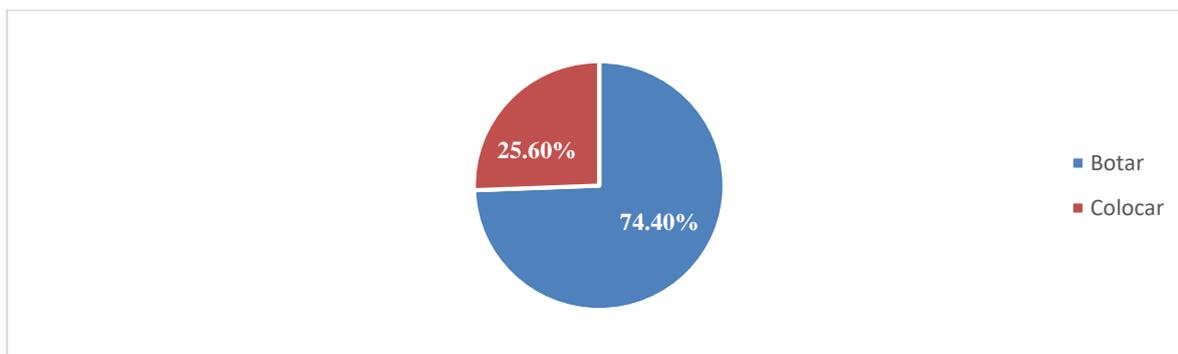
Para essa rodada, o programa revelou 6 nocautes, quatro no grupo de fatores *tópico discursivo*, em *política local / nacional, vida escolar, problemas sociais / urbanos, lazer, recordações*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*, e um no grupo *traço semântico e animacidade do objeto*, com todas as ocorrências para o fator – *animado* e + *concreto*.

Com relação aos nocautes, optamos por retirá-los e prosseguir com mais uma rodada. Esse nocaute nos faz refletir sobre os tópicos sobre os quais recai a totalidade das ocorrências, pois percebemos que todos eles remetem o informante a um momento de descontração, em que sua fala mais se aproxima do vernáculo, de sua fala natural. Tal situação nos leva a acreditar que fica mais evidente a proximidade entre a forma *botar* e o uso de uma fala mais descontraída, voltada para situações familiares, discussões com grupos de amigos ou assuntos corriqueiros.

O fator que compõe essa rodada apresentou uma frequência de 9,3%, 78 ocorrências de um total de 846, na primeira rodada desta pesquisa com todos os grupos de fatores, como demonstra a tabela 09.

Para esta rodada, o programa selecionou um total de 78 ocorrências, 58 para *botar* e 20 para *colocar*. Vejamos os resultados no gráfico 7.

Gráfico 7- Frequência para o verbo botar e colocar em rodada com o fator contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar na amostra analisada.



Fonte: elaborada pelo autor.

O gráfico apresentado demonstra que, para essa rodada, o verbo *botar*, mais uma vez, possui uma frequência bem superior ao verbo *colocar*. O programa GoldVarb X revelou que, das 78 ocorrências, 74,4% são para o verbo *botar* e apenas 25,6% para *colocar*.

Esses resultados nos fazem perceber que a variação entre os verbos *botar* e *colocar* no falar popular de Fortaleza apresenta uma maior frequência para o verbo *botar*, assim como a pesquisas de Carmo e Araújo (2015) em que demonstrou uma frequência de 57% para *botar* e se diferencia da pesquisa de Barreto Oliveira e Lacerda (2012) em que apresentou um empate técnico, 49,33% para *botar* e 50,66% para *colocar*, resultado que se assemelha à pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) que também apresentou um empate técnico, 42,5% para *botar* e 42,2% para *colocar*.

Essa rodada, em seu melhor nível com *input* 0,717 e *significance* 0,010, selecionou os grupos de fatores *papel do falante*, *tópico discursivo* e *faixa etária* como favorecedores para o uso do verbo *botar*, nessa ordem de importância.

É preciso registrar, que as variáveis *sexo*, *escolaridade*, *traço semântico e animacidade do objeto* e *(in) determinação do sujeito*, não foram selecionadas pelo programa, o que significa que elas não favorecem o verbo *botar*.

A seguir, apresentamos as tabelas com os valores estatísticos para cada uma das variáveis selecionadas, pelo programa, como relevantes para o verbo *botar*.

Tabela 20 – Atuação da varável papel do falante para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação / Total | % | PR |
|----------------|-------------------|-------|--------------|
| Paciente | 12/14 | 85,7% | 0,915 |
| Experienciador | 41/47 | 87,2% | 0,552 |
| Agente | 2/5 | 40,0% | 0,076 |
| Beneficiário | 3/9 | 25,0% | 0,073 |

Input 0,717

significance de 0,010

Fonte: elaborada pelo autor.

Os dados estatísticos apresentados na tabela 20 demonstram que apenas os fatores *paciente* (0,915) e o fator *experienciador* (0,552) favorecem o uso do verbo *botar*, enquanto os fatores *agente* (0,076) e *beneficiário* (0,073) inibem esse verbo.

Os resultados nos permitem concluir que quando o falante sofre a ação do verbo, ele beneficia o verbo *botar*. Os excertos 113 e 114, extraídos de nossa amostra, apresentam o informante quando *paciente*, ou seja, sofre a ação (113) e quando é *experienciador* (114).

(113) ... ele tava fazendo que que assim tava precisando de GENTE pra trabalhar lá aí me chamou aí *botou* eu lá pra trabalhar... (DID 47, NORPOFOR)

(114) ...por exemplo um:: assalto a mão armada é o artigo 37... se você for pego a primeira vez se você fizer a primeira vez esse ou ou PRIMÁRIO... ou primário se você for pego fazendo um assalto a mão armada... você *coloca* advogado acho que você num passa uns vinte dias na cadeia... (DID 150, NORPOFOR)

O excerto 113 apresenta um informante contando como se tornou empregado na empresa que trabalha e o excerto 114 apresenta o informante falando de uma ação cotidiana em que alguém precisa contratar um profissional do direito para defendê-lo.

A próxima tabela apresenta os resultados para a variável *tópico discursivo*. Como podemos perceber, a tabela 21 compõe apenas três fatores de um total de onze.

Tabela 21 – Atuação da varável tópico discursivo para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic. / Total | % | PR |
|----------------|----------------|-------|--------------|
| Cotidiano | 6/7 | 85,7% | 0,922 |
| Trabalho | 22/36 | 61,1% | 0,319 |
| Relacionamento | 1/4 | 20,0% | 0,883 |

Input 0,0717

significance de 0,010

Fonte: elaborada pelo autor.

O programa GoldVarb X revelou em seu melhor nível que para uma rodada com o fator *contratar, empregar, eleger, demitir e aposentar*, em o *tópico discursivo*, o informante prefere usar o verbo *botar*. Os resultados demonstram que o fator *cotidiano* (0,922) é o maior aliado do verbo *botar*, seguido do fator *relacionamento* (0,883). Como podemos visualizar, o fator *trabalho* (0,319) inibe o uso do verbo *botar*. Esses resultados estatísticos, mais uma vez, reforçam a ideia de que quanto mais o informante se aproxima de assuntos corriqueiros e familiares, mais ele tende a usar o verbo *botar* e se afasta desse quando o assunto é sobre *trabalho* ou a outros assuntos historicamente reconhecidos como mais sérios.

Os excertos 115, 116, 117 e 118, extraídos de nossa amostra, nos permitem ter uma visão mais clara como tal fenômeno acontece.

(115) ... rapaz eu acho... não sei se () pra corrigir... eu acho que não tem um quem *bote* assim pra... pode ajeitar assim em oitenta por cento cinquenta por cento mas pra dizer assim que *botar* assim no trilho mesmo pra andar o trem assim como diz o ditado o trem na linha até o fim não *bota* não...(DID 65, NORPOFOR)

(116) ... ele no momento infelizmente está desempregado ele não está trabalhando sabe tá com uns dois meses que ele tá foi *botado* pra fora... (DID 67, NORPOFOR)

(117) ...guarda o sistema no canto...aí tira o sistema de circulação...e joga o dela... *bota* aquele pessoal pra trabalhar pra ela... (DID 76, NORPOFOR)

(118) ... de todas as épocas que eu vivi aqui na Fazenda... naquele ano... foi o maior de todos os aumentos... aumento... assim... que ele... criou... vamos dizer assim... quando *colocou* um general na Secretaria da Fazenda... (DID 61, NORPOFOR)

Os excertos apresentam a forma como o informante dispôs as ocorrências dos verbos em sua fala. Para o excerto 115, expomos um falante fazendo uso da ação verbal para relatar seu *cotidiano*. Podemos visualizar o informante usando o verbo *botar* com o sentido de eleger um candidato. Já, no excerto 116, o informante aplica o verbo *botar* com sentido de *demitir*, ao falar de uma situação vivenciada em seu relacionamento amoroso. No excerto 117, falando do *cotidiano*, nosso informante usa o verbo *botar* no sentido de *empregar*, enquanto, no 118, o informante fala de situações do *trabalho*, e, para isso, faz uso do verbo *colocar* no sentido de *eleger*.

A tabela 22 apresenta o último grupo de fatores selecionado pelo programa como favorecedor do fator *contratar, empregar, eleger, demitir e aposentar*, a faixa etária. Essa variável, como já registrado, é tomada pelas pesquisas de variação e mudança linguística como indicadora de possíveis mudanças, funcionando como evidência o que Labov (2008) denominou de tempo aparente, quando abordada sincronicamente, caso dessa pesquisa.

É preciso lembrar que a relação entre variação e idade está concentrada na divisão

dos estágios de vida em grupos, chamadas faixas etárias (infância, adolescência, jovem adulto e velhice. Destas, apenas o jovem adulto é visto como um estágio de vida independente, conforme Eckert (1990).

Tabela 22 – Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplicação./Total | % | PR |
|---------------------------|------------------|-------|--------------|
| I (15 a 25 anos) | 7/16 | 43,8% | 0,065 |
| II (26 a 49 anos) | 18/20 | 90,0% | 0,808 |
| III (a partir de 50 anos) | 33/42 | 78,6% | 0,583 |

Input 0,0717

significance de 0,010

Fonte: elaborada pelo autor.

No melhor nível de análise, *input* 0,0717 e *significance* 0,010, o GoldVarb X selecionou a *faixa etária II*, 26 a 49 anos (0,808) como aliada do verbo *botar*. O segundo fator favorecedor do verbo *botar* é a *faixa etária III*, a partir de 50 anos.

Essa variável corrobora nossa hipótese, em parte, quando seleciona o grupo de falantes com maior idade como aliado do verbo *botar* e os mais jovens (0,065) como inibidores, mas refuta essa hipótese quando apresenta a *faixa etária II* como maior favorecedora do verbo *botar*.

Os excertos 119, 120 e 121, extraídos de nossa amostra, demonstram o comportamento dos informantes em cada *faixa etária*, respectivamente.

(119) ... ela queria uma pessoa para... para cuidar da casa... fazer a faxina da casa e lavar roupa... e a mãe não queria né aí a mãe pegou e saiu de lá aí ela *botou* outra... (DID 9, NORPOFOR)

(120) ...é tudo que a gente tem na vida é os filhos da gente e futuramente se Deus quiser eu digo mesmo pra ela...quando eu tiver bem velhinha você que vai me cuidar de mim né...aí pelo seu emprego...você vai ter o seu dinheiro pra *botar* uma pessoa pra cuidar da mamãe...né... (DID 31, NORPOFOR)

(121) ... era muito difícil viu? você vê agora éh...o cabra naquele tempo ((tossiu)) eu cheguei a alcançar ainda que tem agora atualmente e parou depois *botaram* agora de novo não sei se naquele tempo já tinha a cavalaria naquele tempo... (DID 65, NORPOFOR)

O excerto 119 mostra um jovem, entre 15 e 25 anos, usando o verbo *botar* no sentido de *contratar*, enquanto fala de suas *recordações*. O excerto 120 exhibe um adulto, 26 a 49 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *contratar*, falando do seu *cotidiano*. Quanto ao excerto 121, apresenta um senhor, a partir de 50 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *eleger*, ao falar de suas *recordações*.

Essa variável tem se mostrado muito importante para nossa pesquisa e, ao observarmos seu desempenho, podemos detectar duas direções da língua: a relação de estabilidade de um dado fenômeno, variação estável, ou a existência de mudanças linguísticas em curso. A partir dos dados estatísticos, podemos concluir que objeto analisado trata-se de uma variação estável, uma vez que não observamos uma maior frequência entre os grupos de menor idade, como pontua Naro (1994).

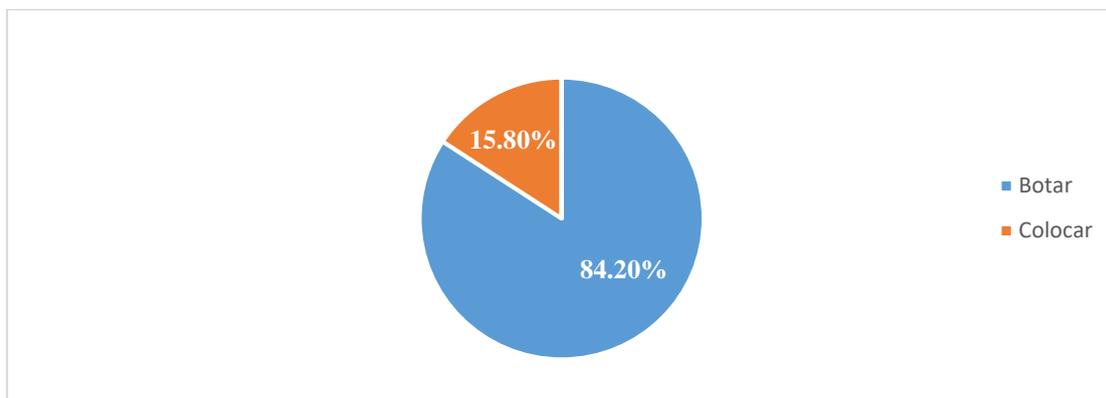
Na próxima seção, apresentamos os resultados para a rodada só com o fator *tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio*, que compõe o grupo de fatores do *sentido materializado pelo verbo na sentença*. Esse fator, em nossa primeira rodada apresentou apenas 38 ocorrências, 4,5% do total geral de 846 ocorrências. Mais uma vez, o verbo *botar* se apresentou com a maior frequência, 84,2% em comparação com o verbo *colocar*, com 15,8%.

5.3.7 Rodada para o fator *tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio*

Para a rodada com o fator em análise, o GoldVarb X detectou 6 nocautes, três no grupo de fatores *tópico discursivo*, nos fatores *trabalho, lazer e religião* e dois nocautes no grupo de fatores *papel do falante*, nos fatores *beneficiário e paciente* e um nocaute no grupo *faixa etária*, fator *a partir dos 50 anos*. É preciso registrar que todas as ocorrências que definiram os nocautes, 100%, foram com o verbo *botar*.

Após a retirada dos nocautes, o programa apresentou um total de 38 ocorrências, 32 para *botar* e apenas 6 para *colocar*. Vejamos o gráfico 8, onde expomos os resultados estatísticos para essa rodada.

Gráfico 8- Frequência para o verbo botar e colocar em rodada para o fator tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar e olhar de soslaio na amostra analisada.



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico nos revela uma frequência muito superior, favorecendo o verbo *botar*, 84,20%, em detrimento do verbo *colocar*, 15,80%. Esse resultado nos faz perceber que, quando o informante usa a ação verbal para indicar que alguém toca de leve em outra pessoa ou em algum objeto, quando encosta em algo ou em alguém, esfrega um objeto em outra ou em se mesmo, empurra algo ou alguém e olha de relance ou soslaio, ele prefere usar o verbo *botar*.

Em seu melhor nível de análise, *input* 0,863 e *significance* 0,000, o GoldVarb X selecionou apenas dois grupos de fatores como relevantes para o verbo *botar*: a *faixa etária* e a *escolaridade*.

A seguir, apresentaremos as tabelas com os referidos grupos de fatores para uma análise mais detalhada, começando pela variável *faixa etária*, sem o fator III, que apresentou nocaute com todas as ocorrências para o verbo *botar*.

Tabela 23- Atuação da variável faixa etária para o verbo botar na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|-------------------|--------------|-------|--------------|
| I (15 a 25 anos) | 3/7 | 42,9% | 0,080 |
| II (26 a 49 anos) | 10/12 | 83,3% | 0,806 |

Input 0,863

significance de 0,000

Fonte: elaborada pelo autor

Como podemos observar, a tabela 23 nos revela que o grupo de fatores *faixa etária* apresenta apenas a *faixa etária II* (0,806), 26 a 49 anos, como favorecedora do verbo *botar*,

enquanto a *faixa etária I*, 15 a 25 anos, se comporta como inibidora do verbo *botar* (0,080). A *faixa etária III*, acima de 50 anos, não foi selecionada pelo programa, uma vez que apresentou nocaute, fato não ocorrido em outras rodadas.

Esses resultados estatísticos, mais uma, vez refutam nossa hipótese de que, na *faixa etária III*, “indivíduos que, se ainda não estão aposentados, não estão no seu ponto máximo de trabalho” (MARTINS, 2001, p.63), privilegiam *botar* em detrimento dos mais jovens.

Os excertos 122, *faixa etária I*, e 123, *faixa etária II* nos mostram como esse fenômeno se processa na fala do informante de nossa amostra.

(122) ... a eu falei para ela que Deus está me dizendo que você está com câncer aí ela ficou só calada né não disse nada ela começou só a chorar ... aí na mesma hora eu orei por ela eu *botei* a mão aqui na barriga dela ... aí ela pegou e vomitou () chegou a provocar um negócio lá por aí... Deus disse que ela estava curada né. (DID 36, NORPOFOR)

(123) ... é um rapaz tem um rapaz que... ()... eu nem... eu às vez eu... eu acho invocado... ele... *bota* o escovão cheio de sabão... aí depois ele passa um um tipo um secador e o bicho seca na hora e fica limpo... (DID 84, NORPOFOR)

Em 122, apresentamos um informante da *faixa etária I*, nível de *escolarização* de 0 a 4 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *tocar de leve*, enquanto fala sobre o tema *religião*. Já, no excerto 123, exibe um informante da *faixa etária II*, nível de *escolarização* de 0 a 4 anos, usando o verbo *botar* com sentido de *esfregar* o escovão em uma superfície, falando sobre o tema *trabalho*.

A seguir, apresentamos a última variável selecionada como relevante para essa rodada, *escolaridade*.

Tabela 24- Atuação da variável *escolaridade* para o verbo *botar* na amostra analisada

| Fatores | Aplic./Total | % | PR |
|---------------------------|--------------|-------|--------------|
| A (0 a 4 anos de estudo) | 17/19 | 89,5% | 0.669 |
| B (5 a 8 anos de estudo) | 14/16 | 87,5% | 0,527 |
| C (9 a 11 anos de estudo) | 1/3 | 33,3% | 0,007 |

Input 0,863

significance = 0,000

Fonte: elaborada pelo autor

A variável *escolaridade*, como já registrado em outras pesquisas, tem demonstrado que a escolarização do informante é um fator de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, uma vez que pesquisas têm demonstrado que existe uma correlação

significativa entre o uso das variantes e o grau de *escolarização* do falante de uma dada comunidade linguística.

Para Votre (2003)

a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constatou-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudanças em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003, p. 51).

Para esta pesquisa, na primeira rodada, com todos os grupos de fatores, os resultados estatísticos demonstraram que a variável *escolaridade* foi a quarta selecionada como relevante para o verbo *botar*.

Esta variável não foi controlada pelos trabalhos de Lavor, Araújo e Viana (2018), Carmo e Araújo (2015), Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), já na primeira rodada de nossa pesquisa, ela foi selecionada como a quarta variável favorecedora do verbo *botar*, (tabela 4).

Para esta rodada, com o grupo de fatores *sentido materializado pelo verbo na sentença* com o fator *tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar e olhar de soslaio*, o GoldVarb X selecionou os fatores A, 0 a 4 anos de *escolarização*, e o fator B, 5 a 8 anos de *escolarização*, nessa ordem de importância, como favorecedores do verbo *botar*. A tabela demonstra que o fator A, com PR 0,669, é o maior favorecedor do verbo *botar* com uma frequência de uso de 89,5%. O fator B foi apresentado como o segundo favorecedor do verbo *botar* com uma frequência de 87,5%.

Os excertos 124, fator A, 125, fator B, 126, fator C, extraídos de nossa amostra, representam cada nível de *escolarização* controlados por essa pesquisa com dados da fala dos informantes do NORPOFOR.

(124) ... quando eu sentei no sanitário...eu baixei minha cabeça fechei o meu olho...botei minhas mãos sobre as minhas pernas... (DID 31, NORPOFOR)

(125) ... a gente tava chegando oito horas entramos na barra do Fortim oito horas da noite oito e meia nós tava *botando* o pé na areia né?... (DID 54, NORPOFOR)

(126) ...um que eles chamavo buliadô/... que era o que a gente *botava* pra fazê/ o formato assim das pétala sabe?... (DID 64, NORPOFOR)

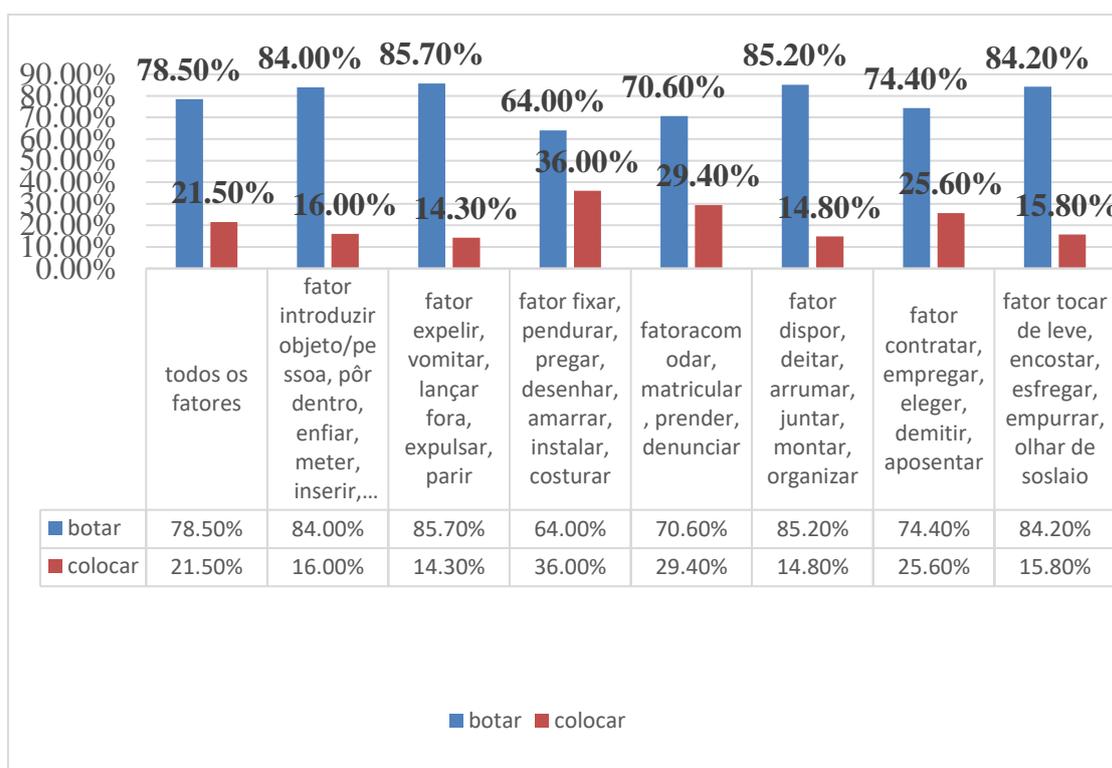
O excerto 124 representa um adulto, *faixa etária II*, 26 a 49 anos, com *escolarização* de 0 a 4 anos, falando de suas *recordações* e usando o verbo *botar* no sentido de *encostar*. O excerto 125 representa um *adulto*, 26 a 49 anos e *escolarização* de 5 a 8 anos, usando o verbo

botar no sentido de *tocar de leve*, enquanto fala do *trabalho*. O último excerto, 126, representa a fala de um informante com mais de 50 anos de idade, *faixa etária III*, com 9 a 11 anos de *escolarização*, usando o verbo *botar* no sentido de *encostar*.

Assim, como podemos perceber, em todas as outras rodadas que compõem essa pesquisa, os resultados estatísticos demonstram que o uso do verbo *botar* é muito superior ao uso do verbo *colocar* para todas as variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X.

A seguir, apresentamos um resumo geral dos resultados obtidos, a partir do gráfico 9, justifica pela intenção do autor em facilitar uma comparação, prévia, das frequências de uso do verbo *botar*, resultados apresentados ao longo da exposição dos resultados estatísticos.

Gráfico 9- Frequência para os verbos botar e colocar em todas as rodadas da pesquisa em amostras analisadas.



Fonte: elaborada pelo autor.

O gráfico inicia-se com a apresentação dos resultados para a primeira rodada binária, após a retirada dos nocautes. De início, podemos constatar que o verbo *botar* é o mais frequente entre os informantes do NORPOFOR, destacando-se com uma frequência de 84% do total de ocorrências, resultado que não deixa dúvidas quanto ao verbo mais usado na comunidade pesquisada. Em seguida, o gráfico demonstra os resultados para as rodadas com os fatores da variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*.

Como podemos perceber, entre os fatores que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença* os resultados apresentam o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*, como o mais frequente, com 85,70% para *botar* e apenas 14,30% para *colocar*. Esses resultados nos levam a acreditar que seja esse o fator que mais favorece o verbo, ou seja, quando o falante vai enunciar que *expeliu algo, vomitou, lançou algo fora, expulsou* de casa ou de outro lugar e, ainda, para se referir a ação de *parir*, o falante faz uso do verbo *botar*.

O segundo fator selecionado como o mais frequente foi *dispor, deitar, arrumar, juntar, montar, organizar*. Essa seleção, indica que quando o falante usa o verbo *botar* para informar que algo ou alguém foi *disposto* em algum lugar, foi *deitado* em uma cama ou similar, assim como, quando o indivíduo arruma uma mesa ou cama, junta e organiza coisas em um lugar ou monta algo, ele faz mais uso do verbo *botar* (85,20% de frequência) do que do verbo *colocar* (14,80% de frequência).

Entre as rodadas apresentadas, o programa selecionou, mesmo com uma frequência maior para o verbo *botar*, o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar e costurar*, como o fator com menor frequência para o verbo *botar*, em comparação com os demais apresentados nessa pesquisa, que compõem a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*. Esse resultado indica que o falante, ao expor que *fixou* algo, *pregou* um quadro, *desenhou* algo em algum lugar, *amarrou* e *instalou* um objeto e, até mesmo, *costurou* algo em algum lugar, faz mais uso do verbo *botar*, para indicar a ação praticada, com 64% de frequência contra 36% para *colocar*.

Expomos, também, os demais resultados selecionados em todas as rodadas e, como podemos visualizar, o verbo *botar* é o mais frequente comparando-o ao verbo *colocar*, em amostras do NORPOFOR.

A próxima seção apresentaremos nossas considerações finais, amparadas nos resultados apresentados pelo programa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação entre o verbo *botar* e *colocar* é tão comum entre os falantes do português do Brasil que poucos se dão conta desse fenômeno. Nosso objetivo investigativo foi elucidar quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam essa variação na fala popular de Fortaleza – CE.

Em nossas primeiras análises, constatamos que os números, oferecidos pelo programa GoldVarb X, revelam, a partir de sua frequência e probabilidade de uso, que o verbo *botar* tem uma diferença significativa de uso em relação ao verbo *colocar*, diferença, essa, muito superior à encontrada em outros trabalhos sobre o mesmo fenômeno em diferentes corpora.

Como esclarecido, ao longo dessa pesquisa, consideramos que não existe um processo de estigmatização sobre nenhuma das duas formas verbais em processo de variação ou mudança, mas, sim, que o verbo *botar* é menos formal em comparação à forma verbal *colocar*, tida como a mais adequada à escrita e à fala, pela sua aproximação com a norma padrão. Quando usamos o termo aproximação, estamos tentando mostrar que não existe nenhum consenso de que uma ou outra forma é de prestígio, apenas os falantes aplicam, intuitivamente, esse juízo de valor para a forma *colocar*.

Logo na primeira rodada, após a retirada dos nocautes, o programa Goldvarb X demonstrou a existência de uma diferença muito superior de uso do verbo *botar* em relação a *colocar* entre os informantes da amostra estudada. Os resultados revelaram que as variáveis *tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *(in) determinação do sujeito* são favorecedoras do verbo *botar*, enquanto as variáveis *sexo*, *traço semântico* e *animacidade do objeto*, *papel do falante* e *sentido materializado pelo verbo na sentença* são inibidoras.

O fato da variável *tópico discursivo* ter sido selecionada como a maior aliada do uso do verbo *botar*, nos leva ao entendimento de que o momento da fala está diretamente ligado ao tema abordado durante a conversa e que o falante pode ser motivado a usar mais o verbo *botar* em consequência do *tópico discursivo*. Então, se o assunto da conversa for acerca de *lazer*, existe uma maior probabilidade do locutor usar o verbo *botar*. Esta atitude pode estar ancorada no fato de o falante se sentir mais à vontade, quando enumera acontecimentos que, historicamente, estão relacionados com diversão e descompromisso, sem a preocupação em usar uma variante mais formal, pois esse não é o momento em que se aplica juízo de valor sobre o que se diz, é um momento de descontração, muito mais de socialização do indivíduo.

Em outros momentos, quando o informante fala sobre assuntos pertinentes ao trabalho ou à religião, existe um grau maior de seriedade e o informante imprime essa seriedade na escolha do léxico. Podemos perceber que, falando sobre *trabalho* e *religião*, o informante usa muito menos o verbo *botar* em detrimento de *colocar*. Tal fato nos leva a inferir que esses temas remetem o falante a um momento em que seu comportamento está sob avaliação, como é o caso do momento em que ele se submete a uma entrevista de emprego ou quando está defendendo sua fé e precisa convencer que conhece os ensinamentos aplicados na liturgia da religião escolhida.

Concluimos, então, que temas relacionados a situações costumeiras, como falar das tarefas cotidianas, da vida escolar, lembranças marcantes, problemas da comunidade e questões envolvendo política, deixam o falante em uma zona de conforto que o faz ficar mais à vontade e, com isso, passa a usar o léxico que faz uso costumeiramente. Esses *tópicos discursivos* que aproximam o informante da zona em que ele se sente mais à vontade são exatamente os fatores em que existe uma maior frequência de uso do verbo *botar*. Tais situações nos remetem às questões de insegurança linguística, propostas por Labov (1968), ou seja, assim como as palavras escolhidas pelo entrevistador no momento da entrevista, levariam o entrevistado a uma escolha mais consciente do léxico usado para as respostas, o *tópico discursivo*, tema, no momento da fala, pode induzir o falante a um momento de insegurança e desconforto em que passaria, conscientemente, a selecionar um léxico que ele acredita ser mais formal com o intuito de causar uma boa impressão.

A *faixa etária* foi o segundo grupo de fatores selecionado como favorecedor para o processo de variação dos verbos *botar* e *colocar* e indicou que os mais velhos, *faixa etária III*, acima de 50 anos, são os que mais favorecem o uso do verbo *botar*. Esse resultado estatístico, além de corroborar nossa hipótese inicial, nos levou a acreditar que nosso objeto de estudo trata-se de um processo de variação estável, pois não observamos um padrão curvilíneo, em que os grupos extremos, os mais jovens e os mais velhos, apresentam o mesmo comportamento, contrastando com os falantes adultos, *faixa etária II*.

Os resultados nos mostram que os três grupos apresentam uma forte tendência a usar o verbo *botar*, mas, entre eles, os mais jovens constituem o grupo que se destaca por apresentar uma menor frequência para o verbo *botar* e, conseqüentemente, um maior uso do verbo *colocar*. Tal atitude pode ser interpretada devido ao fato desse grupo estar mais sujeito à interferência da forma padrão imposta pela escola. Por outro lado, o fato dos mais velhos serem os maiores favorecedores da variante apresentada como menos formal, pode indicar que essa faixa etária

seja a que menos está preocupada em manter o *registro* mais formal, pois já cumpriu parte do seu papel social e ou está aposentado ou se aproxima da aposentadoria, época em que se desprende dos conceitos impostos pelo mercado de trabalho.

A escolaridade foi um dos grupos de fatores selecionados pelo programa como relevante para o verbo *botar*, confirmando o que definimos em nossa hipótese. Os resultados apresentados para essa pesquisa nos permitem arriscar que, na comunidade estudada, são os falantes com escolarização entre 5 e 8 anos os que apresentam uma maior probabilidade de uso do verbo *botar*, em oposição aos mais escolarizados, 9 a 11 anos de escolarização. Esse resultado não era o esperado, uma vez que a literatura nos revela que quanto menor o nível de escolarização, maior a probabilidade de uso das variantes não padrão, situação não constatada em nossa pesquisa, resultado que nos leva a acreditar que isso se deva ao fato do fenômeno em estudo não apresentar uma variante estigmatizada em relação a uma variante de prestígio.

A última variável apresentada como favorecedora do verbo *botar*, em uma rodada com todos os grupos de fatores, foi a *(in) determinação do sujeito*. Para essa variável, os resultados estatísticos oferecidos pelo programa revelaram que o fator *sujeito determinado pelo contexto* favorece o verbo *botar*. Entendemos, então, que, quando o sujeito do verbo pode ser identificado a partir da fala do informante, existe uma probabilidade maior de uso do verbo *botar* do que com o sujeito genérico, quando não aponta para o praticante da ação do verbo.

Nesse estudo, decidimos ir além do que a literatura sobre o verbo em estudo tem apresentado nas últimas décadas e, para isso, resolvemos averiguar a variação linguística existente no uso dos verbos *botar* e *colocar* além do sentido de pôr. Optamos, então, por fazermos rodadas para cada um dos fatores dessa variável, isolando-os dos demais.

Os resultados estatísticos, para uma rodada, só com a variável *sentido materializado pelo verbo na sentença*, demonstraram que entre os fatores que compõem essa variável é o sentido de *introduzir objeto ou pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*, o mais frequente pelos falantes do NORPOFOR, comparado com os demais fatores. Além disso, o programa revelou o fator *prever e adivinhar*, como o menos frequente.

Em todas as rodadas aplicadas para os fatores da variável *sentido materializado pelo verbo*, foi revelado que o verbo *botar* é mais frequente do que o verbo *colocar*. Para uma rodada só com o fator *introduzir objeto ou pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*, vimos que a variável *tópico discursivo* é a única relevante para a aplicação do verbo *botar*.

O fator cotidiano apresenta uma maior probabilidade de uso do verbo *botar*, o que

indica que o informante se sente mais à vontade quando fala sobre seu *cotidiano*, levando-o a usar mais o *registro* informal da língua.

Em uma rodada com o fator *expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*, notamos que as variantes *tópico discursivo* e *faixa etária* favorecem o verbo *botar*. Os resultados indicam que o falante de 26 a 49 anos, ao falar de assuntos que o remetem a suas *recordações*, ao tratar a ação verbal com o sentido em análise, apresenta uma maior probabilidade de fazer uso do verbo *botar* do que do verbo *colocar*.

Já, para o fator *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar, plantar*, apenas a variável *escolaridade* é relevante para a ocorrência do verbo *botar*. Entendemos, então, que o falante com 5 a 8 anos de *escolarização*, favorece o verbo *botar*, enquanto os demais fatores o inibem.

Para o fator *acomodar, matricular, prender, denunciar*, os resultados estatísticos revelaram que o grupo de fator *escolaridade, faixa etária, tópico discursivo* e *papel do falante* favorecem o uso do verbo *botar*. Os resultados mostram que os falantes com 5 a 8 anos de *escolarização*, idade superior a 50 anos, *tópico vida escolar* e *agente da ação* verbal privilegiam o verbo *botar*.

Os resultados para o verbo no sentido de *dispor, deitar, arrumar, juntar, montar* e *organizar* indicam as variáveis *escolaridade* e *tópico discursivo* como as únicas que beneficiam o verbo *botar*. Concluímos, a partir dos dados estatísticos, que o falante com *escolaridade* entre 5 a 8 anos, ao falar sobre *trabalho*, com o verbo no sentido de *dispor, deitar, arrumar, juntar, montar* e *organizar* favorecem o uso do verbo *botar*.

Quando o verbo é usado com o sentido de *contratar, empregar, eleger, demitir, aposentar*, observamos que os fatores *faixa etária II*, de 26 a 49 anos, *tópico cotidiano, paciente da ação* verbal privilegiam o verbo *botar*.

Para o sentido *tocar de leve, encostar, esfregar, empurrar, olhar de soslaio*, o programa demonstrou que os falantes com idade entre 26 a 49 anos e *escolarização* de 0 a 4 anos, beneficiam o uso do verbo *botar*.

Os resultados gerais, apresentados no decorrer de nossas análises, nos fazem arriscar que, quando o falante é *determinado pelo contexto*, com mais de 50 anos de idade, *faixa etária III*, e *escolaridade* entre 8 e 11 anos, falando de *lazer, cotidiano, política local/ nacional*, de suas *recordações*, de *política social* ou *urbana*, de seus *relacionamentos* e de sua *vida escolar*, o verbo *botar* é o mais usado.

Reconhecemos que essa pesquisa não é conclusiva e apresenta limitações que só o

tempo e maiores fontes poderão ajudar. Esperamos que ela possa ser ampliada em trabalhos futuros, usando outro *corpus*, PORCUFORT, em tempo real, para que possamos apresentar uma dimensão mais aprofundada de como os verbos em análise se apresentam nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci Andrade de.; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum: estudos linguísticos**. Londrina, n. 11/2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 21 – 47.
- ANJOS, Sandra Espínola dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Disponível em: <http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord>. Acesso em: 17 jul. 2018.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>>. Acesso: 11 nov. 2017.
- _____. O abaixamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. **Caderno do CNLF**, Rio de Janeiro, v.14, n. 2, t. 2, p. 1203-1214, ago. 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1203-1214.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.
- _____. O alteamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza. **Revista de Letras**, v. 30, n. 1/4, p. 99-104, jan.2010/ dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br>>. Acesso em: 12 out. 2017.
- _____. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza- NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v.15, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- _____. ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. O alteamento da postônica no final /o/ no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Web-revista Sociodialeto**, v. 3, n. 9, p.298-308, mar. de 2013. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ARAÚJO, Juliana Geórgia Gonçalves. **As construções com o verbo botar: aspectos relativos à gramaticalização**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010_dis_jggaraujo.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

_____. **Análises das construções com o verbo suporte botar:** propriedades gramaticais e discursivas. 2016. 122 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22150/3/2016_tese_jggaraujo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

ARAÚJO, Aluiza Alves; GUIMARÃES, Tatiana de Araujo Almeida Studart; CARVALHO, Hebe Macedo de. As formas de tratamento nominais em questão: uso de macho e rapaz no falar de Fortaleza. **Confluência:** Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 51, p. 128-147, 2 semestre 2016. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/141/101>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais nós?** Uma fotografia Sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em:

<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta:** língua & poder na sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

BARRETO, Krícia Helena; OLIVEIRA, Nathália Felix; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae:** Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2012. Disponível em:

<www.unucseh.ueg.br/vialitterae>. Acesso em: 1 dez. 2013.

BATORÉO, Hanna J.; CASADINHO, Margarida. Botar as mãos na massa? Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo 'botar' no PE e PB". In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2009, Évora. **Anais Eletrônicos...** Évora, PT: Universidade de Évora, 2009. p. 37-55. Disponível em: <

<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg4/04.pdf> >. Acesso em: 1 dez. 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BLOOMFIELD, Leonard. A set of postulates for the science of language. **Language**, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português.** São Paulo: Ática, 1996.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna:** a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BRITAIN, David; MATSUMOTO, Kazuko. **Language, communities, networks and practices.** 2008. Disponível em:

<<http://www.homepages.tesco.net/~david.britain/15.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRITO, José Roberto de Souza. **Análise variacionista do clítico das estruturas de-transitivas mediais no português oral popular de Fortaleza**. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8200>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipion, 2000.

CALVET, Loius-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CANÇADO, Márcia. Os papéis temáticos. In: _____. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 111-114.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CARMO, Débora Lopes; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282-297, jul. 2015. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CARVALHO, Gislane Lima. **Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa**. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/TESE%20GISLENE%20LIMA%20CARVALHO.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

CARVALHO, Hebe Macedo de. A alternância das formas subjuntivo e indicativo na fala do Ceará: uma análise variacionista. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n.1, p.169-190, jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v27i1p169-190>>. Acesso em: 10 out. 2017.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CHAMBERS, Jack. **Sociolinguística theory: Linguistic Variation and Its Social Significance**. Oxford: Blackwell, 1995.

CHAVES, Monica de Freitas Frias. **Campo semântico e usos dos verbos colocar, botar e pôr no português do Brasil: uma contribuição ao ensino de PL2E**. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29145/29145.PDF>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

CISNE, Marcos Rodney Portela. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza/CE**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em:

<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Cristiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Sociolinguística**: Curso de Licenciatura em Letras – Portuguesa na Modalidade a Distância. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em:

<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

_____. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

ECKERT, Penelope. **The whole woman**: sex and gender differences in variation. Palo Alto, U.S.A: University of Illinois, Chicago and Institute for Research on Learning, 1990.

Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desembaraçando alguns nós. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

FAVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2003.

FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994. Disponível em: <www.elsevier.com/books/sociolinguistic-metatheory/figueroa/978-0-08-042399-9>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FISHER, John L. Social influences on the choice of linguistic variant. **Word**, New York, n.14, p. 47-56, 1958.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

_____. (Org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em: <<http://openaccess.blucher.com.br/article-list/metodologia-sociolinguistica-268/list#articles>>. Acesso em: 5 ago. 2017.

FURTADO, Bárbara Amaral de Andrade. **A concordância de número em predicativos do sujeito**: variação linguística em Fortaleza. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará,

Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26900>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino. (Org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005. v.7. p. 277-299.

GARCEZ, Lucila do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. (Orgs.). **Textos dissertativos-argumentativos: subsídios para a qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRACIOSA, Diva. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUMPERZ, John Joseph. The speech community. In: SILLS, David Lawrence; MERTON, Robert King. (Eds.). **International encyclopedia of the social sciences**. London: MacMillan, 1968. p. 381-86.

GUIMARÃES, Tatiane de Araújo Almeida Studart. **TU É DOIDO, MACHO!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza/CE. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

GUY, Gregory Rui. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. **Anais Eletrônicos...** Fortaleza: Abralín, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

HYMES, Dell Hathaway. Introduction. In: HYMES, Dell Hathaway. (Ed.). **Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology**. New York: Harper and Row, 1964. p. 385-390.

_____. (Ed.). **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. Oxford: Blackwell, 1972. p. 35-71.

HOLMES, Janet. **An introduction to sociolinguistics**. 4. ed. New York: Routledge, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. Título original: Sociolinguistic Patterns.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistics Working Paper**, Texas, n. 44, p. 1-16, 1978. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>> Acesso em: 25 out. 2017.

_____. The social stratification of /r/ in New York City department stores (1966). In: LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedras, 1999.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, New York, v. 57, n. 2, p. 267-308, jun. 1981. Disponível em: <<https://msu.edu/course/lin/225/Articles%20for%20lab/Labov-1981-Neogram.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change, **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1991. Disponível em: <www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S0954394500000338>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. La transmission des changements linguistiques. In: GADET, Françoise (Org.). **Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan Linguages**. New York: Larousse, 1992. p.16-31.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas os North American English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LACERDA, Jean Carlos Silva. **O uso variável do modo imperativo na fala de Fortaleza**. 2015. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16792>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n. 7, p. 171-182, 1978.

LAVOR, Cassio Murílio Alves de.; ARAÚJO, Aluiza Alves; VIANA, Rakel Beserra de Macedo. Uma fotografia sociolinguística dos verbos botar, colocar e pôr em Alagoa, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n.37, p. 171-310, jan./abr., 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a New Typology of Language. In: LI, Charles N. (Ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

LIMA, Tereza Maria; RÚBIO, Cássio Florêncio. O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza. In: SEMANA INTERNACIONAL DE

LETRAS DA UNILAB, 2., Redenção. **Resumos...** Redenção, CE: Unilab, 2017. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/10/Cadernoderesumos-II-Semana-de-Letras-2017.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2017.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 15. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

MAIA, João Paulo Ferreira. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza-CE**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Análise da Conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINS, Iara F. de Melo. **Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo –ndo na fala de João Pessoa**. 2001. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngue da zona rural de Goiás. **Linguagem e Ensino**, v. 4, n. 2, p. 61-92, 2001. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v4n2/e_heloisa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

MEYERHOFF, Miriam. Communities of practice. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **Handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 526-548. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HJLeCRds-6AC&oi=fnd&pg=PT2&dq=Handbook+of+variation+and+change&ots=fw0NHDVu8D&sig=AL9l0a4kvmM1Y0YAZiCxsSwMI8o#v=onepage&q=Handbook%20of%20variation%20and%20change&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. **Introducing Sociolinguistics**. London: Routledge, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=yfyVII7GRPMC&printsec=frontcover&dq=Introducing+Sociolinguistics&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjUoYDQ1sTXAhUJkJAKHRAeDTIQ6AEIJjAA#v=onepage&q=Introducing%20Sociolinguistics&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

MOLLICA, Maria Cecília. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística** - o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 27-31.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2001. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9>. Acesso em: 18 jul. 2018.

_____. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB.** 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender LABOV.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística quantitativa: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 1994. p.147-179.

NASCIMENTO, Júlio César Dinoá do. **Marcadores discursivos na norma oral popular de Fortaleza.** 2010. 193 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8893>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

NASCIMENTO, Katiane Rozy Santos do; ARAÚJO, Aluiza Alves; CARVALHO, Wilson Júnior de Araujo. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Veredas atemática**, Juiz de Fora, MG, v.17, n. 2, p. 398-413, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. A modalidade na norma oral popular da cidade de Fortaleza. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 16., 2011, Alcalá de Henares. **Anais...** Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Alcalá, 2011. p. 3655-3662. Disponível: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19604>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

PADLEY, G. A. A norma na tradição dos gramáticos. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Norma linguística.** São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 55-96.

PEREIRA, Deize Crispim. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas.** 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022013-120141/pt-br.php>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Por que eles não concorda?** Mecanismo de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza/CE. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/288-2016>. Acesso em: 25 out. 2017.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. Organização tópica e efeitos estético-estilísticos nas cartas dos Sertões do Seridó. **Caledoscópio**, v. 13, n. 3, p. 302- 315, set./dez., 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/cld.2015.133.03/5061>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

_____. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p.793-812, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n3/a07v12n3.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

_____. Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica. Maceió: Edufal, 2005.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROMAINE, Suzanne. **Language in society: an introduction to sociolinguistics**. London: Blackwell, 1994. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1QZXbCGIhVMC&printsec=frontcover&dq=Language+in+society:+an+introduction+to+sociolinguistics&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjAuNLp2MTXAhUJvZAKHfEIDaIQ6AEIJjAA#v=onepage&q=Language%20in%20society%3A%20an%20introduction%20to%20sociolinguistics&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, 2008. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/175432?mode=full>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. ; SMITH, Eric. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SANTOS, Jéssica Coelho Franklin dos. **Não quero não!** As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza- CE na perspectiva variacionista. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <www.uece.br/posla/.../Dissertação%20Jéssica%20Coelho%20F.%20Santos.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

SANTOS, Patrícia Tavares de Almeida. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões Sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro da Letras**, Bahia, n. 4, p. 117-149, 2012.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 147-178.

_____; NARO, Antony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 147-178.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 147-178.

SEVERO, Cristine Gorsky. A comunidade de fala na Sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Voz das Letras**, n. 9, p. 1-17, 2008.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 117- 134.

SILVA Giselle Machline Oliveira e.; PAIVA, M. Conceição Auxiliadora de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Klébia Enislaine do Nascimento e. **Colaboração intraturno na construção dos enunciados da norma oral do português popular da cidade de Fortaleza**. 2013. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SINCLAIR, John. **Copus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOUSA, Francisco Ferreira de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular? A variação dos verbos existenciais em amostras do NORPOFOR**. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/228-2015>. Acesso em: 23 out. 2017.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analyzing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VOTRE, Sebastian Josué. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. cap. 6. p. 51 -59. (Cadernos Didáticos).

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 51-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOLFRAM, Walt; FASOLD, Ralph. Methods in the study of social dialects. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORRAK, Adams. (Eds.). **Sociolinguistics**: a reader. New York: St. Martins Press, 1997. p. 88-115.

_____; FASOLD, Ralph. **The study of social dialects in american english**. Englewood Cliffs, N. J: Prentice Hall. Inc, 1974. Disponível em:
<<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/aa.1977.79.4.02a00680>>.
Acesso em: 15 out. 2018.

ANEXO

ANEXO A – Parecer do comitê de ética


PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DA VARIAÇÃO DOS VERBOS BOTAR E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA-CE

Pesquisador: CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 86639118.0.0000.5534

Instituição Proponente: Centro de Humanidades

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.696.581

Apresentação do Projeto:

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG 1968, LABOV 1972, 1994, 2001), esse trabalho pretende analisar a alternância entre as formas verbais botar e colocar no falar dos fortalezenses. Os dados analisados foram extraídos do banco de dados NORPOFOR- Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, cujos informantes apresentam o seguinte perfil: são pessoas nascidas ou que aqui se estabeleceram com até 5 anos de idade, residem em Fortaleza e, se algum dia viajaram, não o fizeram por um período superior a 2 anos; seus pais são cearenses e possuem grau de escolaridade não superior a 11 anos de estudo. Nossa amostra é formada por 107 informantes, estratificados de acordo com a faixa etária (I- 14 a 25; II- 26 a 49; III- + de 50 anos, respectivamente), sexo (masculino e feminino), tipo de registro (D2 – conversas entre amigos e/ou familiares e DID- entrevistas) e grau de escolaridade (A- nenhuma 4 anos; B- 5 a 8 anos; C- 9 a 11 anos). Esta pesquisa objetiva não só verificar qual verbo é mais produtivo na amostra analisada, mas também averiguar quais variáveis são significativas em cada uma das rodadas que pretendemos realizar: botar x colocar, botar x pôr e colocar x pôr. Serão controlados os seguintes grupos de fatores: traço semântico, posição do SN, tempo verbal, sexo, faixa etária, tipo de registro e grau de escolaridade. A análise quantitativa dos dados será feita no GoldVarb X, o qual nos dará resultados estatísticos sobre os fatores mais relevantes para o favorecimento de cada um destes verbos nas rodadas que serão feitas. Acreditamos que a variante botar seja a mais usada em detrimento das variantes prestigiadas,

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

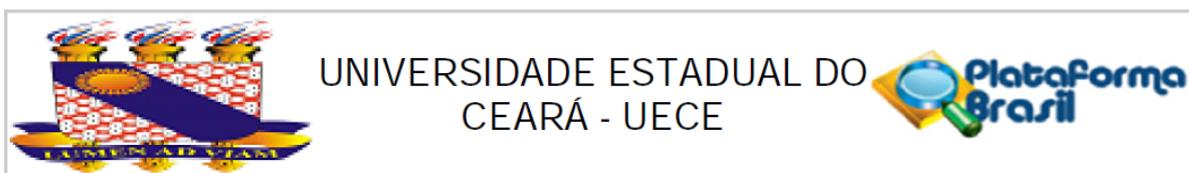
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 2.696.581

colocar e pôr e que a variável mais relevante para o uso de botar seja a escolaridade.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a alternância entre as formas verbais botar e colocar, no falar popular dos fortalezenses, à luz da Sociolinguística Quantitativa. a) Identificar, dentre as variantes botar e colocar, a que se realiza com maior frequência na amostra analisada; b) Analisar se os grupos de fatores extralinguísticos, como sexo, faixa etária e tempo de escolarização beneficiam o uso da variante botar na amostra em estudo; c) Analisar se as variáveis linguísticas, a saber: traço semântico ou animacidade, tipo de relato, sentido traduzido do verbo, tipo de sequência textual, tempo verbal e modo, tipo de discurso, (in)determinação do sujeito, locução verbal, termo seguinte ao verbo, posição inicial do verbo e alternância entre os verbos favorece o uso do verbo botar na amostra examinada. d) Verificar se a alternância entre os verbos botar e colocar se trata de um processo de variação estável ou se há indícios de mudança em curso no sentido de botar substituir colocar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador relatou que os riscos estão relacionados a uso inadequado dos audios do banco de dados para outros fins que não sejam de pesquisa científica. Quanto aos benefícios foi abordado principalmente às questões pessoais do pesquisador.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Justificativa e relevância ok.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos de apresentação obrigatória ok.

O autor apresentou o termo de fiel depositário.

Recomendações:

Incluir riscos com relação ao uso dos dados secundários.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|--------------------------------|---|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1068405.pdf | 03/06/2018 17:49:09 | | Aceito |

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

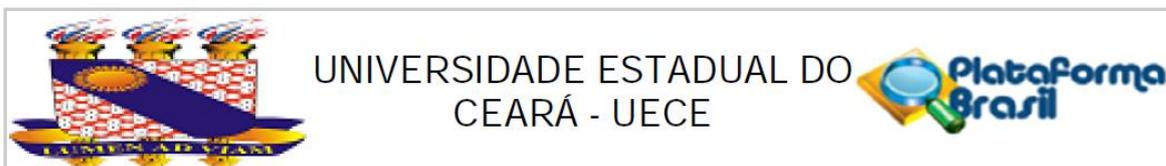
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 2.696.581

| | | | | |
|---|--|------------------------|-------------------------------|--------|
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Autorizacao_de_fiel_depositario_Murilo.pdf | 03/06/2018 17:48:39 | CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR | Aceito |
| Outros | SOLICITACAO_DE_DISPENSA.docx | 26/03/2018 17:18:19 | CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | VARIACAO_DOS_VERBOS_BOTAR_E_COLOCAR_NORPOFOR.pdf | 26/01/2018 13:15:27 | CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto_Murilio_assinada.pdf | 26/01/2018 13:14:02 | CASSIO MURILIO ALVES DE LAVOR | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 06 de Junho de 2018

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
(Coordenador)